



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira

Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica

**"Vestindo a camisa" do CAP-UERJ: sentidos das Olimpíadas  
Escolares no contexto da escola pública**

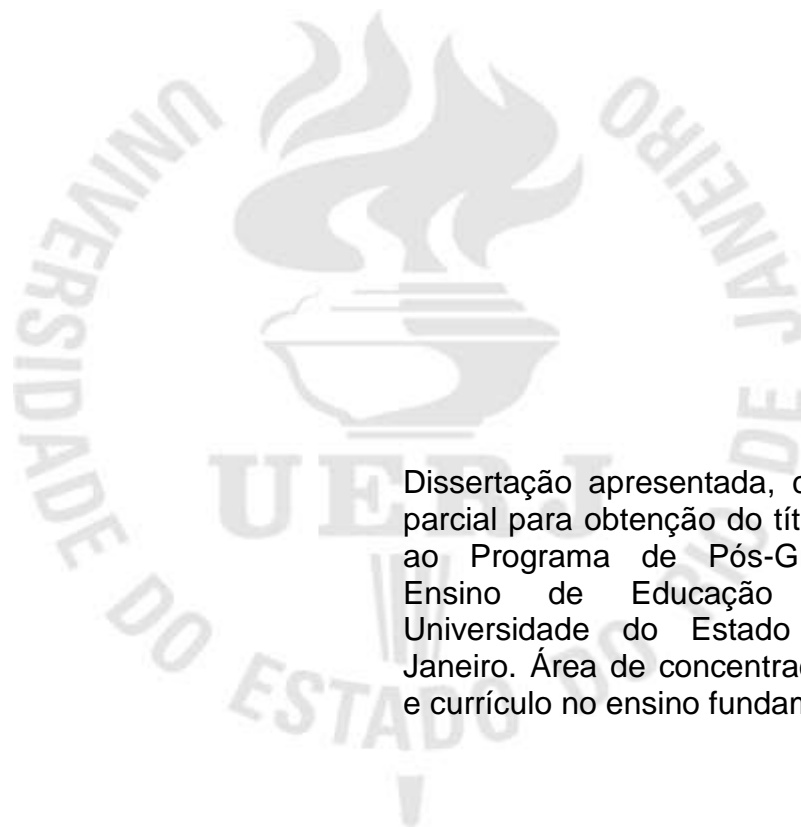
Lícia Maria Vieira Vasconcellos

Rio de Janeiro

2017

Lícia Maria Vieira Vasconcellos

**"Vestindo a camisa" do CAP-UERJ: sentidos das Olimpíadas Escolares no contexto da escola pública**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Educação Básica, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Cotidiano e currículo no ensino fundamental.

Orientador: Prof. Dr. Lincoln Tavares Silva

Rio de Janeiro

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CAPA

V331 Vasconcellos, Lícia Maria Vieira  
"Vestindo a camisa" do CAp-UERJ: sentidos das Olimpíadas  
Escolares no contexto da escola pública / Lícia Maria Vieira  
Vasconcellos. - 2017.  
130f. : il.

Orientador: Lincoln Tavares Silva.

Dissertação (Mestrado) – Instituto de Aplicação Fernando  
Rodrigues da Silveira – CAp-UERJ.

1. Práticas Pedagógicas – Teses. 2. Representações Sociais –  
Teses. 3. Olimpíadas Escolares-Memórias Institucional – Teses. I.  
Silva, Lincoln Tavares. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro –  
Instituto de Aplicação Rodrigues da Silveira. III. Título.

CDU 37.013

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial  
desta dissertação desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Lícia Maria Vieira Vasconcellos

**"Vestindo a camisa" no CAp-UERJ: Sentidos das Olimpíadas Escolares no contexto da escola pública**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Educação Básica, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Cotidiano e Currículo no Ensino Fundamental

Aprovada em 15 de março de 2017.

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. Lincoln Tavares Silva – Orientador – PPGEB/CAp-UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Andrea da Paixão Fernandes – Membro Interno – PPGEB/CAp-UERJ

---

Prof. Dr. Rogério Mendes Lima. – Membro Externo - Colégio Pedro II

Rio de Janeiro

2017

## DEDICATÓRIA

A meus pais,  
meus filhos,  
minha neta Sophia,  
ao meu neto ou neta que vai chegar.

**E especialmente a meu marido *in memoriam*.**

## AGRADECIMENTOS

Destaco a importância de meu orientador professor Lincoln Tavares Silva, pela orientação criteriosa, objetiva, carinhosa e paciente por meio da qual muito aprendi sobre a importância de uma prática pedagógica de longa duração e como esta pode contribuir para formação do sujeito independente da disciplina à qual ela está vinculada.

Agradeço também à professora Claudia Hernandez Barreiros Sonco, Coordenadora do Programa de Pós-graduação de Ensino em Educação Básica e à professora Andrea da Silva Marques Ribeiro, Vice-coordenadora, e a todos os professores do Programa, pela troca, apoio e amizade recebida durante este trabalho. Adoraria evidenciar meu carinho pelos colegas que junto comigo trilharam esta estrada.

Agradeço a professora Andrea da Paixão Fernandes, ao professor Rogério Mendes Lima, a professora Maria Beatriz Dias da Silva Maia e ao professor Claudio Maia Porto, pela disponibilidade e gentileza em participar de minha banca! É uma honra e uma grande felicidade tê-los como participantes da Banca nesse momento final. A presença de todos vocês dignifica esse trabalho! Muito obrigada.

Gostaria de deixar aqui registrado meu agradecimento ao CAP-UERJ - ao seu corpo docente, discente e aos funcionários técnicos administrativos - que foi responsável pela minha formação e amadurecimento como profissional e pessoa e que, após tantos anos de convivência, me permitiu fazer tantos amigos.

Aos meus ex-alunos que me ajudaram respondendo aos questionários, que muito contribuiu para elucidação de minha pesquisa.

As minhas amigas Helena Maria Araújo, Terezinha Nazar, Neyla Al Cici, e todos os outros que não cito nominalmente, mas que contribuíram me incentivando, apoiando, não permitindo que desistisse quando não via um horizonte à minha frente, quando só o que conseguia ver era a tempestade que se formava e caía no meu entorno. Estas pessoas não sabem o quanto foram importantes, não só neste processo pelo qual estou me qualificando profissionalmente, mas na vida pessoal, me deram colo nos momentos mais difíceis.

Ao meu sobrinho João Luiz por seu auxílio com o conhecimento tecnológico.

À minha mãe, a quem amo incondicionalmente, a quem sou grata pela formação, carinho, puxões de orelha e pelo exemplo de mãe, mulher e esposa que recebi de forma tão doce e gratuita.

Ao meu pai, que tanto amo, por quem não tenho palavra para agradecer, que com seu exemplo devo a minha formação de caráter e hombridade.

Às minhas irmãs, Maria Helena e Maria Teresa, pela paciência, solidariedade e solicitude em me substituir nos cuidados e atenção a meus pais, durante esse processo.

Aos meus filhos Fabricio, Daniele e Marcela pelo amor, amizade e compreensão da importância deste processo para minha vida profissional. Também agradeço a compreensão pelas minhas ausências.

A Sophia, minha neta amada, de quem roubei muitas horas de brincadeiras prazerosas, idas a cinemas, piscina e muitas outras coisas que gostamos tanto de fazer. E não posso deixar de agradecer ao neto ou neta que está para chegar renovando a vida e a energia de nossa família.

E aqui farei um agradecimento especial, *in memoriam*, a quem durante trinta e seis anos de minha vida, sempre, carinhosamente chamei de **Pingo**, Marcus Flávio, companheiro no sentido mais amplo da palavra, a quem conheci ainda muito jovem e com quem, juntos, tivemos e lapidamos três pedras preciosas, que são nossos filhos. OBRIGADA!!!

E por fim, a Deus por ter me dado força e equilíbrio para conseguir chegar ao final deste trabalho num momento de vida tão conturbado.

## RESUMO

VASCONCELLOS, Lícia Maria Vieira. **"Vestindo a camisa" do CAp-UERJ:** sentidos das Olimpíadas Escolares no contexto da escola pública. 2017. 130f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Educação Básica). Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

Nesta dissertação apresento um estudo e análise sobre a prática pedagógica formativa das Olimpíadas Desportivas do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira - CAp-UERJ, no qual abordo questões que permitam refletir sobre os impactos de tal prática formativa. O Instituto de Aplicação tem sua origem no Colégio de Aplicação - escola pública, do sistema estadual de ensino do Rio de Janeiro, vinculada à Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O estudo se deu por meio da investigação dos sentidos atribuídos às Olimpíadas Desportivas do CAp-UERJ, baseado em registros advindos dos diferentes atores, docentes e ex-estudantes que responderam sobre como viveram nesta atividade escolar. No caminho teórico-metodológico utilizamos o instrumental fornecido pela Teoria das Representações Sociais, assim como elementos da Memória e da Identidade, para compreender os sentidos e valores atribuídos pelos sujeitos pesquisados a esta prática pedagógica de longa duração. Estudamos e investigamos as mudanças e permanências dos principais ritos e tradições das Olimpíadas e das tensões do desenrolar do seu processo pedagógico, por meio da análise e reflexão sobre os sentidos que memórias e representações sociais demonstraram em relação a tal prática pedagógica. Partimos dos depoimentos dos entrevistados pela revista *e-MOSA/COS*, de 2013, para buscarmos os valores agregadores de polos de sentidos das práticas educativas das Olimpíadas do CAp (EDUCAÇÃO FÍSICA; PARTICIPAÇÃO; INCLUSÃO; TRANSFORMAÇÃO/PERMANÊNCIA). Em seguida, buscamos identificar, através da análise dos questionários de ex-estudantes de diferentes gerações, a permanência ou não desses polos de sentidos, assim como o surgimento de novos polos (LUDICIDADE; IDENTIDADE) que permitam caracterizar a importância renovada desta prática educativa de longa duração.

Palavras – chave: Práticas Pedagógicas - CAp-UERJ. Representações sociais. Olimpíadas escolares – Memória Institucional.



## ABSTRACT

VASCONCELLOS, Lícia Maria Vieira. "**Dressing the shirt**" of the **CAP-UERJ**: senses of the school olympics in the context of the public school. 2017. 130f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Educação Básica). Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

In this dissertation, is presented a study and analysis about the pedagogical practice of the Sports Olympics of the Institute of Application Fernando Rodrigues da Silveira - CAp / UERJ, where are approached questions that allow to reflect on the impacts of such training practice. The Application Institute has its origins in the College of Application - public school, of the state educational system of Rio de Janeiro linked to the Rio de Janeiro State University. The study was carried out through the investigation of the meanings attributed to the CAp / UERJ Sports Olympics, based on the records of different actors, teachers and former students who answered about how they lived in this school activity. In the theoretical-methodological path is used the instruments provided by the Theory of Social Representations, as well as elements of Memory and Identity, to understand the meanings and values attributed by the subjects researched to this long-term pedagogical practice. We study and investigate the changes and permanencies of the main rites and traditions of the Olympics and the tensions of the development of their pedagogical process through the analysis and reflection on the meanings that memories and social representations demonstrated in relation to such pedagogical practice. We started with the testimonials of the interviewees by the e-MOSAICOS magazine, 2013, in order to search for the values of the poles of meanings of the educational practices of the CAp Olympics (PE; PARTICIPATION; INCLUSION; TRANSFORMATION / PERMANENCE) Next, we seek to identify, through the analysis of the questionnaires of former students of different generations, whether or not these poles of meaning remain, as well as the emergence of new poles (Playfulness; IDENTITY) that allow to characterize the renewed importance of this long duration educational practice.

Keywords: Pedagogical Practice. CAp-UERJ. Social Representations. School Olympics - Institutional Memory.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA</b> .....	9
<b>1. CAMINHANDO PELA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	17
<b>1.1 Caminhos percorridos e nossas bases</b> .....	17
1.1.1 <i>Teoria das Representações Sociais</i> .....	17
1.1.2 <i>Educação e formação</i> .....	22
1.1.3. <i>Identidade</i> .....	24
1.1.4. <i>Representações Sociais e Identidade</i> .....	28
1.1.5. <i>A importância da Memória</i> .....	30
<b>2. O JACARANDÁ QUE DEU CERTO: O SURGIMENTO DO CAP-UERJ E DAS OLIMPÍADAS DO CAP-UERJ</b> .....	37
<b>2.1. De Ginásio de Aplicação a Colégio de Aplicação</b> .....	37
<b>2.2. De Colégio a Instituto</b> .....	43
<b>2.3. A História das Olimpíadas e seu Funcionamento</b> .....	45
<b>3. PELAS PISTAS METODOLÓGICAS PERCORRIDAS</b> .....	57
<b>3.1 O caminho metodológico</b> .....	57
3.1.1 <i>Caminho metodológico</i> .....	57
3.1.1.1 <i>Leitura, interpretação e categorização da entrevista “OLIMPÍADA DO CAP-UERJ 40 anos de história e memórias”</i> .....	59
<b>4. CARROSSEL DE EMOÇÕES: ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS E DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS</b> .....	80
<b>4.1 O que nos trazem os questionários</b> .....	80
<b>DO FRONDOSO JACARANDÁ QUE IMPULSIONA O CARROSSEL DE EMOÇÕES DAS OLIMPÍADAS DO CAP-UERJ ... OU APENAS DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	90
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	95
<b>APÊNDICE A</b> — Questionário .....	99
<b>APÊNDICE B</b> — Produto.....	101

## INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Juntem-se a mim e apoiem todos os jovens deste mundo para que estes possam obter o que é básico para a humanidade: comida, abrigo e educação. Educação não apenas habilita nossos jovens a se tornarem melhores cidadãos e líderes do futuro, mas também irá ajudá-los a fazer uma mudança positiva e uma poderosa diferença<sup>1</sup>.

*Keino<sup>1</sup>, ex atleta queniano Kipchoge "Kip" Keino*

Nesta dissertação apresento um estudo e análise sobre a prática pedagógica formativa das Olimpíadas Desportivas do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira - CAP-UERJ, no qual abordo questões que permitam refletir sobre os impactos de tal prática formativa. O Instituto de Aplicação tem sua origem no Colégio de Aplicação - escola pública, do sistema estadual de ensino do Rio de Janeiro/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

O estudo se dará por meio da investigação dos sentidos atribuídos às Olimpíadas Desportivas do CAP-UERJ, baseado em respostas advindas dos diferentes sujeitos que responderam sobre o que viveram nesta atividade escolar. No caminho metodológico utilizaremos, principalmente, do instrumental fornecido pela Teoria das Representações Sociais para compreender os sentidos atribuídos pelos sujeitos pesquisados.

Nosso ponto de partida será a entrevista, “OLIMPÍADA DO CAP-UERJ – 40 anos de história e memórias”<sup>2</sup>, com os professores aposentados Celby Santos - idealizador dessas Olimpíadas, Raul Ferreira Neto, Ivan Mihessen, Denise Mihessem, Aristônio Gonçalves Leite Jr. e Marcelo Miragaya dos Santos, este último sendo o único ex-aluno e ex-professor contratado do Instituto de Aplicação.

As considerações e estudo que pretendemos fazer correspondem à pesquisa de minha dissertação como aluna do Mestrado Profissional de Ensino em Educação

---

<sup>1</sup> Disse Keino, ex-atleta queniano Kip Keino e o primeiro a receber o Laurel Olímpico e hoje presidente do Comitê Olímpico do Quênia, na abertura das Olimpíadas Rio 2016. Após encerrar a carreira de atleta, Keino criou um orfanato e instituições educacionais no Quênia.

<sup>2</sup> Realizada pelos professores Esequiel Rodrigues de Oliveira, Lincoln Tavares Silva e pela professora Sonia Wanderley para a e- *Mosaicos* - Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP-UERJ), e-*MOSAICOS*, v.2 ,n.3, 2013.

Básica e buscam contribuir para o acréscimo de conhecimentos sobre essa prática educativa mais do que encerrar questões.

Estudamos e investigamos as mudanças e permanências dos principais ritos e tradições das Olimpíadas e das tensões do desenrolar do seu processo pedagógico por meio da análise e reflexão sobre os sentidos que memórias e representações sociais venham a demonstrar em relação a tal prática pedagógica. Partimos dos depoimentos dos entrevistados pela revista *e-MOSAICOS* para buscarmos os valores agregadores de polos de sentidos das práticas educativas das Olimpíadas do CAp. Posteriormente, buscamos identificar, através da análise dos questionários de ex-estudantes de diferentes gerações, a existência ou não desses polos de sentidos e também se novos polos surgiram que permitam caracterizar a importância desta prática educativa de longa duração.

O objetivo geral de nossa investigação baseia-se no levantamento, reflexão e análise dos sentidos atribuídos às Olimpíadas Desportivas do CAp-UERJ. Portanto, pretendemos captar os sentidos atribuídos por diferentes sujeitos escolares à prática formativa das Olimpíadas Desportivas do CAp-UERJ.

Como objetivos específicos de nossa pesquisa elencamos:

- enumerar e analisar as influências formativas existentes nas Olimpíadas Desportivas do CAp-UERJ, a partir do depoimento realizado por alguns dos seus idealizadores;
- identificar se o tipo de influências formativas citadas na entrevista realizada pela revista *e-MOSAICOS*, em 2013, como sendo norteadoras deste processo desde sua criação, realmente permanecem presentes atualmente na estrutura do processo olímpico do CAp-UERJ, a partir da visão de seus ex-estudantes;
- analisar as possíveis relações e impactos das Olimpíadas Desportivas do CAp-UERJ com as demais práticas pedagógicas;
- pesquisar que elementos norteiam a participação dos envolvidos no processo olímpico, tomando por base condutas mais solidárias, ou mais competitivas, que expressem tipos diferentes de formação para a cidadania e para a criação de identidades;
- identificar o quanto as Olimpíadas Desportivas no CAp-UERJ influenciam ou influenciaram no direcionamento da vida de diferentes sujeitos que vivenciaram.

Além disso, ao longo da nossa investigação com o objetivo de abraçar nosso tema, trabalhamos com a Teoria das Representações Sociais, com os

conceitos/eixos temáticos de identidade, memória, formação humana e relação Educação e Formação.

Como eixo norteador da prática pedagógica, assim como Freire (1987), defendemos que "formar" é muito mais que formar o ser humano em suas destrezas, sendo assim, devemos atentar para a necessidade de formação ética, para a tomada de consciência sobre a importância de estimular uma reflexão crítica da realidade na qual estamos inseridos.

O fato de ser professora e partícipe desse processo educativo foi fator preponderante para que tivesse o interesse pelo tema. Sendo assim, fazer um estudo e investigação da história das Olimpíadas Desportivas Internas do CAP-UERJ e de suas práticas, se confunde com a minha história de vida e profissional. Muito do que será abordado, faz parte de minha experiência como professora.

O pioneirismo desta pesquisa me fará recorrer à documentação arquivada no Centro de Preservação da Memória Institucional Prof. Fernando Sgarbi Lima<sup>3</sup>. O garimpo árduo representa, dessa forma, um grande desafio emocional e acadêmico. Concordando com Araújo (2012, p.30), "fazer a memória de minha caminhada profissional e existencial para chegar até aqui, não é fácil... fazer memória desse caminho é, no mínimo, desafiador!". É um desafio porque nos meus 35 anos de magistério, foi, no dia a dia do CAP-UERJ, que me fiz professora, por meio dos saberes derivados da experiência docente, pois quem ensina, ensina "alguma coisa" e "a alguém" – logo, ensinar inexiste sem aprender e vice-versa. O ensinar-aprender é uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética (FREIRE, 1987). Analisamos os saberes que emergiram na pesquisa, com base em diferentes teóricos<sup>4</sup>, como frutos da prática reflexiva. Afirmando isso, pois no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues de Silveira/CAP-UERJ, unidade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, comecei ainda jovem e permaneço até hoje. Portanto, não só observo o campo, mas interajo com ele há décadas.

Por isso, foi tão importante estar alerta no campo de investigação, pois se por um lado meu "apaixonamento" pelo objeto de estudo me impulsiona, por outro, corro o risco de me perder e não tecer uma reflexão crítica sobre meu próprio trabalho.

---

<sup>3</sup> Centro de Memória Institucional do CAP-UERJ.

<sup>4</sup> FREIRE, 2001; PERRENOUD, 2002; ALONSO, 1999; PIMENTA e GHEDIMN, 2002; IMBERNÓN, 2001; ALARCÃO, 2003; GRACÍA, 1999; entre outros estudados e pesquisados.

Dialoguei com ex-alunos do CAP-UERJ das 4 gerações da instituição, assim como com a documentação - principalmente com a iconografia - arquivada no Centro de Memória do CAP. Retraturei apenas o que foi necessário ao meu estudo, relacionando minhas análises e conclusões ao objeto escolhido e às questões/problemas levantados, como nos chama atenção Duarte (2002).

Fiz meus estágios supervisionados I e II no Colégio de Aplicação de agosto de 1979 a julho de 1980, como requisito obrigatório para completar a graduação em Licenciatura Plena em Educação física e Desporto. Nesse período, ainda como estagiária, pela primeira vez pude participar e observar as Olimpíadas do CAP-UERJ e foi um “caso de amor à primeira vista”. No meio do ano de 1981 me formei e quase imediatamente fui contratada pela UERJ, como professora substituta para ministrar a disciplina de Folclore (Cultura Popular), no Instituto de Educação física e Desporto e no Colégio.

Anos depois, em 1987, surgiu a oportunidade de prestar concurso público para o CAP-UERJ, na disciplina de Folclore (Cultura Popular) que pertencia à Seção Didática de Ciências Humanas e Integração Social (SDCHIS), atual Departamento de Ciências Humanas e Filosofia (DCHF).

Quando em 1990 a disciplina para a qual fiz concurso deixou de fazer parte da matriz curricular, fui realocada por transferência de Seção Didática, do SDCHIS para a Seção Didática de Educação física e Artística (SDEFA), onde passei a fazer parte da equipe de Educação física do então, Colégio de Aplicação.

Durante esses anos no CAP-UERJ fui coordenadora da disciplina de Educação Física, subchefe do Departamento de Educação física e Artística, chefe *pró-tempore* do Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, assessora de duas direções e Vice-Diretora em duas gestões. Durante essa trajetória profissional, as Olimpíadas, cada vez mais, “corriam nas minhas veias, vestia eu sua camisa”, aumentava minha “paixão”.

Ao longo de minha trajetória no Instituto de Aplicação, entendo as Olimpíadas Desportivas Internas do CAP-UERJ, cada vez mais, como um processo que vai muito além de uma prática pedagógica isolada e não, como uma ação que constitua prejuízo à dinâmica dos processos educativos. É um momento no qual a escola altera as atividades pedagógicas de sala de aula em função daquela.

Finalmente, por compreender que essa prática educativa não é um dado em si mesmo, isolado de seu contexto sociocultural e pedagógico, mas uma construção

social inserida em um quadro dinâmico - o contexto escolar – que, por sua vez, precisa se integrar às necessidades de formação dos sujeitos como cidadãos, é que pretendo estudá-la e investigá-la, como elemento formativo.

O estudo da prática educativa das Olimpíadas do CAp-UERJ, a partir de suas representações, como processo pedagógico formativo e interdisciplinar, de forma relacionada às demais práticas cotidianas do Instituto, pode contribuir para o pensar coletivo sobre as Olimpíadas e aprimorar as demais práticas pedagógicas individuais e coletivas. Essas práticas influenciam os processos e ações que seguirão com a sua realização em anos futuros, permitindo que se possa fazer uma avaliação do quanto a mesma influencia e/ou influenciou no direcionamento da vida de diferentes sujeitos que a vivenciaram ou vivenciam.

Portanto, ao entender as atividades escolares propostas dentro ou fora do espaço escolar, como ações eminentemente educativas (FREIRE, 1987), ao contrário da simples suspensão das aulas por uma semana, as Olimpíadas podem se constituir entre os agentes formativos de maior importância no Instituto de Aplicação.

Pensando as Olimpíadas Desportivas Internas como um dos elementos formativos do CAp-UERJ é que nos propusemos a realizar a presente pesquisa, tendo sido por nós intuídos se o tipo de influências formativas citadas na entrevista realizada pela revista *e-MOSAICOS*, em 2013, são norteadoras deste processo desde sua criação e se realmente permaneceram presentes na estrutura do mesmo.

Com base em levantamentos, investigamos quais são as influências desta prática nos diferentes sujeitos que a vivenciaram e estabelecemos uma correlação com os depoimentos dos sujeitos que ainda a vivenciam, para apresentar elementos que caracterizem permanências e mudanças evolutivas e adaptativas, consensuais, ou não, na história das Olimpíadas do CAp-UERJ. Também utilizamos bases apoiadas em memórias e práticas dos sujeitos, existentes em registros imagéticos e textuais decorrentes das Olimpíadas na confecção de nosso produto, que é a compilação de um manual didático com a história e imagens das Olimpíadas, sob a forma de guia de orientação para a realização de Olimpíadas Internas em outras escolas.

Por fim, pesquisaremos que elementos norteiam a participação dos envolvidos no processo olímpico, tomando em consideração condutas mais

solidárias ou mais competitivas, que expressem tipos diferentes de formação para a cidadania presentes nesta atividade formativa.

A Olimpíada como prática formativa talvez acabe influenciando na história de vida das pessoas que dela participam. Portanto, a partir daí, me arrisco a dizer que práticas de longa duração são fundamentais para a formação dos sujeitos e seria importante que outras instituições tomassem-nas em consideração.

Entendemos as Olimpíadas como processo. Ao longo de seus quarenta e dois anos de existência, constatamos que seu regulamento inicial foi modificado algumas vezes, a fim de adequar-se à realidade política e civil do país e da Universidade. A escolha dos chefes de bandeira, por exemplo, acontecia inicialmente pela designação do corpo docente<sup>5</sup> e, atualmente, acontece de forma democrática, por eleição. Arriscamos dizer que este processo acompanhou os processos e formas de escolha democrática dos dirigentes e representantes políticos no cenário brasileiro das últimas quatro décadas.

Esta modificação aconteceu quando os alunos do primeiro ano e segundo ano do Ensino Médio, antigo Científico e Clássico, puderam se candidatar a chefes de bandeira de sua preferência, de acordo com sua identificação de pertencimento, fazendo suas campanhas em locais previamente destinados pelo corpo docente e submetendo-se ao processo eleitoral. Com o tempo, estes mesmos alunos do Ensino Médio quando demonstravam o interesse de se candidatar, tinham que se submeter a uma avaliação dos docentes, que levava em conta a ficha disciplinar do aluno e a frequência nas aulas, uma espécie de “ficha limpa” (se refere a alunos sem anotações disciplinares), evitando-se assim a imagem de um líder com características negativas. Outras alterações ocorreram ao longo dos anos e estaremos discorrendo sobre elas no capítulo 2, quando falaremos sobre a História das Olimpíadas.

Durante todos os anos as Olimpíadas do CAp-UERJ passaram por diversos momentos de crises e sucessos. Porém, resistiram ao tempo e são um grande evento da instituição escolar, mobilizando toda a comunidade escolar (estudantes, responsáveis, docentes, funcionários técnico- administrativos, ex-estudantes, pessoal da limpeza, manutenção, estagiários<sup>6</sup> etc.). Por essa atividade passaram e passam diversos estudantes.

---

<sup>5</sup> Conforme encontramos na entrevista da revista *e-Mosaico*, página 19.

<sup>6</sup> Por ser processo anual envolve formação docente com a participação de estagiários.



A prática formativa das Olimpíadas do CAP-UERJ será problematizada com base na Teoria das Representações Sociais de Moscovici. A escolha de trabalhar com a abordagem das representações sociais se deve ao fato das Olimpíadas envolverem a existência de estruturas cognitivas aparentemente estáveis, cercadas de valores, condutas, processos e fenômenos que são partilhados e que são familiarizados por diferentes sujeitos, produzindo comunicações e condutas.

Entendemos que teórica e metodologicamente os conceitos presentes na Teoria das Representações Sociais podem nos auxiliar a refletir e analisar, como os diferentes sujeitos que nos propomos a investigar conformam a complexa comunidade escolar existente nesta Unidade Acadêmica que atende à Educação Básica e Superior, composta por estudantes (de Educação Básica, Graduação e Pós-Graduação) e ex-estudantes, responsáveis, docentes, funcionários técnicos-administrativos, pessoal da limpeza e manutenção.

As Olimpíadas, também, mantêm as chamas das tradições e dos ritos que nela coexistem.

A pesquisa se justifica pelo cunho educativo que esta prática anual e recorrente apresenta, levando-nos a uma reflexão sobre a interferência das Olimpíadas nos processos educacionais mais amplos. Esta investigação é uma oportunidade para que se caracterize em que medida, uma prática formativa diferenciada, recorrente e permanente, colabora para a formação/atuação dos estudantes que tomam parte de sua execução.

Meu caminho metodológico envolveu a escolha do campo de pesquisa pelos motivos já explicitados e, por esta pesquisadora fazer parte do corpo docente dessa instituição de ensino, o que possibilitou acesso, permanência e maior conhecimento do campo.

Segundo Alves-Mazzotti (2004, p.162):

(...) o contexto e os participantes da pesquisa devem ser escolhidos no campo onde os dados serão colhidos de forma proposital em função das questões de interesse do estudo e levando-se em consideração as condições de acesso e permanência no campo e disponibilidade dos sujeitos.

Escolhemos a abordagem qualitativa, pois sua preocupação primordial, a partir do pesquisador, é o contexto que envolve a história, seus sujeitos e o local cujo estudo acontece (BOGDAN & BIKLEN, 2003). Tal preocupação visa compreender os acontecimentos, as falas, os contextos, interpretando-os à luz do

referencial teórico do investigador. Em nosso caso, o contexto são as Olimpíadas Desportivas que se realizam, anualmente, no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAp-UERJ e os sujeitos são os ex-alunos da comunidade escolar.

Esta dissertação é composta de introdução e quatro capítulos, além das referências bibliográficas e anexo. No primeiro capítulo apresentamos a Teoria das Representações Sociais como base teórica de nosso estudo, além das relações desta com os conceitos de formação humana e educação, memória e identidade. No capítulo dois apresentamos a história do CAp-UERJ e das suas Olimpíadas Internas abordando suas permanências e mudanças ao longo das décadas. No capítulo três traçamos o caminho metodológico percorrido. Já no capítulo quatro analisamos os questionários aplicados à luz da Teoria das Representações Sociais. Somando-se a estes apresentamos nossas considerações finais a respeito de nosso estudo e pesquisa, além de frisarmos os silenciamentos encontrados em nossa investigação.

## 1. CAMINHANDO PELA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

Paulo Freire

### 1.1 Caminhos percorridos e nossas bases

Na investigação sobre os sentidos atribuídos pelos ex-estudantes à prática formativa das Olimpíadas Desportivas do CAp-UERJ utilizaremos principalmente o arcabouço teórico da Teoria das Representações Sociais, como já afirmamos, perpassando também os conceitos de memória e identidade, na busca e captação dos sentidos existentes nesta prática. Tomaremos como base as lembranças encontradas nos testemunhos de diferentes sujeitos que viveram esta atividade escolar, construindo e partilhando identidades.

#### 1.1.1 *Teoria das Representações Sociais*

Nesse item discutiremos alguns dos diferentes conceitos da Teoria das Representações Sociais em diversos autores que vêm desenvolvendo este campo teórico.

Em muitos casos veremos um contexto neoliberal em que se prioriza o treinamento de pessoas a partir de suas competências e habilidades para o exercício de cargos e funções, relegando a segundo plano o desenvolvimento pleno de suas personalidades como seres humanos. Elege-se apenas um aspecto da formação - aspecto produtivo valorizado pela lógica do mercado, em detrimento da formação integral dos homens. O foco da educação no mundo neoliberal modifica-se de modo a transformar os sujeitos em consumidores compulsivos ou a transformá-los em máquinas de conhecimentos sem uma postura crítica e ética perante a sociedade e o mundo (ARAÚJO, 2012).

Contudo, no testemunho de diferentes sujeitos protagonistas das Olimpíadas Escolares do CAp-UERJ de acordo com a entrevista concedida à e-Mosaicos - Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ)<sup>7</sup>, podemos constatar que o

---

<sup>7</sup> e-MOSAICOS, v.2,n.3, 2013.

processo e a prática pedagógica retratados, desde seus primórdios, têm uma preocupação com a formação e a socialização dos sujeitos que dela participam. Parece ser este um dos traços marcantes das Olimpíadas, ou seja, o aumento da sociabilidade entre estudantes e os demais membros das comunidades escolares fortalecendo laços de diversas ordens nessa comunidade.

Sendo uma característica dos seres humanos, a sociabilidade é própria de sua natureza, ou seja, viver em sociedade e ter uma existência social. Esta pode ser contextualizada tanto no âmbito geral, quanto se tomando por referência as comunidades escolares, o que se aplica no caso específico do nosso estudo. Então, aproximo tal acepção na nossa avaliação àquela cunhada por Scherer-Warren (1997) sobre sociabilidade, sendo esta um processo de articulações e redes a partir de interesses comuns para o fortalecimento do grupo. Segundo esse autor, o trecho abaixo nos referenda a importância das redes sociais:

[...] a presença de redes sociais que reforçam a união do grupo, constituindo-se por meio de interações que visam a comunicação, a troca e a ajuda mútua e emerge a partir de interesses compartilhados e de situações vivenciadas em agrupamentos locais – a vizinhança, a família, o parentesco, o local de trabalho, a vida profissional, etc [...] (SCHERER-WARREN, *op. cit.*, p. 5).

Podemos ainda afirmar que esta prática pedagógica configura-se em um elemento identitário e parte significativa da memória da instituição, o que verificamos neste trecho da entrevista, em que Oliveira (2013) menciona:

Há muitas visões sobre as Olimpíadas do CAp-UERJ e as retratadas aqui abrem leques para que outras sejam buscadas, estudadas e publicizadas. Uma coisa é certa: o processo e o evento de sua culminância são indiscutíveis marcas da instituição. (OLIVEIRA, 2013, p.15,)

A partir da Teoria das Representações Sociais, pois esta nos permite a aproximação com os sujeitos, queremos captar sentidos, com base nos processos de objetivação e ancoragem. Segundo Moscovici (2013), são esses dois processos que interferem na formação das representações sociais. Tais processos estão particularmente unidos um ao outro e são desenhados/definidos por questões sociais.

Na objetivação a afinidade sujeito/objeto materializa as abstrações; corporifica os pensamentos; torna físico e visível o imaterial; transforma em objeto o que é representado; o objeto percebido e o conceito podem ser usados alternadamente com o mesmo propósito sem que o resultado seja prejudicado,

intercambiando-se; o abstrato torna-se concreto; atribui-se palavras às coisas; o conceito é transformado em imagem. Desta forma, pode-se dizer que ocorre uma operação imageante e estruturante, sendo isto o que estamos buscando ao analisarmos as diferentes falas dos sujeitos desta pesquisa.

A forma como se estabelecem os elementos que compõe a representação e a trajetória por meio da qual tais elementos se concretizam, é referendada na objetivação, isto é, se estruturam em imagens firmadas por uma realidade naturalizada e comum a um grupo socialmente referenciado (MOSCOVICI, 2013).

Podemos ainda constatar que, segundo o mesmo autor, o processo de objetivação, envolve três etapas, assim estabelecidas:

- a) na primeira etapa os elementos, crenças, mitos e valores que envolvem o objeto da representação passam por uma ação de escolha e retirada de seu contexto, admitindo o desenvolvimento de um todo lógico, pela qual se elege e retira só uma parte dos dados acessíveis para armazenar e reorganizar, construindo assim o objeto. Este procedimento de eleição e reorganização dos elementos da representação não se caracteriza pela neutralidade ou casualidade, pois estão amarrados a mitos, sistemas de crenças e a valores dos diferentes grupos nos quais a objetivação se dará. Desta forma, estaremos buscando estes valores nos grupos que hoje participam desta atividade pedagógica, observando se os sentidos a estes atribuídos encontram a mesma ancoragem e objetivação dos grupos do passado;
- b) na segunda etapa da objetivação há a reorganização dos elementos. Para isso, Moscovici se utiliza dos conceitos de esquema e nó figurativo, com a intenção de trazer a lembrança, o fato dos elementos da representação estabelecerem entre si um protótipo de relações estruturadas, baseadas em esquemas ausentes;
- c) na terceira e última fase da objetivação segundo o autor acontece a naturalização do objeto, por dado grupo social. Isto é o abstrato se torna concreto por meio de uma ação imageante ou metafórica. Os conceitos retidos no nó figurativo e as respectivas relações constituem-se como categorias naturais, adquirindo materialidade. Em alguns momentos, o processo de ancoragem pode anteceder a objetivação. Isto acontece quando a ancoragem aludir ao fato de que o tratamento dado à informação exija pontos de referência. O objeto da representação é refletido na medida em que as experiências e os projetos sejam estabelecidos. Portanto, a ancoragem institui sentido aos fatos, por meio da rede de significações

em que são estruturados e hierarquizados os valores já existentes na cultura. (JODELET, 1989).

Entretanto, quando a ancoragem se referir ao desempenho social da representação, fazendo com que se compreenda de que maneira os elementos imaginados contribuem para revelar e edificar as conexões sociais, aquela estará na sequência do processo de objetivação (MOSCOVICI, 2013).

Logo, podemos dizer que a ancoragem é o processo que leva ao conhecimento, conferindo valor funcional à estrutura imageante da representação social à medida que se torna uma teoria de referência, que permite aos indivíduos compreenderem a realidade.

Vala (1993, p.363) menciona que o processo de ancoragem leva à produção de transformações nos elementos imageados já constituídos, isto é, “o processo de ancoragem é, a um tempo, um processo de redução do novo ao velho e reelaboração do velho tornando-o novo”.

A familiarização do elemento imageado/novo só é possível através dos processos de objetivação e ancoragem. Esta familiarização acontece quando o correlacionamos com o nosso esquema de códigos, pelos quais poderemos confrontá-lo e decifrá-lo, criando assim condições de reproduzi-lo e ter domínio sobre o objeto imageado (MOSCOVICI, 2013).

Os estudos das representações sociais não podem se basear unicamente na identificação de conhecimentos comuns. Precisamos também estudar suas modulações em um sistema simbólico de códigos. (DOISE, CLÉMENCE & LORENZI-CIOLDI, 1992, p. 15). A dinâmica de objetivação e ancoragem cria verdades para todos, ou seja, transformando o que não é familiar em familiar, com base em crenças, tradições, mitos, acordos e normas.

Inicialmente, tentaremos encontrar as ancoragens para o “trinômio biopsicossocial” conforme mencionado pelo professor Aristônio Leite, em entrevista à revista *e-Mosaicos*, em 2013. O professor Aristônio afirma que: “A Olimpíada sempre foi valorizada, tá? Todo trabalho relacionado a ela é feito durante o ano. Desenvolvimento do corpo, desenvolvimento físico, é... psicológico, né...? O “trinômio biopsicossocial.” Iguamente entendemos como este se objetiva na cultura “capiana”<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Palavra usado pelo professor Aristônio (OLIVEIRA et.al., 2013, p.6), para designar a cultura originária da comunidade do CAp-UERJ.

Podemos afirmar, pelo testemunho dos diferentes sujeitos, que as Olimpíadas foram pensadas como uma proposta pedagógica diferenciada. Uma proposta pedagógica que envolvesse a família, os estudantes e o corpo docente, na qual o aluno de Licenciatura Plena em Educação física e Desporto pudesse aplicar o que estava aprendendo em relação à regras dos diferentes desportos, à organização de tabelas desportivas e à vivência de uma escola.

O espaço escolar é um excelente lugar para à construção de representações sociais, por serem estas entendidas como ilustração psicossociológica, pelas quais o coletivo se relaciona de forma parecida, confirmando um pensar confinante sobre este espaço (MOSCOVICI, 2013).

As representações sociais funcionam fundamentalmente na assimilação do que é estranho ou novo, na interpretação da realidade por grupos socialmente reconhecidos e na orientação dos comportamentos destes grupos. Elas são estabelecidas de forma coletiva, por meio de diferenças entre grupos e no andamento das semelhanças originárias da comunicação intergrupala. São elas um entrelaçado de conceitos, afirmações e explicações, imagens, percepções partilhadas e transmitidas por um número expressivo de pessoas e de uma geração a outra (MOSCOVICI, 2013).

São as representações sociais reconhecidas como “uma forma de ciência socialmente referenciada que contribui para a edificação ampliada da realidade contribuindo desta forma para a construção de uma realidade comum ao grupo” (JODELET, 2001, p. 22).

Portanto, estaremos atentos para verificar se existem sentidos voltados à/ao: respeito, cidadania, inclusão, liderança, companheirismo, vitória, perda/derrota, integração, participação, tradição, envolvimento, regras, amor, prazer, limitação, reconhecimento das diferenças, coordenação motora, agilidade, noção de tempo e espaço, organização, compromisso, liderança, colaboração. Tais ingredientes, uma vez presentes, são fundamentais na formação do indivíduo/cidadão.

Para Ferry (1991, p.36), a formação é “um processo de desenvolvimento individual destinado a adquirir ou aperfeiçoar capacidades”. Logo, a formação deve ser encarada sob o ponto de vista da transformação do sujeito. Assim, concordamos com Carvalho em sua análise sobre as diferenças entre o que aprendemos e o que nos afeta como seres humanos.

[...] a aprendizagem indica simplesmente que alguém veio saber algo que não sabia: uma informação, um conceito, uma capacidade. Mas não implica que esse 'algo novo' que se aprendeu nos transformou em um novo 'alguém'. E essa é uma característica forte do conceito de formação: uma aprendizagem só é formativa na medida em que opera transformações na constituição daquele que aprende. É como se o conceito de formação indicasse a forma pela qual nossas aprendizagens e experiências nos constituem como um ser singular no mundo. (CARVALHO, 2008, p.1)

Portanto, nem tudo o que aprendemos ou vivemos deixa traços que nos formam como sujeitos. Assim, qualquer experiência educativa deve possuir um caráter formativo, trazendo a responsabilidade constitutiva na formação de um sujeito.

### 1.1.2 *Educação e Formação*

Neste item acompanharemos a proposta de educação segundo Margot Madeira (2001), relacionaremos educação e formação, abordaremos a escolarização e educação, sempre à luz da Teoria das Representações Sociais.

Madeira (2001, p. 97) define educação como:

[...] processo pelo qual, em diferentes contextos histórico-estruturais e com finalidades, níveis, formas e graus de sistematização diversos, a cultura e o conhecimento são continuamente, transmitidos e (re) construídos, envolvendo a totalidade do sujeito em suas relações com o(s) outro(s). Este processo constitui-se na articulação de relações interpessoais, grupais e intergrupais demarcadas pela pluralidade de culturas. Integra as contradições do próprio sujeito e da totalidade social que conta com este processo como um de seus mecanismos de estabilização.

A educação não se esgota na sala de aula ou na escola, portanto não se pode confundir escolarização com educação. Escolarização é a educação convencional, que cumpre regras com rigor, é o tempo de permanência na escola.

Quando estamos falando em escolarizar, estamos tratando de processos e políticas que se referem à associação ou instituição com o objetivo definido de organização de uma rede, ou redes, mais ou menos formais, responsáveis seja pela alfabetização da leitura, da escrita, do cálculo e, na maioria das vezes, da moral e da religião, ou ainda pelo atendimento em níveis posteriores e mais aprofundados. O processo de escolarização é o meio através do qual gradativamente estabelecemos referências sociais tendo como base a escola, ou a forma escolar de socialização e



transmissão de conhecimentos, como eixo articulador de seus sentidos e significados.

Porém a escola, por si só, não esgota o processo educacional. Este processo se dá através das relações intergrupais e pessoais, ou seja, perpassa as relações afetivas entre os seres humanos, fazendo com que todos nós sejamos ao mesmo tempo aquele que ensina e aprende (FREIRE, 2013).

A educação abarca um vasto processo que envolve o sujeito como um todo, em seu *habitat* e seu labor, por meio das relações interpessoais e grupais. Dessa forma podemos dizer, segundo Madeira (2001), que a educação esta dividida em três fases, numa concepção freiriana. São elas:

a) tomada de consciência de si, do outro e do mundo – a conscientização; b) a integração numa sociedade – a politização; c) o compromisso histórico de engajamento – participação. Neste quadro, a educação aparece como um processo em que se insere a família, a escola, as associações, as igrejas, os partidos etc. (p. 125)

É esse caráter de relações intergrupais e interpessoais, que dá a ideia de todo, que nos permite trabalhar com a Teoria de Representações Sociais e encontrar ancoragens que deem forma ao nosso objeto. Logo, podemos investigar, analisar e refletir sobre o sentido das Olimpíadas Desportivas do CAP-UERJ, da existência ou não de um caráter educativo e formativo para os diferentes sujeitos, que dela de alguma forma participaram, fazendo com que ampliemos nosso olhar sobre essa atividade escolar que modifica a rotina diária do Instituto de Aplicação CAP-UERJ.

Madeira (2001) reforça ainda que é por meio de nossas relações interpessoais e grupais que nós concretizamos os objetos, e que é também, por meio destas relações que nos identificamos e nos fazemos ser reconhecidos. “... é na prática e pela prática que este processo se opera; é na prática e pela prática que o homem se faz e se expressa na relação com o outro” (MADEIRA, *op. cit.*, p.127).

É importante destacar que um elemento torna-se alvo de representação, quando, socialmente há o interesse sobre ele. E, por meio, da efetivação de relações sociais, os sujeitos estruturam e reestruturam o sentido que conferem aos objetos de seu conhecimento adquirido no dia a dia de sua prática.

As representações sociais referem-se às relações dos indivíduos entre si, com os outros, consigo próprios e com o objeto, sintetizando necessidades e demandas de diversas ordens. Não se constituem como conjuntos fechados e disjuntos, mas como

processos articulados à experiência do viver de sujeitos concretos, enquanto “*saber-do-viver*” (MADEIRA, 2001, p.137).

Portanto, de forma concordante a Paulo Freire em sua *Pedagogia do Oprimido* (1987), “quem ensina sempre aprende e quem aprende sempre ensina”. Madeira (2001, p.126 -127) também enfatiza isto ao dizer que “somos todos aprendizes e ensinantes numa interlocução com o outro”. É através desta troca que a educação acontece.

Portanto, essa interlocução/troca com o outro não ocorre somente no espaço escolar, ou na sala de aula, em todos os momentos estamos interagindo com pessoas, construindo o social e dele extraíndo, seja em momentos de respeito a regras, disputas, de lidar com fracassos/frustrações e vitórias, competições etc. Estamos vivenciando um processo educativo de habilidades que quando assimiladas, só fazem o homem ser mais feliz e ajustado.

### 1.1.3 *Identidade*

Estudamos como se dão os processos identitários segundo Jacques (2001), Andrade (2000), Cuche (1999), Silva (2000), Deschamps (2009) e Moliner (2009) e relacionamos como as Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2013) valorizam esses processos.

A identidade é o resultado de uma construção social e da complexidade do social. O processo identitário é estruturado com base na inter-relação indivíduo e social, pela qual podemos verificar fatores psicológicos e sociológicos que se articulam. Portanto, a identidade de cada um de nós está sempre em construção, já que interage com as transformações vivenciadas no contexto social, responsáveis pela infinita produção de cultura(s). Segundo a proposição teórica esboçada por Jacques (2001), compreender identidade implica necessariamente na articulação de dimensões que são aparentemente contraditórias, pois se encontram avessas ao pensamento formal com o qual estamos habituados, explicitados pelas noções de individual/social, estabilidade/transformação, igualdade/diferença, unicidade/totalidade.

[...] como constituída na relação interpessoal (eu, não-eu, eu-grupo) a partir da inserção do indivíduo no mundo social e através da sua atividade que se substantiva e se presentifica como atributo do eu: eu sou trabalhador – substantivo – porque exerço a atividade de trabalhar – verbo (JACQUES, 2001, p.165).

Dessa forma, pode ser a identidade representada pelo papel social do sujeito. Sendo assim, a identidade é multidimensional e sincrética. Apresenta um caráter dinâmico, causando dificuldade na sua delimitação (ARAÚJO, 2012). Os sujeitos se relacionam com diferentes grupos estabelecendo relações de pertencimento, por se identificarem, ao mesmo tempo se diferenciando e para se afirmarem enquanto sujeitos (ANDRADE, 2000).

As identidades são contraditórias, se cruzam ou se "deslocam" mutuamente. As contradições atuam tanto "fora", na sociedade, atravessando grupos estabelecidos, quanto "dentro" da cabeça de cada indivíduo. A identificação não é automática, mas pode ser conseguida ou perdida. Elas representam o que algumas vezes é chamado de uma forma particularista de vínculo ou pertencimento. O indivíduo lança mão de estratégias de identificação, que dependem da situação social, relação de força entre grupos etc. Para Cuche (1999, p. 197):

[...] não é possível aos grupos e aos indivíduos fazer o que quer que desejem em matéria de identidade: a identidade é sempre a resultante da identificação imposta pelos outros e da que o grupo ou o indivíduo afirma por si mesmo.

Com Silva (2000), entendemos que identidade e diferença são partes de um todo. Além de construções sociais, elas são partes de um processo, não há como falar de identidade sem falar de diferença. Esse autor afirma que a identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente e inacabada. Porém, registra que identidade e diferença são processos de produção social, por isso envolvem relações de poder, estando ligadas a sistemas de representação (ARAÚJO, 2012).

Não se trata, entretanto, apenas do fato de que a definição da identidade e da diferença seja objeto de disputa entre grupos sociais assimetricamente situados relativamente ao poder. Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes (SILVA, 2000, p.81).

Para Jacques (2001), igual/diferente se apresenta como uma importante dicotomia a ser superada para a compreensão da identidade, posto que este vocábulo evoca:

[...] tanto a qualidade do que é idêntico, igual, como a noção de um conjunto de caracteres que fazem reconhecer um indivíduo como diferentes dos demais. Assim identidade é o reconhecimento de que um indivíduo é o próprio de que se trata como também é unir, confundir a outros iguais. O nome próprio é um exemplo característico desta contradição. Enquanto prenome é um diferenciador de outros iguais, mas também um nivelador com outros iguais, similarmente nomeados. Enquanto sobrenome distingue a individualidade, mas também remete a outros iguais do mesmo grupo familiar. A pluralidade humana tem o duplo aspecto da igualdade e da diferença... que paradoxalmente, implica também em unicidade, pois o indivíduo vai se igualando por totalidades conforme os vários grupos em que se insere (brasileiros ou estrangeiros, homens e mulheres, etc) sem pressupor homogeneização: ao mesmo tempo que o indivíduo se representa semelhante ao outro a partir de sua pertença a grupos e/ou categorias, percebe sua unicidade a partir de sua diferença. Essa diferença é essencial para a tomada de consciência de si e é inerente à própria vida social, pois a diferença só aparece tomando como referência o outro (JACQUES, *op.cit.*, p.164).

Podemos pensar a identidade como um acontecimento que faz parte do sujeito e está relacionada ao movimento de pertencimento destes, resultante de uma dupla constatação de semelhanças/dissemelhanças e diferenças/padronagens entre si mesmo e os outros, que precisam resultar em movimentos de desconstrução dessas diferenças. Nesse contexto, a compreensão do si mesmo se constitui através da participação dos sujeitos no processo social. Pode-se então, distinguir dois aspectos referentes ao conceito do si mesmo: o eu que me remete ao si mesmo enquanto sujeito e o mim (me) que representa o sujeito enquanto objeto. Portanto, o si mesmo se desenvolve a partir do julgamento que outros fazem do sujeito no interior de um contexto social.

Sabemos que a relação entre cultura/tradição e identidade é indiscutível, já que esta última é o conjunto de elementos relativamente sistematizados e internalizados no nosso processo de socialização. Reconhecemo-nos como idênticos a uns e, conseqüentemente, diversos de outros, e não seria possível pensar esta relação dissociada do processo cultural. É na cultura que encontramos práticas, valores, saberes, princípios com os quais nos identificamos, nos sentimos como pertencentes ou não, a um grupo. Nesse sentido, a identidade de cada um de nós está sempre em construção, já que interage com as transformações vivenciadas no contexto social. A identidade se constrói sempre na alteridade. A união do que é idêntico, análogo, semelhante, se faz em um processo de diferenciação, no qual o diferencial é sempre o outro, o diverso, a alteridade.

Esse sentimento de pertencimento é a base da integração dos sujeitos dentro de espaços coletivos, como a escola. Portanto, a construção da identidade social estará ligada à valorização do sentimento de pertencimento desenvolvido a partir das diferentes condições sociais, culturais, emocionais, físicas e étnicas desses sujeitos, como apontado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2013), fazendo com que se possibilite a eles a buscarem um lugar exclusivo neste mesmo espaço coletivo, para se diferenciarem e se tornarem singulares. Os procedimentos acima mencionados possibilitam esta constatação. Desse modo:

[...] os valores sociais, bem como os direitos e deveres dos cidadãos, relacionam-se com o bem comum e com a ordem democrática. Estes são conceitos que requerem a atenção da comunidade escolar para efeito de organização curricular, cuja discussão tem como alvo e motivação a temática da construção de identidades sociais e culturais. A problematização sobre essa temática contribui para que se possa compreender, coletivamente, que educação cidadã consiste na interação entre os sujeitos, preparando-os por meio das atividades desenvolvidas na escola, individualmente e em equipe, para se tornarem aptos a contribuir para a construção de uma sociedade mais solidária, em que se exerça a liberdade, a autonomia e a responsabilidade. Nessa perspectiva, cabe à instituição escolar compreender como o conhecimento é produzido e socialmente valorizado e como deve ela responder a isso. É nesse sentido que as instâncias gestoras devem se fortalecer instaurando um processo participativo organizado formalmente, por meio de colegiados, da organização estudantil e dos movimentos sociais. A escola de Educação Básica é espaço coletivo de convívio, onde são privilegiadas trocas, acolhimento e aconchego para garantir o bem-estar de crianças, adolescentes, jovens e adultos, no relacionamento entre si e com as demais pessoas. É uma instância em que se aprende a valorizar a riqueza das raízes culturais próprias das diferentes regiões do País que, juntas, formam a Nação. Nela se ressignifica e recria a cultura herdada, reconstruindo as identidades culturais, em que se aprende a valorizar as raízes próprias das diferentes regiões do País. Essa concepção de escola exige a superação do rito escolar, desde a construção do currículo até os critérios que orientam a organização do trabalho escolar em sua multidimensionalidade, privilegia trocas, acolhimento e aconchego, para garantir o bem-estar de crianças, adolescentes, jovens e adultos, no relacionamento interpessoal entre todas as pessoas.” (BRASIL, 2013, p. 24 e 25)

A identidade é então, a representação do ator social, do eu, um fenômeno cognitivo em que o ator social, o eu, é o objetivo de conhecimento.

#### 1.1.4 . *Representações Sociais e Identidade*

Neste item, abordaremos a construção e compreensão da identidade como algo em constante movimento, em busca de semelhanças e diferenças e em que

tipos de construções sociais e processos se apoiam neste sentimento, produzindo e sendo produzida por representações.

Desde a perspectiva da psicologia social, a noção de identidade expressa o resultado de interações recíprocas entre as pessoas, os outros e a sociedade. A consciência social que a pessoa alcança de si mesma como construção representativa do eu em sua relação com os outros e a sociedade, é uma atualização, em nível individual, de certo número de componentes sociais (SEIDMANN *et al.*, 2012 ).

A noção de representação admite respostas à questão da identidade, o que indica que existem estruturas cognitivas postas, que se constituem antes do sentimento de pertença. Estas estruturas cognitivas são relativas ao estabelecimento de diferenças e semelhanças, sobretudo como resultado de um processamento de informação, no qual interagem dados e teorias, enquanto que o conceito de representação social acentua as dimensões do conhecimento que resultam da aplicação das teorias, esquecendo como e de que forma essas teorias são ativadas pelos dados.

A reflexão sobre a relação entre as práticas educativas e a construção identitária, desde a teoria das representações sociais, tendo como referências os trabalhos de Jodelet, Marková e Moscovici, segundo Seidman (2012) implica:

[...] abordar as relações entre a identidade como produto intersubjetivo; a representação social como expressão da identidades; (SEIDMAN, *op.cit.*, p. 48).

Para esse autor a compreensão da identidade como produto intersubjetivo pressupõe que:

[...] a noção de si mesmo está indissolúvelmente ligado ao reconhecimento do outro. O outro me reconhece e me constitui como pessoa, brindando-me sua mirada que me personifica e me permite ver o mundo tal como o veem os demais... os significados mais importantes de meu mundo social e cuja presença me permitirá orientar-me e me desenvolver no mundo (SEIDMAN, *op.cit.*, p. 49).

Ele aponta que uma das funções das representações sociais é a manutenção da identidade e isso se dá pela influência da cultura dos grupos de pertinência que oferecem possibilidades simbólicas de construção identitária, provendo significados sociais que veiculam a concretização de práticas sociais.

Para Moscovici (2013), as representações sociais possuem precisamente duas funções: primeiro “convencionalizar” objetos, pessoas ou acontecimentos que

encontram, dando a eles uma forma definitiva, localizando-as em uma determinada categoria e gradualmente colocando-as como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. Todos os novos modelos se juntam a esse modelo e são sintetizados nele. Há também a função de prescrever condutas, decretando o que deva ser pensado, ao agir como uma estrutura que se mostre presente antes que comecemos a pensar, se impondo sobre nós com uma força irresistível.

Sendo assim, percebemos que as construções identitárias se fazem por meio de processos simbólicos, promovendo significações sociais. Estes mesmos processos são também utilizados na elaboração de representações sociais de sujeitos e grupos. No entanto, isso se faz com outra finalidade, que não é aquela de simples caracterização, mas sim, a de classificar dentro de um sistema de crença e valores.

Classificar algo significa que nós o confinamos a um conjunto de comportamentos e regras que estipulam o que é, ou não é, permitido, em relação a todos os indivíduos pertencentes a essa classe. Quando classificamos uma pessoa como marxista, diabo marinho ou leitor do The Times, nós os confinamos a um conjunto de limites linguísticos, espaciais e comportamentais e a certos hábitos. E se nós, então chegamos ao ponto de deixá-lo saber o que nós fizemos, nós levaremos essa interferência ao ponto de influenciá-lo, pelo fato de formulamos exigências específicas relacionadas a nossas expectativas. A principal força de uma classe, o que a torna tão fácil de suportar, é o fato de ela proporcionar um modelo ou protótipo apropriado para representar a classe e uma espécie de amostra de fotos de todas as pessoas que supostamente pertençam a ela. Categorizar alguém ou alguma coisa significa escolher um dos paradigmas estocados em nossa memória e estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele (MOSCOVICI, 2010, p.63).

É justamente o que pretendemos verificar com a categorização da amostra que teremos após a aplicação dos questionários. Em seguida, poderemos classificar confirmando a existência, ou não, de valores mencionados pelos entrevistados na revista e-Mosaicos. Isto poderá confirmar o paradigma de que as Olimpíadas Desportivas do CAp-UERJ são, ou não, uma prática formativa .

Então, caracterizamos e classificamos com a intenção de:

Aceitar e compreender o que é familiar, crescer acostumado a isso e construir um hábito a partir disso, é uma coisa; mas outra coisa é completamente diferente preferir isso como um padrão de referência e medir tudo o que acontece e tudo o que é percebido, em relação a isso. Pois, nesse caso, nós simplesmente não registramos o que tipifica um parisiense, uma pessoa “respeitável”, uma mãe, um

Complexo de Édipo, etc, mas essa consciência é usada também como um critério para avaliar o que é incomum, anormal e assim por diante. Ou, em outras palavras, o que não é familiar. (MOSCOVICI, *op.cit.*, p. 55).

Esta é nossa intenção maior, avaliar e refletir sobre o que é e o que não é familiar nas Olimpíadas do CAp-UERJ.

#### 1.1.5 *A importância da Memória*

Conceituaremos memória, com base em Maurice Halbwachs (1990). Além do conceito de memória, estaremos demonstrando a estreita relação entre memória e identidade.

Acreditamos que a memória é sempre uma construção, no qual a lembrança é parte constitutiva da nossa identidade, do nosso sentimento de pertencimento (ARAÚJO, 2012).

As identidades criadas são acionadas por meio de uma releitura do passado elaboradas no presente, permitem múltiplas construções e diversas seleções de elementos diferentes, porém com um mesmo significado que os atores se utilizam para elaborar seu “pertencimento” (HALBWACHS, 1990). Essas construções são recorrentes e possuem uma força evocativa bastante significativa no CAp-UERJ.

Pertencer e inserir-se como parte de um grupo ou grupos de referência, segundo Halbwachs, leva o sujeito a ter memórias. Logo, a memória para esse autor, é edificada pelo grupo de pertencimento, e também representa um trabalho do sujeito. Nesse caso, o grupo de referência é aquele com o qual o sujeito tem relações de pertencimento, comunga com seus valores e crenças, se identifica. Portanto, as lembranças ganham sentido, se objetivam em imagens pelas relações sociais do sujeito. Toda imagem, lembrança, é obra de um processo grupal, contextualizado socialmente (HALBWACHS, *op. cit.*).

Como vimos acima, o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e “habitado” por grupos de referência. A memória é sempre construída em grupo, mas pode ser construída também a partir do que os indivíduos recordam. Essas lembranças individuais são constituintes de uma memória coletiva. Logo, a memória das Olimpíadas do CAp-UERJ foi construída ao longo dos anos por ex-alunos, alunos, professores, ex-professores, estagiários ex-estagiários, funcionários e ex-funcionários, técnicos da limpeza e da segurança, que delas participaram.



Quando temos lembranças que formam a memória, estas estão sempre relacionadas à memória coletiva, ao que determinado grupo presenciou e continua a compartilhar. Então, Halbwachs (1990) aponta para o surpreendente fato de que nunca estamos sozinhos. Desta forma, nossa memória não é somente nossa, mas é coletiva, pois utilizamos fragmentos de lembranças que são fornecidos por indivíduos diversos e são estes fragmentos de lembranças que formam a memória. Podemos fazer uma comparação com a montagem de um quebra-cabeça com centenas de peças, cada peça do quebra-cabeça é um fragmento da memória de alguém, o resultado quando reunimos todas as peças é a formação de um quadro completo e cheio de detalhes. Apossamo-nos destas várias peças do quebra-cabeça através das imagens: fotos, filmes, pinturas ou pelo testemunho dessas pessoas, através de conversas com elas ou por lermos seus escritos.

O que se imagina então, ser a memória individual, na verdade é a união dos fragmentos das lembranças coletivas. A minha memória, portanto, não é só minha, mas é coletiva, pertence também àqueles que me “emprestaram” as peças para montar o quebra-cabeça (HALBWACHS, 1990).

Como podemos perceber na citação a seguir, Castells (1999) concorda que a identidade, está relacionada à memória coletiva.

Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem e para quê isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social (CASTELLS, *op. cit.*, p.23).

O sentimento de pertencimento em relação ao grupo faz com que o sujeito identifique-se com o passado e como membro do grupo, permitindo-lhe ter lembranças compartilhadas e sólidas. Logo o esquecimento está relacionado ao rompimento dos laços de pertencimento (HALBWACHS, 1990).

O sujeito só pode se lembrar daquilo que ele caracteriza como já ter observado ou vivido. Temos que, de certo modo, fazer um resgate de eventos que para nós são diferenciados dos demais, ao ponto de merecer nossa atenção especial. Mas, de forma alguma, tais acontecimentos poderão se repetir na íntegra,

portanto, é preciso que façamos uma reconstrução deste evento, de modo a tentar assemelhar ao que ocorreu em um dado espaço-tempo em que buscamos o fato. Quando buscamos no passado experiências e fatos para elucidar contextos atuais, estamos reconstruindo nossas lembranças.

A lembrança se localiza em espaços-tempos, onde o grupo se pauta, possibilitando dessa forma que as lembranças tenham uma composição diferente do que se vive na atualidade.

Halbwachs (1990, p.26) afirma que, de fato, “nunca estamos sós”. Diz ele ainda: “Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem”. Noutra passagem sobre esse assunto também declara:

É por isto que, quando um homem entra em sua casa sem estar acompanhado de alguém, sem dúvida durante algum tempo “esteve só”, segundo a linguagem comum. Mas lá não esteve só senão na aparência, posto que, mesmo nesse intervalo, seus pensamentos e seus atos se explicam pela sua natureza de ser social, e que em nenhum instante deixou de estar confinado dentro de alguma sociedade (HALBWACHS, *op. cit.*, p.36).

Para Halbwachs, embora possamos pensar em acontecimentos que nos pareçam individuais, estes somente adquirem sentido e significado porque são, antes e originariamente, coletivos. Além disso, ressalta ele, quando formamos uma determinada paisagem mental acerca de nossas experiências passadas, de fato, há muitas vozes dentro de nós que se somam na construção discursiva acerca das coisas, pessoas, objetos e lugares aos quais estamos nos referindo. E esta é a grande elaboração que o autor faz acerca das construções das memórias e também das representações coletivas que atravessam os indivíduos. O mesmo diz sobre a construção de tais memórias e representações coletivas:

Outros homens tiveram essas lembranças em comum comigo. Muito mais, eles me ajudam a lembrá-las: para melhor me recordar, eu me volto para eles, adoto momentaneamente seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois sofro ainda seu impulso e encontro em mim muito das ideias e modos de pensar a que não teria chegado sozinho, e através dos quais permaneço em contato com eles. (HALBWACHS, *op. cit.*, p.27).

Para os estudos das identidades em geral, os processos de construções das memórias se tornam ferramentas extremamente importantes para o pesquisador, pois permitem melhor conhecer e compreender a produção, circulação e consumo

de sentidos coletivos. Mais do que isto, para Halbwachs (*op.cit.*), elas permitem a existência de uma comunidade afetiva que possibilita a partilha e a produção de sentidos coletivos sobre as construções do passado. Neste ponto vemos a articulação entre memória, identidade e representação social.

Segundo Halbwachs (p.77), o passado não está conservado em um compartimento oculto de nosso cérebro, mas sim, na sociedade.

Esse processo seria incompleto e parcial e estaria sempre no diálogo com os coletivos mais amplos, as memórias de outras pessoas e outros atravessamentos exteriores. Enfim, o papel da subjetividade no processo de construções sobre o passado é mediado pela sociedade e não simplesmente pelas subjetividades individuais. Na Escola Sociológica Francesa, a subjetividade passaria pelo crivo das construções coletivamente aceitas e possíveis, seja epistemologicamente, seja por meio das instituições sociais, seus valores e práticas.

Quando dizemos que um depoimento não nos lembrará nada se não permanecer em nosso espírito algum traço do acontecimento passado que se trata de evocar, não queremos dizer todavia que a lembrança ou que uma de suas partes devesse subsistir tal e qual em nós, mas somente que, desde o momento em que nós e as testemunhas fazíamos parte de um mesmo grupo e pensávamos em comum sob alguns aspectos, permanecemos em contato com esse grupo, e continuamos capazes de nos identificar com ele e de confundir nosso passado com o seu (HALBWACHS, *op. cit*, p.2)

Para o autor, o sujeito somente existe quando se constrói em quadros sociais, a partir de quadros que são pontos de referências sociais coletivas de passagem de tempo e de sua institucionalização<sup>9</sup>. Um dos argumentos mais marcantes da obra *A memória coletiva* é a tentativa de desconstruir a noção de que a memória poderia ser uma “faculdade propriamente individual” (id, p. 78), isolada e de certa forma autônoma. Para ele, a socialização é algo fundamental, pois é ela que permitirá ao indivíduo a partilha de sentido e também de enquadramento. Isto não quer dizer que não haveria um momento em que um trabalho individualizado sobre as representações poderia entrar em ação. Este momento existe na concepção teórica de Halbwachs, p.37) e por vezes é denominado de “intuição sensível”.

Para Halbwachs ressaltar a importância dos aspectos coletivos na construção das representações seria fundamental, pois:

---

<sup>9</sup> Estes quadros para ele não se resumiriam a datas, nomes e fórmulas, mas sim, correntes de pensamento e de experiência (HALBWACHS, 1990, p.66).

acontece com muita frequência que nos atribuímos a nós mesmos, como se elas não tivessem sua origem em parte alguma senão em nós, ideias e reflexões, ou sentimentos e paixões, que nos foram inspirados por nosso grupo. (HALBWACHS, *op. cit.*, p.47)

De acordo com o autor, o tempo, o espaço e as relações sociais estão em relação, pois a todo o momento há uma ligação muito próxima entre os hábitos, o espírito de grupo e os aspectos dos lugares onde vivem (HALBWACHS, *op. cit.*, p.69).

A produção das memórias favorecerá a noção de uma totalidade e de uma estabilidade ao longo do tempo que permitiria a um coletivo se sentir mais homogêneo, de certa forma, mais identitário.

A memória coletiva, ao contrário [da história]<sup>10</sup>, é o grupo visto de dentro, e durante um período que não ultrapassa a duração média da vida humana, que lhe é, frequentemente, bem inferior. Ela apresenta ao grupo um quadro de si mesmo que, sem dúvida, se desenrola no tempo, já que se trata de seu passado, mas de tal maneira que ele se reconhece sempre dentro dessas imagens sucessivas. A memória coletiva é um quadro de analogias, e é natural que ela se convença que o grupo permanece, e permaneceu o mesmo, porque ela fixa sua atenção sobre o grupo, e o que mudou, foram as relações ou contatos do grupo com os outros. Uma vez que o grupo é sempre o mesmo, é preciso que as mudanças sejam aparentes: as mudanças, isto é, os acontecimentos que se produziram dentro do grupo, se resolvem elas mesmas em similitudes, já que parecem ter como papel desenvolver sob diversos aspectos um conteúdo idêntico, quer dizer, os diversos traços fundamentais do próprio grupo (HALBWACHS, *op. cit.*, p.88)

Halbwachs nos remete à vida cotidiana ao fazer a ponte entre o indivíduo e o coletivo. É na vida diária, nos encontros entre os homens e seus mundos sociais que esta relação se dá e na qual a sociedade se sobreporia, tanto na concepção de sua própria existência por meio das construções das memórias (que seriam sociais e coletivas), bem como em relação ao seu lugar no tempo e no espaço. Um tempo que, segundo ele, não se escoia, mas que dura e que permite a sensação de que o grupo também poderia ter esta duração e estabilidade.

Para que se mantenham com sentido e coletivos, os acontecimentos do passado necessitam ser ritualizados, partilhados, reavivados para que o sentimento coletivo que neles habita possa estar circulando socialmente. (HALBWACHS, p.15). Noutra passagem do artigo “A expressão das emoções e a sociedade” enfatiza Halbwachs (2009, p. 202) que: “Assim, estes estados afetivos são tomados

---

<sup>10</sup> Informação nossa.

por fluxos de pensamento que vêm em nosso espírito do exterior, e que estão em nós porque se encontram também nos outros. Somos nós que o provamos”.

Como ressalta Halbwachs (*op. cit.*, p.51), “No mais, se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram enquanto membros do grupo”. Os vínculos de sentido das construções do passado retiram seu suporte do grupo, embora a lembrança seja dos indivíduos no trabalho que efetuam sobre o passado. As memórias individuais, igualmente, seriam pontos de vista sobre as memórias coletivas. Neste sentido, o autor abre espaço para as construções particularizadas ressaltando, contudo que, ao final, desembocaremos novamente em combinações de influências que são de “natureza social”.

Por mais que a forma narrativa vá por caminhos próprios, de certa forma, esta buscará sempre fazer sentido para nós mesmos e para o(s) outro(s), uma vez que os recursos que usamos para nos expressar são coletivos, tais como as palavras e as ideias, diz ele. Estas diferenças de nuances individuais nas memórias se explicariam pelas mudanças que se produziriam nas relações dos homens com os “diversos meios coletivos, isto é, em definitivo, pelas transformações desses meios, cada um tomado à parte e em seu conjunto”. (HALBAWACHS, 1990, p. 40)

As memórias coletivas envolvem as memórias individuais, porém com elas não se confundem, pois a memória coletiva “evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal” (HALBAWACHS, *op.cit.*, p.53-54).

Ressalta também o autor que não raras vezes para termos acesso às nossas próprias memórias, temos que apelar às lembranças dos outros.

Por mais estranho e paradoxal que isto possa parecer, as lembranças que nos são mais difíceis são aquelas que não concernem a não ser a nós, que constituem nosso bem mais exclusivo, como se elas não pudessem escapar aos outros senão na condição de escapar também a nós próprios (HALBAWACHS, *op. cit.*, p.49).

Importante apontar que, para que algo fique gravado como realmente importante deve também ser narrado e passado por alguém que nos seja caro socialmente (ou afetivamente). Este apreço às relações sociais entre rememorador e ouvinte é ressaltado principalmente acerca das memórias compartilhadas entre jovens e idosos como nos diz o trecho abaixo:

Em todo o caso, geralmente é na medida em que a presença de um parente idoso está de algum modo impressa em tudo aquilo que nos

revelou de um período e de uma sociedade antiga, que ela se destaca em nossa memória não como uma aparência física um pouco apagada, mas como o relevo e a cor de um personagem que está no centro de todo um quadro que o resume e o condensa (HALBAWACHS, *op. cit.*, p.66).

Esta afetividade que atravessa o lembrado é muito presente na obra do autor como um todo. Contudo, há que se pensar que as emoções e sentimentos são construções sociais e não necessariamente individuais. Elas partem do coletivo e são acionadas nos indivíduos por forças sociais exteriores a eles e que os atravessam. Ressalta Halbwachs ( p.47) sobre as influências sociais que:

De qualquer maneira, na medida que cedemos sem resistência a uma sugestão de fora, acreditamos pensar e sentir livremente. É assim que a maioria das influências sociais que obedecemos com mais frequência nos passam desapercibidas. (HALBAWACHS, *op. cit.*, p.47)

Assim, o que ele denomina de quadros coletivos de memória não são somente datas, nomes e fórmulas, mas principalmente correntes de pensamento e de experiência, em que, segundo ele, “reencontramos nosso passado porque este foi atravessado por isso tudo” (HALBAWACHS, *op. cit.*, p.66). Este atravessamento é algo que compreendo ser muito caro para os antropólogos e sociólogos especialmente, pois é por meio destes cruzamentos que se pode melhor compreender os grupos que estudamos e quais elementos são selecionadas para narrar a si mesmo e elaborar suas construções de pertencimento e de coletividade.

Ainda para Halbwachs (, p.72) o tempo social seria inteiramente exterior às durações vividas pelas consciências, mas as atravessaria.

Para nós o que está acima exposto, é extremamente rico para que nos tornemos mais “vigilantes” quanto às construções que nossos narradores nos fornecem sobre seus universos particulares. Conhecer o processo de construção de memórias nos torna mais críticos e alertas acerca dos pontos de vistas discursivos de nossa pesquisa.

É justamente por isso, que nos cercamos da triangulação teórica memória, representação social e identidade para nos aproximamos do objeto de nosso estudo, assim como dos sujeitos pesquisados. Mas antes vamos fazer uma viagem pelo CAP e pelo processo olímpico com a finalidade de ampliarmos e nos aproximarmos deste espaço de investigação.

## **2. O JACARANDÁ QUE DEU CERTO: O SURGIMENTO DO CAp-UERJ E DAS OLIMPÍADAS DO CAp-UERJ**

Este capítulo é dividido em três itens. No primeiro, abordaremos a criação do CAp-UERJ até aos dias atuais, relacionando-o ao surgimento do projeto das Olimpíadas Desportivas Internas. No segundo, estaremos contextualizando outras ações acadêmicas e pedagógicas do Instituto de Aplicação. E finalmente, no terceiro item, faremos um levantamento da história das Olimpíadas do CAp-UERJ, seu funcionamento e desenvolvimento atual.

### **2.1. De Ginásio de Aplicação a Colégio de Aplicação**

Para que possamos entender o funcionamento das Olimpíadas Desportivas Internas do CAp-UERJ como elemento identitário, se faz necessário conhecermos um pouco da história do próprio CAp-UERJ, sua trajetória ao longo de seus cinquenta e oito anos, o contexto de seu surgimento e os motivos para sua criação e localização.

Em 12 de março de 1946, o Decreto-lei 9.053 deliberou que todas as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras deveriam organizar um Colégio de Aplicação, tendo em vista a necessidade de experimentação metodológica nos cursos voltados à Educação e Licenciatura. Sendo assim, onze anos depois, em 1957, a então Universidade do Distrito Federal (UDF)<sup>11</sup> criou o seu Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL). Só mais tarde, após a implantação dos cursos Científico e Clássico (atual ensino médio), a escola passou a se denominar Colégio de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, em homenagem ao seu primeiro diretor e fundador.

---

<sup>11</sup> Quando foi fundada, em dezembro de 1950, por estar localizada na capital do Brasil na época, a UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) recebeu o nome de Universidade do Distrito Federal (UDF), criada em 1935, numa época em que o Rio de Janeiro ainda era a capital do país. Anísio Teixeira, então secretário de Educação, foi seu idealizador. A UDF caracterizou-se por sua proposta inovadora e pelo fato de não possuir as três faculdades tradicionais - Direito, Engenharia e Medicina -, e sim uma Faculdade de Educação, que pela primeira vez dotou o magistério de formação específica de nível superior. Entretanto, essa proposta universitária colidiu com os propósitos do governo federal, e em 1939 a UDF foi fechada e incorporada à Universidade do Brasil. Em 1958 a instituição foi rebatizada, sendo chamada então de Universidade do Rio de Janeiro (URJ). Em 1961, quando a capital foi transferida para Brasília, a universidade recebeu outro nome: Universidade do Estado da Guanabara (UEG). Mas foi só em 1975 que o atual nome, UERJ, foi definitivamente adotado.

Apesar do tempo transcorrido entre a legislação e a implementação pela Universidade do Distrito Federal - UDF, o Ginásio de Aplicação é implementado de forma precária. Mas tal fato não era exclusividade do colégio da UDF, como afirma Mancebo (2008) no trecho abaixo:

[...] salvo exceções, [...] quase todas as Escolas foram criadas ou anexadas à Universidade em condições mínimas de funcionamento. Os problemas avolumaram-se [...] até a ausência de locais para funcionamento adequado das novas unidades (MANCEBO, *op. cit.*, p. 126).

No dia 1º de abril de 1957, sob licença especial do Ministério da Educação, as aulas são iniciadas. A escola possuía apenas o Curso Ginásial – equivalente, hoje em dia, ao 6º ano, 7º ano, 8º ano e 9º ano do Ensino Fundamental. O curso era ministrado no turno da manhã, ocupando o espaço onde funcionava, em outros horários, os diferentes cursos dos atuais Instituto de Letras, Faculdade de Educação, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e Instituto de Psicologia, então localizados na Rua Haddock Lobo, 296 no bairro da Tijuca.

A Direção e a responsabilidade pelo funcionamento do CAP-UERJ cabiam ao catedrático da cadeira de Didática Geral e Especial da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras - FFCL da UDF. Deste modo, assumiu a mesma o Professor Fernando Rodrigues da Silveira (Foto 1), que já fora Diretor do Instituto de Educação, Secretário de Educação do Distrito Federal, além de professor de Medicina da Universidade do Brasil.



Foto 01 - Autor desconhecido- Fonte : Centro de Memória Institucional Professor Fernando Sgarbi Lima



A partir de 1961, as primeiras turmas que haviam ingressado no curso ginásial (atual segundo segmento do ensino fundamental) puderam prosseguir na instituição cursando o Clássico e o Científico, pois os mesmos já haviam sido implantados nesse ano, segundo documentação arquivada na instituição. Além disso, os alunos puderam frequentar cursos que preparavam, segundo suas opções para o Ensino Superior, como o Pré-Letras ou Pré-Engenharia.

O currículo apresentado para os cursos do Clássico e do Científico demonstra a valorização humanística<sup>12</sup> que caracterizou a criação do colégio, pois englobava as seguintes disciplinas: Português, Francês, Inglês, Matemática, Grego, História do Brasil, História Geral, Geografia, Alemão, Desenho, Espanhol, Física, Química, História Natural, Educação Artística, Latim, Educação física, Filosofia, Literatura e Estudos Sociais. As disciplinas a serem cursadas em cada série dependiam do curso para o qual o aluno se dirigisse.

Dez anos depois de sua fundação, portanto no ano de 1967, o CAP-UERJ foi desvinculado da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Tal fato modificou os objetivos que deram origem ao colégio. O CAP-UERJ à época, por meio de legislação interna, foi definido como “unidade de experimentação e aperfeiçoamento metodológico e didático do ensino de nível médio”, além de ser nomeado o “centro de treinamento dos alunos da Faculdade de Educação”. Permanece a responsabilidade do CAP-UERJ na integração acadêmico-metodológica entre os ensinos primário, ginásial, médio e superior, tendendo esta a se aprofundar por meio do tempo.

Ainda nos anos 60, houve a transferência do colégio da Rua Haddock Lobo para a “colina”, como era chamado, pelos professores, o Morro do Turano, na Rua Barão de Itapagipe 311. Pais, professores e o diretor - professor Fernando Sgarbi Lima<sup>13</sup>, durante muito tempo, lutaram para encontrar um espaço para a escola

---

<sup>12</sup> Entendemos por valorização humanística a relevância dada ao ensino das Ciências Humanas, Artes e Literatura no currículo da escola. O Humanismo pode ser definido como um conjunto de ideais e princípios que valorizam as ações humanas e valores morais (respeito, justiça, honra, amor, liberdade, solidariedade, etc). Para os humanistas, os seres humanos são os responsáveis pela criação e desenvolvimento destes valores. Desta forma, o pensamento humanista entra em contradição com o pensamento religioso que afirma que Deus é o criador destes valores. O humanismo se desenvolveu e se manifestou em vários momentos da história e em vários campos do conhecimento e das artes. Humanismo na antiguidade clássica (Grécia e Roma): manifestou-se principalmente na filosofia e nas artes plásticas. As obras de arte, por exemplo, valorizavam muito o corpo humano e os sentimentos.

<sup>13</sup> Fernando Sgarbi Lima foi professor de História Moderna e Contemporânea e Relações Internacionais, autor da Tese de Livre –docência referencial sobre revolução urbana nos séculos XIII

separado dos cursos universitários, para que se garantisse maior flexibilidade de horário e autonomia de funcionamento no colégio.

O prédio conseguido na Rua Barão de Itapagipe para atender as reivindicações havia sido um hospital, sendo assim, novamente, houve necessidade de adaptação para transformar um local destinado a comportar um hospital em colégio.

A Universidade cresceu e as cobranças institucionais e da comunidade externa se ampliaram do mesmo modo. Essas exigências fizeram com que o corpo docente e as gestões do CAp-UERJ ampliassem as discussões sobre a responsabilidade de um colégio que se pretendia experimental. A década de 70 veio afirmar a ideia de que a adoção do horário integral viesse a possibilitar o surgimento e a consolidação de inúmeros projetos inovadores e integrados de diferentes áreas do conhecimento, tais como: Festa do Folclore, agregando Educação física, Artística e História; apresentações de teatro, com a participação dos docentes das áreas de Comunicação e Expressão às Artes Plásticas; Semana Comunitária, conjugando os esforços de alunos e professores de diversos campos do conhecimento no atendimento à comunidade do entorno do colégio, além da organização de visitas orientadas a museus, unidades industriais e laboratórios; Feira de Ciências; Coral; Festival de música; Banda Escolar; exposições permanentes de artes plásticas; Olimpíadas, dentre outras iniciativas.

De todos esses projetos o que sobrevive, com maior constância, no passar dos anos de forma ininterrupta resistindo aos espaços/tempos do Colégio de Aplicação (CAp-UERJ), foi e ainda é o projeto das Olimpíadas Desportivas Internas.

A década de 1970 também foi importante para o restante das unidades que compunham a Universidade. Em agosto de 1976 foi inaugurado o Campus Universitário Francisco Negrão de Lima. A transferência das diversas unidades que funcionavam na Rua do Bispo para o novo *campus* permitiu à direção, então nas mãos da professora Maria Lúcia Lemme Weiss<sup>14</sup>, propor à UERJ a ocupação

---

e XIV, de artigos teóricos publicados nos anais da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica SBPH) e de vários verbetes da Enciclopédia Barsa. Dentre os cargos que ocupou na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, foi diretor do Colégio de Aplicação, diretor do Departamento Cultural e Sub-Reitor Acadêmico, quando a mesma foi criada no ano de 1976. Nesta última função, foi responsável pela estruturação do regime de créditos e do que, posteriormente, se constituiu na sub-reitoria de graduação (SR – 1) e sub-reitoria de pesquisa (SR – 2).

<sup>14</sup> Maria Lúcia Weiss foi diretora do CAp-UERJ de 1974 a 1978.

daquele espaço da Rua Haddock Lobo para atividades do CAP-UERJ. Contudo, a mais importante reivindicação de utilização do espaço era a criação do primeiro segmento do 1º Grau do Colégio de Aplicação. Esta ideia consolidava a perspectiva de que a instituição estava preparada para propor metodologias e servir de campo de estágio para todo o ensino fundamental, e não apenas para seu segundo segmento.

A proposta foi endossada pelo restante da Universidade e em 17 de fevereiro de 1977 o Magnífico Reitor Caio Tácito<sup>15</sup> assinou o Ato Executivo nº 861, que criou o primeiro segmento do 1º Grau do Colégio de Aplicação. E em 1986, sob a direção da professora Lená Medeiros de Menezes<sup>16</sup>, implantou-se a Classe de Alfabetização (C.A.), hoje 1º ano Ensino Fundamental. Podemos registrar que dez anos antes da aprovação da Lei de Diretriz e Bases da Educação nacional (LDB) nº 9.394 de 1996, o CAP-UERJ já possuía nove anos de estudo, em caráter semi-integral no que hoje denominamos Ensino Fundamental.

Além de professores regentes para cada turma, o primeiro segmento iniciou-se com profissionais especializados em Música, Artes Plásticas, Educação física, Biblioteca, Orientação Educacional, Supervisão Pedagógica e Fonoaudiologia.

O ingresso dos alunos foi gradativo; a princípio com turmas de 3ª e 4ª séries (atualmente, no 4º e no 5º ano do Ensino Fundamental) e, posteriormente, de 2ª e 1ª séries (atualmente no 2º e no 3º ano do Ensino Fundamental). Completado este ciclo, a entrada no segmento só poderia ocorrer a partir de exame de alfabetização na primeira série. Este instrumento desaparece com a inclusão da Classe de Alfabetização, hoje denominada de 1º ano do Ensino Fundamental.

A partir de 1986, o ingresso no CAP-UERJ passou a se realizar por sorteio público (atualmente, no 1º ano e no 6º ano do Ensino Fundamental). Cabe também apontar que ainda na década de 80 começam a ocorrer as atividades letivas do Clube de Leitura Paula Saldanha, uma inovação curricular que completa 35 anos de existência em 2017. Podemos considerar este também um referencial, não com a mesma pujança de possível fortalecimento identitário por meio das Olimpíadas Desportivas Internas, pois do Clube de Leitura só participam os alunos do 4º ao 5º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

---

<sup>15</sup> Reitor Caio Tácito foi reitor da UERJ de 1974 a 1978.

<sup>16</sup> A professora Lená Medeiros de Menezes foi nomeada interventora do CAP-UERJ pelo reitor Charley Fayal, após destituição do professor João Álvaro do cargo de diretor da instituição.

Os anos 1980 trouxeram para o colégio, como para toda a UERJ, maior preocupação com a consolidação de seu perfil acadêmico e democrático. É o momento da introdução dos concursos públicos para a carreira docente universitária. Para o CAP-UERJ, a década foi fundamental no sentido do comprometimento com a consolidação de seu perfil acadêmico e pedagógico. Além da instalação da prática de concursos públicos na seleção para docentes e outros profissionais da educação, este foi também o momento da implantação de uma estrutura organizacional departamental, seguindo o modelo da Universidade.

Ainda nesta década, foram implementadas, além da Classe de Alfabetização (atual 1º ano do Ensino Fundamental) já mencionada, o Núcleo de Psicopedagogia, as Coordenadorias de Editoração e de Apoio à Pesquisa e o regime de 20 e 40 horas.

Na década de 1990, a situação de violência urbana acabou por esgarçar as boas relações de vizinhança que gradativamente tinham sido construídas entre a direção e a comunidade desde a transferência para o Morro do Turano. A luta pelo controle do morro entre grupos de traficantes levou às autoridades da Universidade a buscar com urgência uma solução para o problema de um espaço para o colégio.

Mais uma vez, não foi possível uma solução definitiva. E, de novo, provisoriamente, o Colégio de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira foi transferido em parte - os 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental (à época), atuais do 6º ao 9ºano e o Ensino Médio - para o Campus Universitário no Maracanã, onde permaneceu desde outubro de 1994 a setembro de 1998. O primeiro segmento do Ensino Fundamental permaneceu no Pavilhão Nei Cidade Palmeiro, situado à Rua Haddock Lobo.

Em 1997, a partir do documento "Refazendo o Ensino de Graduação", elaborado pela Sub-Reitoria de Graduação da UERJ, o CAP-UERJ começa de fato a propor sua transformação de Colégio de Aplicação em Instituto de Aplicação. Delimitando suas especificações acadêmicas e impondo-se como espaço efetivo de experimentação metodológica e estágio para toda a Universidade, reafirma sua condição de Unidade Acadêmica.

Portanto, ao ser instalado no *campus* da UERJ, o CAP ficou espalhado por vários andares, acolhido por alguns membros da comunidade universitária e visto com desconforto por outros. O CAP-UERJ resistiu e continuou lutando por um espaço definitivo, com o qual pudesse se identificar e no qual pudesse construir as

condições materiais para a continuidade do trabalho de seus profissionais e alunos. Finalmente, em 1998, na direção da professora Maricélia Bispo<sup>17</sup>, é inaugurada a sede definitiva do Colégio de Aplicação da UERJ, na Rua Santa Alexandrina, nº 288, no bairro do Rio Comprido.

Em dois blocos, embora pequenos para todas as atividades que o colégio comporta, conseguiu-se unir, pela primeira vez desde a sua fundação, todo o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Na gestão do Reitor Antônio Celso Alves Pereira<sup>18</sup>, foi dado um passo importante para o reconhecimento de uma unidade acadêmica cuja prerrogativa fundamental é a produção de conhecimentos que integrem os diversos níveis de ensino, dando ênfase à licenciatura como um dos caminhos privilegiados na inter-relação do ensino com a pesquisa.

Em 04/10/2001, durante a gestão do Professor Aristônio Gonçalves Leite Jr.<sup>19</sup>, finalmente implanta-se o Instituto de Aplicação como mais uma Unidade Acadêmica da UERJ.

## **2.2. De Colégio a Instituto**

Mais recentemente, nas gestões do Magnífico Reitor Nival Nunes de Almeida<sup>20</sup> e do diretor Lincoln Tavares Silva<sup>21</sup> a partir de 2005, como fruto das discussões iminentes na conjuntura educacional brasileira, o Instituto de Aplicação ampliou sua ação no campo da formação docente da UERJ, principalmente no ensino de Graduação, ao compor com outras unidades acadêmicas da UERJ a formação inicial dos estudantes das licenciaturas.

Na sua estrutura, o Instituto de Aplicação atualmente contempla seis Departamentos multidisciplinares (DEF – Departamento de Ensino Fundamental; DMD – Departamento de Matemática e Desenho; DLL – Departamento de Línguas e Literatura; DEFA – Departamento de Educação física e Artística; DCHF – Departamento de Ciências Humanas e Filosofia; DCN – Departamento de Ciências da Natureza), coordenações disciplinares, de estágio docente e administrativas, núcleos acadêmicos, pedagógicos e culturais (Núcleo de Extensão, Pesquisa e

---

<sup>17</sup> Foi diretora do CAp-UERJ no período de 1996 a 2000

<sup>18</sup> O professor Antonio Celso Pereira foi reitor da UERJ no período de 1996 a 1999.

<sup>19</sup> O professor Aristônio Leite Gonçalves foi diretor do CAp-UERJ no período de 2000 a 2004 .

<sup>20</sup> Reitor no período de 2004 a 2007.

<sup>21</sup> Diretor por duas vezes do Colégio de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira , de – 2004-2008; 2012-2015

Editoração e Núcleo Acadêmico –Pedagógico), coordenação de turno e coordenações de Educação Básica, de Graduação e de Pós-graduação. Todas estas instâncias estão voltadas para o ensino básico e superior.

A tendência humanista do Instituto de Aplicação da UERJ delineada, desde sua fundação, se expressa até hoje, não somente por meio da carga horária ampliada que o colégio mantém para a maioria das disciplinas, oportunizando maior permanência dos alunos na escola, como por meio de múltiplos espaços de criação. Como exemplo disto, podemos citar a diversidade de disciplinas artísticas, a saber: Teatro, Artes Plásticas, Música, Design, Fotografia, História da Arte, trabalhadas desde os primeiros anos de escolaridade do Ensino Fundamental até o Ensino Médio.

No CAP-UERJ, além das ações voltadas para o ensino superior, destacamos também as ações no campo da Iniciação Científica Júnior, permitindo parcerias e inserções dos estudantes do ensino básico, devidamente orientados, em instituições de pesquisa e de ensino renomadas (FIOCRUZ, CENPES, CBPF, IMPA<sup>22</sup> e UERJ).

Além disso, no período de 2008 à 2012, diversos estudantes do Ensino Médio participaram da Jovem ONU e da ONU-Mirim organizadas pelo Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio.

Também, houve participação de alguns estudantes no Geração Futura do Canal Futura, nas Olimpíadas Brasileiras de Matemática (OBMEP), Português e nas de Física e Robótica.

Tal tendência vanguardista do CAP-UERJ se expressa também quando constatamos o oferecimento aos alunos do ensino médio das disciplinas de Filosofia (desde 1987) e Sociologia (desde 1997) antes do impositivo legal.

A mesma tendência antecipatória na matriz curricular da escola se confirma com a existência de espaços eletivos de atividades pedagógicas tais como: Oficinas de Línguas Alemã, Italiana e Japonesa; Coral; Oficinas de Apoio à Aprendizagem por meio da Arte; aulas de aprofundamento temático destinadas ao 3º ano do Ensino Fundamental; Projeto de Ações Docentes de Inclusão, Projeto de Iniciação à docência e, mais recentemente, a oferta de Atendimento Educacional Especializado. Também há o acompanhamento às ações de política afirmativa, por meio de cotas, desde 2014, dentre outras iniciativas, além das Olimpíadas - objeto

---

<sup>22</sup> Fundação Osvaldo Cruz, Centro de Pesquisas e Desenvolvimento Leopoldo Américo Miguez de Mello, Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, Instituto Nacional de Matemática Pura Aplicada.

de nosso estudo. Também têm sido destacadas as participações dos estudantes do Instituto em Projetos de Redação (parceria com o Jornal Folha Dirigida e com a Fundação Biblioteca Nacional), nos quais as produções literárias dos alunos eram publicadas anualmente em livro oficial.

Podemos verificar, por meio deste breve histórico do Instituto de Aplicação da UERJ, que atividades formativas estão presentes na vocação humanista do CAp- UERJ. Contudo, a Olimpíadas Desportivas Internas, dentre as diversas atividades existentes, se destacam devido a sua perenidade e constância, mantendo suas tradições e ritos organizados sob a forma de bandeiras e modalidades em disputa. Também aproxima os estudantes de seus professores e de outros estudantes, independentemente das turmas ou anos de escolaridade a que pertencem, além de favorecer a integração na vida escolar os pais e responsáveis. Podemos ainda verificar que por meio dela há uma redistribuição de poderes, produzido pela competição, segundo as performances dos estudantes, professores e outros agentes educativos.

Temos ainda mais recentemente, a partir de 2014, o Programa de Pós-graduação de Ensino em Educação Básica e os impactos da política afirmativa de cotas, renovando mais uma vez as ações da unidade.

### **2.3. A História das Olimpíadas e seu Funcionamento**

As Olimpíadas Internas do CAp-UERJ começaram a ser promovidas na década de 1970 em meio ao chamado “milagre” econômico brasileiro e ao regime da ditadura militar, então sob a escudo do AI-5<sup>23</sup>, que cerceou os direitos políticos e democráticos dos cidadãos brasileiros.

A Educação Física instituída como disciplina obrigatória nas escolas do Rio de Janeiro desde 1856 foi reafirmada na Lei 5692/71, refletindo o momento vivenciado pelo país, com uma proposta que contemplava a formação do indivíduo disciplinado, cumpridor de ordens a serviço do Brasil e a afirmação da ideia de que a escola seria o celeiro para os grandes eventos esportivos internacionais em busca da edificação da nação olímpica.

---

<sup>23</sup> AI-5, Ato Institucional número 5 foi o quinto de uma série de decretos **emitidos pelo** regime militar brasileiro **nos anos seguintes ao** Golpe Militar de 1964 **no Brasil**.

Nesse contexto, o patriotismo esportivo é reforçado inclusive como estratégia social e educacional, direcionado para a massificação do profissionalismo no esporte formando atletas de alto nível levando o nome do Brasil mundo afora sob a forma de propaganda governamental. Dá-se um movimento que alcança as atividades físicas e busca a interação das massas por meio do “Esporte para todos”<sup>24</sup>, pelo qual se dilui o atrativo do espetáculo e da competição, em favor da maior participação das populações nas atividades físicas, com objetivos que valorizavam predominantemente a imagem do regime militar. Segundo Celby Santos:

Eu estava no Instituto de Educação Física da UERJ, onde o professor Ivair Machado ordenou que houvesse um estudo e uma mudança sistêmica na atividade de Educação física, buscando um entrelaçamento cada vez maior com todas as outras disciplinas. Nós, os professores, comporíamos um grupo novo. Eu, Jorginho, Ernani e o saudoso professor Mascarello, viemos para cá, para montar uma estrutura. Era exatamente algo como deveria ser o desenvolvimento da atividade de Educação física no Colégio de Aplicação. E aí surgiu a conversa com os professores Paulo Sérgio, Moisés, Farias, com o professor Miragaya, a possibilidade da realização de um evento chamado Olimpíada, mesmo sabendo, na época, que o comitê olímpico brasileiro proibia, por determinação, a realização de qualquer evento esportivo que tivesse o nome “Olimpíada”. Graças a Deus, o Colégio de Aplicação foi autorizado a ter Olimpíada, que é uma situação importante a ser observada. (OLIVEIRA *et. al*, 2013, p. 5)

Neste cenário, o então professor de Educação física da UERJ Celby Rodrigues Vieira dos Santos<sup>25</sup>, planejou a realização de um evento de atividade física que envolvesse somente os estudantes do antigo ginásio da escola. Propôs, em 1972, ao então Diretor do CAp-UERJ, Professor Fernando Miragaya<sup>26</sup>, que três dias dentro da feira de ciências do colégio fossem dedicados a criação das Olimpíadas Internas, que foi realizada na Escola de Educação Física do Exército. Segundo Celby Santos:

Aqui estavam o professor Paulo Fonseca, a professora Maria José, o professor Carlos Alberto e o professor Eduardo Viana. Esses quatro eram professores cedidos ao Colégio de Aplicação. O professor Ivair Machado, ao montar o Instituto, que foi formado por um grupo de

<sup>24</sup> ORIGEM E DESENVOLVIMENTO: A primeira campanha de Esporte para Todos (EPT) que, sem dúvida, pode ser considerada é o início do Movimento que surge na Noruega, sob a denominação de TRIM e foi elaborado por Per Hauge-Moe (1965). OBJETIVO: O objetivo dessa campanha era promover atividades que reunissem esporte, publicidade e comunicação de massa, que deveriam atrair o maior número possível de pessoas participantes do evento EPT.

<sup>25</sup> Professor do Colégio de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira e professor do Instituto de Educação física e Desporto da Universidade do Estado da Guanabara e, posteriormente, do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>26</sup> Diretor no período de 1970 a 1974



professores da universidade, olhou para o Colégio de Aplicação, com uma obrigação que aproximava o Colégio de Aplicação da formação superior, na qual os futuros professores viriam para cá. Então eu vim como o primeiro, desenvolvendo trabalho com respeitabilidade, juntando com mais professores na área de Educação física. Isso não quer dizer que havia uma nova proposta. Era apenas uma proposta pedagógica diferenciada. Mas uma proposta pedagógica com necessidade de aproximação da família, do alunado e do corpo docente, tornando-se, então, um campo de pesquisa muito mais aprofundado. Essa foi a nova proposta. Por isso, o surgimento da questão na Feira de Ciência. Uma magnífica Feira de Ciência que já existia, incentivada pelo professor de Matemática, o professor Paulo Sergio, pelo professor Moisés, pelo professor Miragaya, ele era efetivamente o homem da ciência. Que era de Biologia. (OLIVEIRA *et al.*, 2013; p. 6)

Todo ensino ginasial do Colégio foi organizado em cores que foram chamadas de bandeiras. O professor Celby Santos fala sobre isso no depoimento abaixo:

O símbolo da UERJ foi o que motivou as primeiras bandeiras, as primeiras cores de bandeiras. Notem o seguinte: o vermelho, que sempre teve, é a chama da tocha que é vermelha e preta na UERJ. Então surgiu a bandeira preta. Azul são as letras que a UERJ tem em seu símbolo. E branca, é o seu fundo. Então essas foram as quatro primeiras bandeiras colocadas na história das Olimpíadas. A antiga 3ª série do Ensino Médio, o 3º ano, não participava, porque tinha uma carga horária pesada na escola, que não permitia que ela formasse, treinasse e se organizasse. Mas, eles eram os organizadores. (OLIVEIRA *et al.*, 2013, ;p.18-19)

Nesta época os chefes de bandeira não eram eleitos e sim escolhidos pelos professores, conforme observamos no dialogo em destaque, retirado da entrevista.

Na minha época de aluno, os chefes de bandeiras eram alunos do 1º ano do segundo grau. Normalmente, dois de cada ano, normalmente dois meninos e duas meninas. Os alunos que passavam do 2º ano para o 3º ano deixavam de ser chefes de bandeira, e os que passavam do 1º para o 2º ano, continuavam e, teoricamente, esses quatro escolhiam mais dois. Quando você subia da 8ª série para o 1º ano, já existia essa expectativa de você ser chamado, ser escolhido para ser chefe de bandeira. O que não foi, exatamente, o que aconteceu no início, né? O meu ano de chefe, 1985, me lembro por conta disso: foi o ultimo ano em que a escolha foi desse jeito. O professor, se não me engano, Mascarello, entrou no processo de Educação física desse ano. A equipe toda apresentou a proposta para a gente, que a partir do ano seguinte, 1986, haveria uma eleição para chefe de bandeira. Eu acho que é aquela retomada de democracia, do direito de votar, escolher o presidente (OLIVEIRA *et al.*, 2013; p.22-23)

Antigamente, era o chamado “tudo amigo nosso”, “agora você... você”, é “só falar, só falar”. (OLIVEIRA *et al.*, 2013; p.23)

Era só chamar, que o outro virava chefe. Normalmente não era uma escolha, não só por alguma amizade, mas por alguma liderança, ou

porque o cara era um bom atleta em alguma modalidade. (OLIVEIRA *et al.*,2013; p. 23)

Findo o período ditatorial, as Olimpíadas continuam sob o novo pano da democracia brasileira e são marcadas por outro contexto histórico.

Conforme consta no Regimento das Olimpíadas do CAP-UERJ, escrito pelos docentes da equipe de Educação Física do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, arquivado no Centro de Preservação da Memória Institucional Prof. Fernando Sgarbi Lima, a Olimpíada é um componente do Projeto Pedagógico, não possuindo a intenção de ser encarada como um evento isolado, ou ainda, como culminância das atividades realizadas nos meses que antecedem a realização dos jogos. Segundo o professor Aristônio Leite:

A Olimpíada sempre foi valorizada, tá? Todo trabalho relacionado a ela é feito durante o ano. Desenvolvimento do corpo, desenvolvimento físico, é... Psicológico, né...? O trinômio biopsicossocial. Então é uma culminância em que os alunos eram motivados também por serem divididos em bandeiras, como se fossem países, e dentro desses países havia os dirigentes, que são os chefes de bandeira, que se organizavam em equipes. Então era uma integração que até hoje a escola toda vive. Então você vê um aluno do 3º ano do Ensino Médio que conhece o aluno do 1º ano do Ensino Fundamental. Eles se falam, conversam. (OLIVEIRA *et al.*, 2013; p.6)

A Equipe de Educação Física do CAP-UERJ insere-a estrategicamente em seu planejamento pedagógico. O primeiro passo das Olimpíadas Desportivas Interna do CAP-UERJ é dado muitos meses antes da semana Olímpica propriamente dita, no final do mês de março e início do mês de Abril com a divisão do colégio em bandeiras. Nesse momento todas as turmas compreendendo alunos do 1º ano do Ensino Fundamental (E.F) - que acabaram de ser incorporados ao corpo discente do Instituto - aos alunos do 3º ano do Ensino Médio (E.M) são divididos em quatro bandeiras por meio de sorteio. Nessa dinâmica, primeiro se sorteia a ordem das cores das bandeiras e em seguida ocorre o sorteio dos números que representam os alunos no diário de classe, possibilitando, por exemplo, que todos os alunos que se fazem representar no diário de classe pelo número sorteado sejam de uma mesma bandeira respeitando-se a ordem das cores definidas anteriormente por sorteio. Atualmente as quatro cores que representam as bandeiras são: amarela, azul, verde e vermelha. Esta transformação se deu como pode nos esclarece o professor Celby Santos e a professora Denise Mihessen no dialogo a seguir.

Entendida uma questão de identidade, transforma-se a bandeira preta em amarela, e introduz-se a bandeira verde, no lugar da vermelha. Mas, em algumas épocas, a bandeira vermelha continuou,

continua a bandeira vermelha, a preta sai de vez. (OLIVEIRA *et al.*, 2013; p.19)

A branca também. (OLIVEIRA *et al.*, 2013; p. 19)

A branca sai porque a camisa da escola é branca, identificava como uniforme da própria escola. Aí entra a bandeira verde, a azul continua e fica a vermelha. (OLIVEIRA *et al.*, 2013;p 19)

Novo sorteio poderá ser realizado, exclusivamente com o objetivo de permitir a participação, em igualdade de condições quantitativas, de todas as equipes. Este recurso é muito utilizado nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois este não se divide em categorias e sim, em ano de escolaridade, uma vez que o CAP-UERJ tem três turmas por ano de escolaridade com média de 60 alunos, que deverão ser sorteados em quatro cores de bandeiras diferentes. Mas isso não foi sempre assim, como nos conta o professor Aristônio Leite na entrevista à revista *e-Mosaicos*.

Antigamente as categorias eram feitas por série, né? Uma categoria era o primeiro segmento; a outra categoria era a 3ª categoria, que eram os alunos de, na época eram de 5ª e 6ª séries; a 2ª categoria era 7ª e 8ª séries. E a 1ª categoria era alunos do Ensino Médio. Hoje – e já há alguns anos – a gente já faz por idade, independente da série em que ele está. Porque às vezes tem um garoto que repetiu alguns anos. E já tem 17 anos, na 6ª série. Ele não vai jogar junto com o aluno de 11 e 12 anos, então a gente faz por data/ano de nascimento. (OLIVEIRA *et al.* 2013, p.13)

O segundo passo é a inscrição, a campanha e as eleições para chefes de bandeira por parte dos alunos. Cada uma das bandeiras deverá ter quatro chefes eleitos, dois meninos e duas meninas, sendo estes alunos do 1º ano ou 2º ano do Ensino Médio (E.M.). Votam os alunos desde o 3º ano do E.F até os 3º ano do E.M. As campanhas, inscrições e eleições são individuais, não havendo portanto, formação de chapas coletivas.

Na eleição existe um processo todo, que a gente depois, como aluno, tem que vivenciar e participar. Então essa questão pedagógica é muito importante. O aluno tem o período para lançar a candidatura dele, quer dizer, para inscrever a candidatura dele, depois aquela candidatura é avaliada em cima de conceitos e critérios: o fato de ser repetente, educação, comportamento, coisas que eles sabem, eles estão cientes de tudo desde o início, eles não são pegos de surpresa em nenhum momento. Então, enfim, eles lançam a candidatura, ela é aprovada, os pais assinam, porque eles são menores. Existe um período de campanha, então eles fazem campanha tipo “ficha limpa”. Eles obviamente se auto avaliam. A campanha não pode ser burlada, nem ter trocas escusas. Tem que ser uma campanha pelas ideias dos chefes de bandeira. E, ao final dessa semana, desse período de campanha, existe o dia da eleição, (OLIVEIRA *et al.*, 2013; p.23)

O “chefe de bandeira” eleito atua como organizador das equipes e tem *status* de líder legítimo dos alunos participantes<sup>27</sup>. É o responsável pela organização e orientação dos alunos de sua bandeira, devendo incentivar e garantir a oportunidade de todos participarem durante os treinamentos e jogos.

Como te disse, é legal porque parece uma eleição para deputados estaduais. Chega às vésperas, a gente tira toda propaganda, não pode ter boca de urna durante a votação e, com os vencedores decididos, começa a primeira reunião com os chefes de bandeira. A gente passa o que é Olimpíada para aqueles que querem. O que são os chefes de bandeira? O que é e qual vai ser a participação deles. A gente passa isso tudo. A gente está sempre do lado deles! A gente está presente nos treinamentos de bandeira para dar orientação. Por isso não ficam sozinhos. A gente está aqui, o professor sempre está. Dois ou três professores que acompanham os treinos de bandeira, aqui ou no Célio de Barros, com o treinamento de atletismo, durante o período todo. Aí chega outra fase de inscrição para selecionar os alunos, os atletas de cada modalidade. (OLIVEIRA *et al.*, 2013; p 22)

Porem teve uma época em que a escolha não democrática como nos mostra o Professor Miragaya dos Santos.

Na minha época de aluno, os chefes de bandeiras eram alunos do 1º ano do segundo grau. Normalmente, dois de cada ano, normalmente dois meninos e duas meninas. Os alunos que passavam do 2º ano para o 3º ano deixavam de ser chefes de bandeira, e os que passavam do 1º para o 2º ano, continuavam e, teoricamente, esses quatro escolhiam mais dois. Quando você subia da 8ª série para o 1º ano, já existia essa expectativa de você ser chamado, ser escolhido para ser chefe de bandeira. O que não foi, exatamente, o que aconteceu no inicio, né? O meu ano de chefe, 1985, me lembro por conta disso: foi o ultimo ano em que a escolha foi desse jeito. O professor, se não me engano, Mascarello, entrou no processo de Educação física desse ano. A equipe toda apresentou a proposta para a gente, que a partir do ano seguinte, 1986, haveria uma eleição para chefe de bandeira. Eu acho que é aquela retomada de democracia, do direito de votar, escolher o presidente. (OLIVEIRA *et al.*, 2013;p .22-23)

Hoje como já observamos acima, para que não haja desequilíbrio no bio-tipo-físico e cronológico, não criamos mais categorias por ano de escolaridade, mas a necessidade de dividirmos o CAP-UERJ em categorias ainda é uma realidade, desta forma passamos a levar em consideração a data de nascimento para categorizar o CAP-UERJ. Como temos a preocupação em possibilitar que o maior número de estudantes venha a participar estamos sempre disponibilizando o mais amplo leque de modalidades desportivas possíveis, desta forma há uma preocupação com a inclusão de todos os estudantes e não só os com mais habilidade motora. É

<sup>27</sup> Os alunos se candidatam, mas antes do processo eleitoral estes tem sua ficha disciplinar escolar levantada e avaliada pelos professores de Educação física do CAP. Sendo assim, cada aluno é avaliado não só na dimensão pedagógica quanto ética.

importante destacar que muito antes de ouvir falar em INCLUSÃO, o CAP-UERJ já o fazia, através de suas Olimpíadas Desportivas, antes mesmo da criação da Coordenação de Ações Inclusivas (ano de 2000 ). Desde o primeiro ano de Ensino Fundamental os alunos portadores de necessidades especiais, são incluídos nas atividades desportivas, fazendo-se adaptações na atividade para que estes estudantes possam participar não se sentirem diferentes, mas como dissemos não só a inclusão do deficiente físico/motor, mas a inclusão no mais amplo sentido da palavra, inclusão social, intelectual, de gênero, o sujeito com menor habilidade motora. Outra ação importante é a promoção do respeito e aceitação ao diferente.

Exemplificaremos aqui uma divisão de categorias e modalidades que foi referência na 40ª Olimpíada Interna Desportiva do CAP-UERJ, realizada no ano de 2012.

**QUADRO DE DISTRIBUIÇÃO DE CATEGORIAS E MODALIDADES  
DESPORTIVAS QUE CADA CATEGORIA PARTICIPOU  
1ª CATEGORIA – Nascidos até 1996**

**QUADRO 1: MODALIDADES**

<b>MASCULINAS</b>		<b>FEMININAS</b>	
<b>INDIVIDUAIS</b>	<b>COLETIVAS</b>	<b>INDIVIDUAIS</b>	<b>COLETIVAS</b>
ATLETISMO	FUTEBOL SOCIETY	ATLETISMO	HANDEBOL
XADREZ	HANDEBOL	XADREZ	VOLEIBOL
TÊNIS DE	BASQUETE	TÊNIS DE MESA	BASQUETE

MESA			
------	--	--	--

### 2ª CATEGORIA A – Nascidos em 1999

#### QUADRO 2: MODALIDADES

Na 2ª categoria por termos um maior número de alunos compreendidos

<b>MASCULINAS</b>		<b>FEMININAS</b>	
FUTSAL		HANDEBOL	
<b>2ª CATEGORIA B – Nascidos em 1997/1998 /1999</b>			
<b>MODALIDADES</b>			
<b>MASCULINAS</b>		<b>FEMININAS</b>	
<b>INDIVIDUAIS</b>	<b>COLETIVAS</b>	<b>INDIVIDUAIS</b>	<b>COLETIVAS</b>
ATLETISMO	FUTSAL	ATLETISMO	HANDEBOL
XADREZ	HANDEBOL	XADREZ	VOLEIBOL
TÊNIS DE MESA	BASQUETE	TÊNIS DE MESA	BASQUETE
	VOLEI		

dentro dessa faixa etária no colégio (do 6º ao 9º ano), muitas vezes temos que dividir as categorias em A e B para que haja a participação de um número expressivo de alunos.

### 1º AO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

#### QUADRO 3: ATIVIDADES DESPORTIVAS

SÉRIE	MODALIDADES		GÊNERO	
1º, 2º e 3º ANO	JOGOS RECREATIVOS		EQUIPES MISTAS	
	ESTAFETA		EQUIPES MISTAS	
4º e 5º ANO	MASCULINAS		FEMININAS	
	<b>INDIVIDUAIS</b>	<b>COLETIVAS</b>	<b>INDIVIDUAIS</b>	<b>COLETIVAS</b>
	ATLETISMO	FUTSAL	ATLETISMO	HANDEBOL
	CÂMBIO		EQUIPES MISTAS	
5º ANO	GINÁSTICA OLÍMPICA		MASC E FEM	

#### QUADRO 4: PROVAS DE ATLETISMO REALIZADAS

1ª CATEGORIA		2ª CATEGORIA		3ª CATEGORIA		1º AO 5º ANO	
MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM
1500 m	_____	800 m	_____	_____	_____	_____	_____

100 m	100 m	100 m	100 m	50 m	50 m	50 m	50 m
REVEZ. 4X100 m	REVEZ. 4X100 m	REVEZ 4x100m	REVEZ. 4X100m	REVEZ 4X50m	REVEZ. 4X50 m	REVEZ. 4X50 m	REVEZ. 4X50 m
SALTO EM DISTÂNCIA	SALTO EM DISTÂNCIA	SALTO EM DISTÂNCIA	SALTO EM DISTÂNCIA	SALTO EM DISTÂNCIA	SALTO EM DISTÂNCIA	SALTO EM DISTÂNCIA	SALTO EM DISTÂNCIA
SALTO EM ALTURA (1,40m)	SALTO EM ALTURA (1,20m)	SALTO EM ALTURA (1,20m)	SALTO EM ALTURA (1,10m)				

Cada aluno só poderá participar das Olimpíadas em uma categoria, não podendo desta forma, por exemplo, o aluno da 2ª categoria A jogar o mesmo desporto na 2ª categoria B; e cada aluno só poderá ser inscrito em, no máximo, 02 (duas) modalidades desportivas coletivas (futebol, basquete, vôlei) e 01 (uma) individual (atletismo, xadrez ou tênis de mesa). A Ginástica Olímpica não é considerada como modalidade individual, existindo apenas como apresentação na Olimpíada Interna.

As inscrições deverão ser realizadas de acordo com a tabela abaixo devido às exigências da natureza de cada desporto.

**QUADRO 5: QUANTITATIVO DE PARTICIPANTES POR MODALIDADE DESPORTIVA**

MODALIDADE	Nº. MÁXIMO DE INSCRIÇÕES	SUPLENTES
BASQUETE	10	-
CÂMBIO	12	-
FUTEBOL SOCIETY	12	-
FUTSAL	10	-
GINÁSTICA OLÍMPICA	LIVRE	-
HANDEBOL	12	-
TÊNIS DE MESA	02	01
VOLEIBOL	12	-
XADREZ	02	01

Para as competições de Atletismo, que não está contemplado nas tabelas acima, cada bandeira poderá inscrever, no máximo, 03 (três) alunos por prova individual, sendo dois titulares e 01 (um) suplente e 05 (cinco) alunos por revezamento, sendo 04 (quatro) titulares e 01 (um) suplente. Tanto nas provas individuais, quanto nos revezamentos, só é permitida a substituição pelo aluno

suplente devidamente inscrito. Cada estudante só pode ser inscrito em uma prova individual podendo, também, participar do revezamento. Hoje, para se evitar que uma equipe não tenha como jogar (perder o jogo) pela falta de um atleta, e não tenha outro inscrito para substituí-lo, as inscrições são feitas momentos antes do jogo.

Do ano passado para cá nós mudamos, para não acontecer a perda de ponto por não comparecimento. Era uma tristeza, pois os chefes de bandeira se organizavam, montavam as equipes e, algumas vezes, na hora, os alunos não iam. Então, de dois anos pra cá nós estamos fazendo o seguinte: Eles têm uma relação. Nós temos uma relação de nomes e a que bandeira eles pertencem e nós vamos colocando, na hora do jogo, quem está participando. Se bater mais de duas coletivas, a gente sabe por que ele está anotado, e que ele já está participando. Então ele monta o time. Quando só tem cinco, se tiver que ter seis, ele chama um aluno que não está inscrito em nada. “Ó, você vai jogar aqui”. Aí a gente passa, ou não. Não tem mais ocorrido perda de pontos por não comparecimento. (OLIVEIRA *et al.*, 2013; p.23)

Cada bandeira poderá inscrever, no máximo, 03 (três) alunos por prova individual, sendo dois titulares, 01 (um) suplente e 05 (cinco) alunos por revezamento, sendo 04 (quatro) titulares e 01 (um) suplente.

O desfile de abertura, inicialmente, segundo o Professor Miragaya dos Santos, inicialmente:

[...] as aberturas se davam às quintas-feiras à tarde. É, até hoje, o horário de reunião de professores da escola. Por conta disso, era mais um motivo para que os professores estivessem presentes. Alguns acompanhavam os alunos, até brincavam com a gente até o momento em que a gente terminava a Olimpíada. (OLIVEIRA *et al.*, 2013; p. 9)

O atletismo inicialmente era realizado na escola de Educação Física do exercito, na praia vermelha, Urca, juntamente com as provas de atletismo, depois passou a ser realizado no Estádio Célio de Barros, onde se realizavam também as provas de Atletismo. É importante destacar que o desfile de abertura é obrigatório para todos os alunos que participarão das Olimpíadas do CAp-UERJ. Os estudantes que não comparecerem ao desfile de abertura não poderão participar das competições. Atualmente o desfile não é mais na abertura das Olimpíadas, pois o Estádio Célio de Barros foi destruído na época em que se reformou o maracanã, Estádio de futebol construído para a Copa do Mundo de Futebol em 1958 e reformado para a Copa do Mundo de 2014. Desde então as provas de Atletismo passaram a ser realizado no CEFAN, Centro de Educação física Almirante Adalberto Nunes, com sede na cidade do Rio de Janeiro, situado à Avenida Brasil, onde em



algumas vezes já havíamos realizado as provas de Atletismo, com esta mudança de local o desfile de abertura passou a ser desfile de encerramento e a ser realizado no Ginásio poliesportivo da faculdade de Educação física da UERJ, no campus da Universidade. O texto abaixo mostra já foram realizadas em diversos espaços.

Nós já utilizamos vários espaços. Quando nós tínhamos natação, nós utilizamos o Júlio D’Lamare, o Parque Aquático da SUDERJ, o Clube Municipal, o Colégio Militar, o Grajaú Country Club, o Tijuca Tênis Clube. A gente sempre tem uma parceria com o Colégio Militar para o treinamento de atletismo (OLIVEIRA *et al.*, 2013; p. 26)

As estafetas começaram em 1980 de acordo com a fala do Professor Raul Neto, a revista e-MOSAICOS, 2013.

Esclarecimento: em 1980 começou a estafeta. Nós passamos a ter o 1º segmento com estafeta, totó, câmbio, handebol, futsal e todos os alunos participavam. Não ficava um aluno de fora. Todos participavam desse processo. Não havia separações. Fazíamos, no papel, as instruções e anotações e as professoras do primeiro segmento faziam a parte de sala de aula. (OLIVEIRA *et al.*, 2013, p.12).

É importante destacar que o processo das Olimpíadas inserisse num projeto de escola democrática, as regras e estações das estafetas são construídas em conjunto com os alunos. Destacamos que além destas preocupações temos que nos preocupar com ambulância e o socorro a ser oferecido a qualquer urgência médica que por ventura possa surgir além da preocupação em hidratar nossos estudantes, no passado a Companhia de Aguas do Estado do Rio de Janeiro oferecia o serviço de “aguadeiros”, eram funcionários da própria companhia que iam ao local do evento para oferecer agua potável aos presentes.

Podemos sugerir as instituições que desejem usar este trabalho como ponto de partida para a organização de uma prática pedagógica nos moldes desta, que convidem pessoas que participaram de atividades semelhante ou iguais, afim sedimentar o trabalho de construção de valores, que esta prática tão rica nos oferece, e mais, a montagem de um livro de fotos de cada evento, que servirá de memoria para ser utilizados pelos futuros participantes.

Sendo assim, percebemos o quanto a história da universidade se conjuga com a própria criação e história do CAp-UERJ. E o surgimento e desenvolvimento das Olimpíadas Internas do Instituto De Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira pode vir a se caracterizar como elemento identitário dessa instituição educacional, com base na marca perpassada pelos ritos, tradições e valores perpetuados ao

longo de 45 anos da existência das Olimpíadas, o que será por nós explorado e analisado mais amiúde nos capítulos seguintes.

### 3. PELAS PISTAS METODOLÓGICAS PERCORRIDAS

#### 3.1 O caminho metodológico

Apresentaremos nosso caminho metodológico para o desenvolvimento da pesquisa sobre os sentidos das Olimpíadas Escolares no Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAp-UERJ, escola pública do Sistema Estadual de Educação. Igualmente, faremos uma discussão das Olimpíadas Desportivas do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – CAp-UERJ, como prática formativa que orienta condutas e comunicações.

Conforme já mencionamos, na investigação sobre este aprendizado, que se dá no espaço escolar, utilizaremos principalmente o arcabouço teórico da Teoria das Representações Sociais, perpassando também os conceitos de memória e identidade, na busca e captação dos sentidos existentes nesta prática. Tomaremos como base a entrevista publicada na revista *e- Mosaicos*, sobre o título “OLIMPÍADA DO CAp-UERJ – 40 anos de história e memórias”, no ano de 2013, que nos servirá de alicerce de relacionamento/articulação para o entendimento dos sentidos atribuídos à prática pedagógica das Olimpíadas e das lembranças encontradas nos testemunhos de diferentes sujeitos de diferentes gerações, captados por meio de questionários, que viveram esta prática pedagógica de longa duração

##### 3.1.1 *Caminho metodológico*

O caminho metodológico, para alcançarmos nossos objetivos nesta pesquisa, parte da leitura, interpretação e categorização da entrevista “OLIMPÍADA DO CAp-UERJ – 40 anos de história e memórias”, publicada na *revista e-MOSAICOS*, em 2013.

A exploração da entrevista, observando os polos de sentidos e os valores nela identificados e, posteriormente, por meio dos questionários aplicados à diferentes gerações de ex-alunos do CAp-UERJ, afim de verificar permanência ou inexistência destes polos, nas diferentes falas que deverão aparecer com a aplicação dos questionários. Poderemos, inclusive, observar se ocorrerá a existência de outros polos.

A descrição da entrevista, a partir dos temas abordados na mesma, servirá como foco e base, para que possamos demonstrar a importância de uma prática pedagógica de longa duração na formação do sujeito.

Para fins desta pesquisa, delimitamos a linha de tempo a ser pesquisada: o período entre a realização de 1ª Olimpíada e a 42ª Olimpíada.

Como já afirmamos a verificação dos polos de sentidos/valores atribuídos à prática pedagógica das olimpíadas escolares do CAP-UERJ será feita apoiada em questionário (apêndice A), direcionados a diferentes gerações de ex-estudantes, buscando cobrir quatro décadas de existência das olimpíadas.

Os instrumentos estão estruturados com o objetivo de atender às especificidades de nossa pesquisa. Os questionários estão confeccionados de forma a acolher os elementos que estão marcados por diferentes gerações e, como já dissemos, as respostas serão categorizadas segundo polos temáticos de sentidos, baseados nos valores que, em nosso entendimento e com base na abordagem teórica que nos norteia, podem ancorar as representações sobre o processo olímpico. Serão aplicados a gerações distintas de ex-estudantes, pois teremos desta forma, uma aproximação possível da trajetória das Olimpíadas, para que possamos entender se os polos de referência de sentidos/valores inferidos por nós, ao longo da entrevista contida na revista *e-Mosaicos* de 2013, estão presentes ou não, produziram sentido para os que dela participaram ou ainda se estes se modificaram ou se evidenciarão outros.

Portanto, poderemos observar se os elementos permaneceram ou não, no desenvolvimento desta prática ao longo do tempo. Se permanecem estaticamente ou com mudanças na representação social desta prática educativa.

Nossa intenção inicialmente era de aplicar o questionário aos estudantes do 3º ano do Ensino Médio, entretanto é importante destacar que no ano de 2016, tivemos uma greve muito longa, com início do ano letivo em 29 de setembro, fazendo com que estes estudantes tivessem um ano letivo muito conturbado, com encerramento do mesmo no início de dezembro. Tínhamos também a intenção de trabalhar com os alunos do primeiro segmento do Ensino Fundamental, porém com a greve e a interrupção do ano letivo de 2016 no início de dezembro, inviabilizou-se a aplicação deste instrumento a estes estudantes. Concluímos então que nossa motivação para escolha das diferentes gerações de ex-estudantes, deveria contar com a espontaneidade dos respondentes e que pessoas de diferentes gerações

poderiam colaborar para uma visão mais global dos percursos das Olimpíadas. Com isso, poderíamos dimensionar em que medida os polos por nos inferidos à entrevista da revista *e-Mosaicos* sobre os princípios norteadores que levaram a idealização/criação da prática pedagógica das Olimpíadas do CAp-UERJ, ainda estão presentes.

Paralelamente, recorreremos ao acervo Centro de Preservação da Memória Institucional Prof. Fernando Sgarbi Lima, onde pretendemos investigar as imagens e documentos ali arquivados, a fim de nos familiarizarmos e interagirmos com os registros das Olimpíadas CAp-UERJ, para construção de nosso produto derivado da pesquisa.

Todos os instrumentos de coleta de dados serão articulados consubstanciando-se pela Teoria das Representações Sociais.

De acordo com Doise (1973), procuraremos as ancoragens e suas objetivações, para enfim compreender como essas representações sociais se materializam na estrutura mental e nas relações sociais dos diferentes sujeitos participantes dessa pesquisa

### 3.1.1 .1 Leitura, interpretação e categorização da entrevista “OLIMPÍADA DO CAp-UERJ – 40 anos de história e memórias”

O objetivo da entrevista, publicada na *revista e-MOSAICOS*, em 2013, que nos serve de base para esta pesquisa, de acordo com os professores que a elaboraram, era buscar retratar momentos do processo olímpico do CAp-UERJ e de sua prática pedagógica.

A partir da página quatro da entrevista publicada na revista *e-Mosaicos*, de 2013, então nos utilizamos de leituras flutuantes e aproximações de sentidos e, por meio de inferências, começamos a destacar os polos que agregam os valores e que podem dar sentido à prática pedagógica das olimpíadas, de acordo com os entrevistados que são de diferentes gerações. O professor Celby Santos, foi um dos idealizadores (década de 1970); o professor Ivan Mihessen (final da década de 1970, década de 1980); a professora Denise Mihessen (década de 1980); professor Aristonio Leite, que participou desde a primeira olimpíada como aluno, depois como aluno do Instituto de Educação física da UERJ (IEFD), posteriormente como professor e, finalmente como diretor do CAp-UERJ, professor Raul Neto (década de

1980); e por fim o professor Miragaia, que também foi aluno do CAP, aluno do IEFD) e por fim professor do CAP-UERJ, são os entrevistados.

Na análise da entrevista com estes professores de diferentes gerações poderemos levantar os sentidos que atribuem valores ao conjunto de ideias que serviu como base para a construção das olimpíadas. Após a exploração desta entrevista, conforme já indicamos, os polos de sentidos e valores serão comparados àqueles provenientes dos questionários aplicados para diferentes ex-alunos, também de diferentes décadas, na intenção de investigar se existem permanências ou não de sentidos desta prática pedagógica.

Os polos serão encontrados por nós ao aglutinarmos sentidos, de ambos os levantamentos, respeitando sua individualidade, o que faz com que haja a possibilidade de que não necessariamente somente os polos que se manifestarão nas entrevistas venham a existir, possibilitando o surgimento de outros polos.

O quadro a seguir apresenta os polos de sentidos que inferimos para os valores atribuídos aos elementos discursivos da entrevista, que exemplificam estes sentidos/valores da prática pedagógica das olimpíadas. Conforme já explicitamos, a inferência que fizemos realizou-se a partir dos registros efetivados pelos professores que contribuíram, em suas atuações, também em diferentes gerações, para a estruturação da Olimpíada do CAP-UERJ.

#### QUADRO 6: EXISTÊNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DAS OLIMPIADAS E ELEMENTOS DA ENTREVISTA

POLOS	SENTIDOS ATRIBUIDOS /VALORES	ELEMENTOS DA ENTREVISTA <sup>28</sup>
EDUCAÇÃO FÍSICA	Prática científica	(...) A ciência “Educação física” se instalando numa escola onde já existiam as práticas muito bem dirigidas, mas pensando um conjunto diferenciado. Esse foi o ponto inicial dessa história de

<sup>28</sup> Embora saibamos que a autoria da entrevista seja dos docentes Esequiel Oliveira, Sonia Wanderley e Lincoln Tavares Silva, adotamos preservar a autoria das respostas para caracterizar melhor os respondentes, por meio de seu nome mais usual na Instituição, para os leitores desta dissertação.

	Olimpíada (CELBY, p.4).
Campo de conhecimento	Um grupo hábil de conhecimentos que sempre foi o dos alunos do CAp. Diferente de qualquer lugar, os alunos do Colégio de Aplicação sempre buscaram esse conhecimento e a família, que trabalhava junto com esses dois elos. Então era só colocar um ponto e girar esse triângulo equilátero para se tornar uma esfera. Foi uma junção de conhecimento, onde todos participaram. E aí se dá a oportunidade, não de quem tenha habilidade motora ou uma competência atlética, mas muito mais que isso (CELBY, p.18).
Reconhecida /articulada com outros conhecimentos	(...) Aí ele vem, o Pedro, e me diz assim: “Vamos usar uma corda e depois a gente transforma em números”. E nós usamos a corda e fomos vendo. Quem saltava um pouco mais que a corda, ele dobrava a corda em tantas vezes, até pegar aquele pedacinho. Aí ele falava: “Ele saltou uma corda e um oitavo da corda”. E ele estava estudando, na época, fração, né? Então ele levou esse material para a sala de aula e foi um encanto, né? Eu pensei assim: “Isso aí..., só profissional mesmo. (risos) (DENISE, p.8).
Formação Profissional	Com certeza, com certeza. Eu me lembro nitidamente do meu primeiro ano de Ensino Médio, que na época era segundo grau. Eu me lembro de que existia uma dúvida minha, se eu tentaria fazer Educação física, ou não, e no meu 2º ano, quando eu me tornei chefe de bandeira, essa dúvida começou a se dissipar. Eu já tinha certeza que era aquilo que eu ia fazer. A outra carreira deve ter perdido um grande, sei lá (MIRAGAIA, p.15).
Campo de formação do indivíduo	Aqui a nossa finalidade de Educação física é a formação do indivíduo. A gente utiliza as modalidades com um meio e não como finalidade (ARISTONIO, p.17).

	Campo formativo da educação física	O Colégio de Aplicação foi a maior base de conhecimento dos alunos da formação de Educação física da UERJ. O Instituto tinha aqui um celeiro do aprendizado de crescimento; sempre teve isso (CELBY, p.19).
PARTICIPAÇÃO	Comunidade/envolvimento de toda a escola	(...) Então era uma integração que até hoje a escola toda vive. Então você vê um aluno do 3º ano do Ensino Médio que conhece o aluno do 1º ano do Ensino Fundamental. Eles se falam, conversam (ARISTONIO, p.6).
	Inclusão	Quando eu fui aluno das séries iniciais, 3ª e 4ª séries, a gente tinha apenas a participação no atletismo. Obviamente os alunos, é..., vamos dizer assim (risos) “um pouco mais fortes” como eu (risos), a gente não tinha a oportunidade de participar (MIRAGAIA, p.9).
	Construção coletiva	(...) Então eles desenhavam, com o material disponível, colchões, bottons. E eles desenhavam, cada um fazia a sua estafeta. Se algum deles tinha dificuldade de fazer algum ponto, eles trocavam ou refaziam (RAUL, p, 21).
	Democracia /cidadania	A equipe toda apresentou a proposta para a gente, que a partir do ano seguinte, 1986, haveria uma eleição para chefe de bandeira. Eu acho que é aquela retomada de democracia, do direito de votar, escolher o presidente.(MIRAGAIA, p.23).
	Comunhão /relação /socialização	E uma coisa interessante, os professores de outras disciplinas se integraram com esse trabalho. Eu me lembro do professor Willson. Ele vinha, desfilava com a bandeira... A... A... Leda Beatriz desfilava com a bandeira... Paulo César Sgarbi, ele fazia parte da nossa equipe de organização. A Leila Medeiros e a Associação de Pais também, né? A Dona Zulmira, que faleceu no ano passado. Então é uma integração geral dentro do colégio, com os funcionários. Você vê esse ano, o funcionário que já saiu daqui do CAp e que hoje está na faculdade, dentro da prefeitura da universidade, o André, vai lá e participa. Como os ex-alunos, ex-professores que voltam pra cá (ARISTONIO, p.10).



<b>INCLUSÃO</b>	Anos iniciais	É a partir da entrada do Raul, ali no atletismo, que conseguiram participar da estafeta, e além da parte do 4º e 5º ano, do Ensino Fundamental, todos os outros anos também: 3º, 2º e 1º ano (MIRAGAIA, p.12).
	Pessoas com deficiência	O Thomás com o 3º ano, que não tinha os membros (aponta para os braços) quando entrou aqui, nós tínhamos uma estafeta que tinha que carregar um boneco, feito na aula de teatro. Todo mundo sabia o que ia acontecer. Thomás foi, correu, botou o boneco aqui debaixo do queixo e o ginásio da UERJ todo aplaudiu. Essa criança sempre nos surpreendeu (RAUL, p14)
	Democracia	Fortalecia-nos muito. Porque todo trabalho, todo material que a gente ia produzindo era junto com o aluno (DENISE, p. 20).
	Desenvolvimento infantil	A gente sempre teve aqui, eu digo isso como professor, nitidamente, a gente via o aluno de 5ª série, 6º ano agora, que tinha sido do CAP desde os anos iniciais. A diferença dos que não tinham tido Educação física nos anos iniciais, a diferença de coordenação motora, de agilidade, de noção de tempo e espaço, era absurda (MIRAGAIA, p.14).
	Menor habilidade motora	Porque a gente viu que, com esse trabalho, mesmo que o aluno não tivesse tanta habilidade física, tinha aquele envolvimento, o compromisso (DENISE, p.15)
<b>TRANSFORMAÇÃO / PERMANENCIA</b>	Resistência	Mas eu tinha que lutar, sabe... (RAUL, p.11)
	Mudanças	(...) pois, mudanças naturalmente têm que existir, mas isso não significa que se perde a essência. Então é o grande jacarandá que deu certo (CELBY, p.8)
	Contextualização com a realidade do país	Saímos da ditadura, as “diretas já” (RAUL, p, 23)

	Contradições	E para a minha frustração não apareceu ninguém (RAUL, p.11)
--	--------------	---

A seguir tentaremos esclarecer o quadro acima, pelo qual agregamos sentidos formando polos. Nesses polos, podemos verificar também a presença de contradições e coerências. Sem termos a pretensão de sermos exaustivos, apresentaremos os indícios que buscam demonstrar nossas inferências.

No polo de sentidos da **EDUCAÇÃO FÍSICA**<sup>29</sup>, temos como primeiro valor inferido à educação física a sua adoção como **prática científica**<sup>30</sup>. Logo na primeira pergunta da entrevista, podemos perceber o sentido de Técnica Científica dado à educação física escolar, pelo professor Celby Santos quando este responde sobre a relação que os entrevistados mantêm ou mantiveram com o CAp-UERJ. Ao responder esta pergunta sobre relação, ele apresenta a associação com a questão melhor ensino e melhores práticas. Acrescenta que ela surgiu dentro da feira de ciências. Desta forma, trata a educação física como ciência. Como ele diz, "numa escola de práticas muito bem dirigidas", então as práticas dirigidas, sujeitas à verificação, eram a forma de fazer a educação física como ciência. Prática dirigida é uma expressão dele. Estes são os termos que orientam sua forma de pensar. Conforme indicou Celby Santos a seguir.

Vou começar. Bom, primeiro a relação se mantém. CAp-UERJ e Instituto, a relação faz com que se permita a obrigatoriedade do melhor ensino e da melhor prática educativa. E assim surgiu a Olimpíada. Foi nesses parâmetros que ela foi pensada. E foi pensada dentro de uma Feira de Ciência. O professor Miragaya dirigiu a Feira de Ciência. E foi dentro dela que surgiu a discussão da Educação física. A ciência "Educação física" se instalando numa escola onde já existiam as práticas muito bem dirigidas, mas pensando um conjunto diferenciado. Esse foi o ponto inicial dessa história de Olimpíada. (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p.10).

Como já afirmamos, a forma como foi pensada, numa feira de ciências, mostra que a ideia era que a Educação Física fosse vista como prática científica e a base disso era que toda escola já estava voltada para práticas muito bem dirigidas. Esta é a ideia que conduz o seu pensamento, possivelmente impregnado de

<sup>29</sup> Quando nos referirmos à educação Física como um polo de sentido esta estará em negrito. Os polos de sentidos aparecem em negrito e letra maiúscula.

<sup>30</sup> Marcaremos em negrito os polos sentidos por nós inferidos.

positivismo, cientificismo, cartesianismo e empirismo, típico da ideia de aplicação e testagem muito comum na educação física desportiva.

O depoimento do professor Celby Santos podemos notar que o valor intrínseco é o interesse de igualar a educação física às demais disciplinas, deixando-a em pé de igualdade, pois as outras disciplinas são disciplinas de conteúdo e, para isso, a educação física também precisa mostrar que tem conteúdo, ser vista desta forma como prática científica. Já estava posto que o Colégio<sup>31</sup> de Aplicação era um espaço de testagem para as outras disciplinas, por meio de seus laboratórios. As Olimpíadas, para a disciplina de educação física, teriam a função dos laboratórios, surgindo como espaço de testagem, espaço de formação. Podemos ainda destacar que se buscavam dois reconhecimentos: um de Educação física como prática científica e o outro era o reconhecimento formal dentro do CAp-UERJ.

Mas, podemos notar também nas diferentes falas que apesar do discurso de uma prática pedagógica, científica, existe um elemento que é preponderante, o afetivo e emocional.

Dando continuidade ao polo de sentidos **EDUCAÇÃO FÍSICA**, temos como segundo valor identificado o de **campo de conhecimento**.

Segundo o texto a seguir, o processo de desenvolvimento da olimpíada seria uma afirmação da educação física como campo de conhecimento e como prática pedagógica. A ideia de educação física construída a partir da olimpíada esta assentada em que princípios da do saber específico, de campo de experimentação, de prática sistemática que possui conhecimentos a serem assimilados, visando o reconhecimento da disciplina em relação às outras, porque ela era pouco reconhecida, possivelmente ela mesma se enxergasse assim.

Um grupo hábil de conhecimentos que sempre foi o dos alunos do CAp. Diferente de qualquer lugar, os alunos do Colégio de Aplicação sempre buscaram esse conhecimento e a família, que trabalhava junto com esses dois elos. Então era só colocar um ponto e girar esse triângulo equilátero para se tornar uma esfera. Foi uma junção de conhecimento, onde todos participaram. E aí se dá a oportunidade, não de quem tenha habilidade motora ou uma competência atlética, mas muito mais que isso. (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p.18).

Aqui o professor Celby Santos coloca que os alunos do CAp-UERJ eram ávidos por conhecimento e aprendizado e que a educação física, disciplina de igual

---

<sup>31</sup> Embora saibamos que o CAp-UERJ tenha se transformado em Instituto a partir do ano de 2001, vamos de forma afetiva adotar a expressão Colégio em vários momentos do texto, em função do seu uso feito pelos respondentes da entrevista e do questionário.

peso e também de conteúdo, poderia se oferecer como um campo de conhecimento vasto aos estudantes.

Usa para isto a figura de linguagem: "Então era só colocar um ponto e girar esse triângulo equilátero para se tornar uma esfera". Nesta metáfora o professor Celby Santos faz ainda referencia à formação do indivíduo e à formação profissional, como se estas formassem elos e, desta forma, uma corrente coesa e de igual tensão, na qual a formação profissional inexistente sem a formação do indivíduo.

### Formação social do indivíduo

Alunos do CAp-UERJ

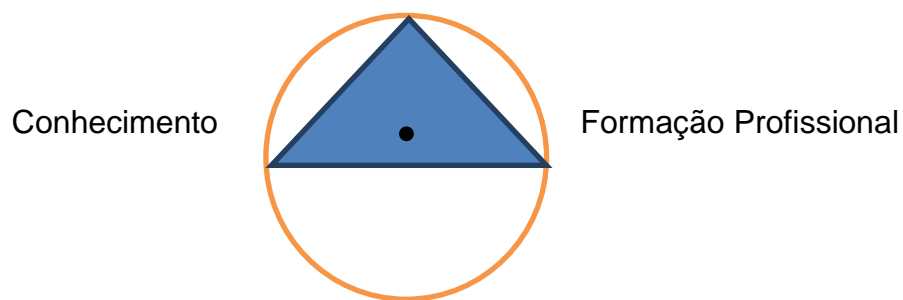


Figura 1: Adaptação de imagem advinda de entrevista do Prof. Celby Santos

Entendemos ainda que na entrevista eles destacam a busca pela respeitabilidade (Revista *e-Mosaicos*, 2013 p, 06). No texto podemos perceber a preocupação com a busca de uma estrutura que perpassasse ao restante do Colégio que a educação física escolar era um campo de conhecimento. E é a busca e demonstração deste campo de conhecimento que traz respeitabilidade a disciplina educação física.

(...) esse símbolo de conhecimento. A UERJ sempre foi e sempre será um dos maiores celeiros de conhecimento do Brasil. De discussão política, discussão em formação, de avanços. Então esse símbolo foi o símbolo da I Olimpíada. (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p. 19).

Esta fala em destaque ratifica a preocupação e a importância de mostrar que a prática pedagógica das Olimpíadas, era um campo de conhecimento não só para o Colégio de Aplicação, mas também para a Universidade, que de acordo com o professor Celby Santos sempre foi e "sempre será um celeiro de conhecimento". O que reforça nossa inferência pela busca à respeitabilidade, e nos mostra a procura de afirmação da educação física como uma disciplina que produz, como um celeiro, conhecimentos/conteúdos e forma pessoas.

Em sendo assim, eles nos passam, por meio da entrevista, que as Olimpíadas não eram uma nova proposta, mas sim a implantação de algo diferente, uma proposta pedagógica diferente; “quer dizer que havia uma nova proposta era uma proposta pedagógica diferenciada” (p, 6). Como é que o diferenciado não é novo? É como se eles dissessem que para eles não era novo, era apenas a implantação do que faziam. Mas para quem estava participando das Olimpíadas pela primeira vez, não era novo? Podemos concluir que aqui existe uma duplicidade explicável pois, podemos perceber na leitura da página 6, na fala do professor Celby Santos, que há a afirmação de que a prática era a testagem do que faziam. Portanto, para os professores esta proposta não era nova, mas para quem esta na outra ponta era nova.

Percebemos ainda nesta parte da entrevista outra variação, pois inicialmente afirma-se que o entrelaçamento das olimpíadas era com as demais disciplinas. Todavia, a fala dos entrevistados nos leva para a aproximação das famílias, dos docentes do colégio, do alunado e dos servidores técnico-administrativos.

Mas, o próprio exemplo dado pelo prof. Celby demonstra que o campo de conhecimento poderia ser compartilhado, por inúmeras vezes, com as outras disciplinas, pelas situações vividas na aula de educação física, que poderiam transformar-se em problemas de matemática, ciências entre outras.

O terceiro sentido do polo de valores **EDUCAÇÃO FÍSICA**, observado na entrevista da revista *e-Mosaicos* sobre a prática pedagógica das Olimpíadas, foi o de **Reconhecimento/articulação com os outros conhecimentos**.

(...) Aí ele vem, o Pedro, e me diz assim: “Vamos usar uma corda e depois a gente transforma em números”. E nós usamos a corda e fomos vendo. Quem saltava um pouco mais que a corda, ele dobrava a corda em tantas vezes, até pegar aquele pedacinho. Aí ele falava: “Ele saltou uma corda e um oitavo da corda”. E ele estava estudando, na época, fração, né? Então ele levou esse material para a sala de aula e foi um encanto, né? Eu pensei assim: “Isso aí..., só profissional mesmo”. (risos) (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p.8)

Neste texto em destaque, pode-se observar claramente a articulação da educação física com os conhecimentos adquiridos em matemática, mais especificamente frações matemáticas. Quando o aluno traz o conhecimento matemático para dentro da aula de Educação física ele legitima o processo, esta legitimação se dá quando este conteúdo é discutido com o resto da turma. Este aluno era do primeiro segmento do Ensino Fundamental. Portanto, não era só a equipe de educação física envolvida, o que é uma diferença. O Departamento de

Ensino Fundamental tem uma grande participação, até hoje, neste processo e nesta prática pedagógica. Este Departamento tem por tradição e filosofia utilizar-se do cotidiano dos estudantes no dia-a-dia da sala de aula.

O aluno citado na entrevista levou o conhecimento adquirido na aula de Matemática, para a aula de Educação Física e vice-versa. Quando a criança carrega o conteúdo da aula de frações para a realidade que se apresentou, da falta de uma trena para medir a distancia, ele transporta um conhecimento abstrato em realidade, demonstrando assim total compreensão do seu uso. A Educação Física neste caso serviu de facilitador para a compreensão. Este caminho também pode ser feito ao revés, ao levar para sala de aula do Núcleo Comum a Educação física como facilitador da compreensão para o aprendizado de frações. O professor utilizava-se do material da olimpíada como subsidio para suas aulas, aqui pode estar a interdisciplinar.

O professor da turma no Primeiro Segmento sempre trabalha de forma interdisciplinar, no caso deste segmento fica mais fácil pela proximidade dos professores de Educação Física com o professor de Núcleo Comum. O professor de turma (Núcleo Comum) leva para a sala de aula, o conteúdo trabalhado na aula de Educação Física, para ver a parte lógica, é o empírico – momento pelo qual eu vejo acontecer e tento explicar o fenômeno. Isso também demonstra uma característica empírica que é amarrada pela proximidade das pessoas.

Constatamos também, nas falas dos entrevistados, citações do envolvimento de outras disciplinas no processo das olimpíadas. Disciplinas como a de Fotografia, com os alunos documentando fotograficamente as olimpíadas, Língua Portuguesa, com os alunos fazendo entrevistas durante o período das olimpíadas. O que pode caracterizar um processo interdisciplinar. Porém, não fica claro se isto era de fato planejado, pois em algumas partes do texto, nos ascende a dúvida se a chave deste interdisciplinar, não seria talvez centrada mais na participação das pessoas que no planejamento articulado das disciplinas. Conforme podemos perceber no texto abaixo, advindo do Prof. Aristônio.

E uma coisa interessante, os professores de outras disciplinas se integraram com esse trabalho. Eu me lembro do professor Willson. Ele vinha, desfilava com a bandeira... A... A... Leda Beatriz desfilava com a bandeira... Paulo César Sgarbi, ele fazia parte da nossa equipe de organização. A Leila Medeiros e a Associação de Pais também, né? (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p.10).

Na existência da prática pedagógica das Olimpíadas o quarto sentido do polo de valores **EDUCAÇÃO FÍSICA**, nos induz ao sentido atribuído para o valor da **formação profissional**.

Com certeza, com certeza. Eu me lembro nitidamente do meu primeiro ano de Ensino Médio, que na época era segundo grau. Eu me lembro de que existia uma dúvida minha, se eu tentaria fazer Educação física, ou não, e no meu 2º ano, quando eu me tornei chefe de bandeira, essa dúvida começou a se dissipar. Eu já tinha certeza que era aquilo que eu ia fazer. A outra carreira deve ter perdido um grande, sei lá. (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p.15)

Percebemos, com este trecho da entrevista, que os entrevistados acreditam ser a prática pedagógica das Olimpíadas uma prática de grande influencia na escolha profissional de diversos sujeitos que dela participaram. Tal condição evidencia a proximidade formativa institucional existente entre os docentes do CAp-UERJ. Havia forte proximidade formativa institucional que ligava os profissionais que deram início às olimpíadas, formando uma rede de professores que se interligavam ora pelo fato de terem sido alunos uns dos outros na universidade e ora por terem se destacado enquanto alunos do próprio CAp, se aproximando da prática educativa da Educação física o que acabou por ser determinante para que tivessem optado pela carreira de docente de Educação física. Na historia de criação do Instituto há uma rede de docentes com forte proximidade formativa e institucional, acarretando que uns formem os outros. Inicialmente, antes do advento dos concursos públicos, os julgados como melhores eram escolhidos, era feita uma escolha, entravam por indicação de seus mestres. O CAp-UERJ nasceu para ser um Colégio de Aplicação onde se aprendia na prática a docência. Desta forma, os docentes que orientaram a estrutura a ser implantada tinham uma proximidade formativa institucional e afetiva enorme.

O quinto sentido do polo de valores **Educação Física** deduzido é o **campo de formação do individuo**.

Aqui a nossa finalidade de Educação Física é a formação do individuo. A gente utiliza as modalidades com um meio e não como finalidade. (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p.17)

Neste trecho, o Prof. Arsitônio se refere ao trinômio biopsicossocial, englobando o individuo como um ser harmônico. No decurso do ano letivo há uma preocupação com o que permite um desenvolvimento do corpo físico, que biologicamente tenha suas capacidades vitais em harmonia, desenvolvimento motor,

cardíaco, respiratório, musculoesquelético entre outros, sendo todos desenvolvidos, gradativamente e, de forma prazerosa.

Na parte psicológica o indivíduo deve conhecer seus limites, saber vencer e perder, respeitar os limites dos outros, para poder se ajustar socialmente. Isso se dá através do processo que é vivido ao longo do ano, que visa o desenvolvimento do indivíduo de forma pessoal e coletiva, de forma global.

Observamos que ao falarem sobre o processo olímpico, os entrevistados, relatam sobre a metodologia utilizada durante a fase eleitoral, na qual existe toda uma preocupação pedagógica, voltada para a formação social do indivíduo. Tudo começa com a inscrição da candidatura do aluno para chefe de bandeira. Ao inscrever sua candidatura, este aluno passará por uma avaliação baseada em critérios que visam à formação social e cidadã do indivíduo. Existe uma preocupação com o exemplo que este aluno, quando e se eleito, possa dar aos demais estudantes. Durante o período de campanha, eles também têm regras que visam à transparência, organização do espaço do Colégio de Aplicação, evitando a poluição visual, o recolhimento do lixo que a campanha possa produzir, trabalhando desta a formação patrimonial, social e cidadã. Sempre isso é alcançado?

Por meio de nossas observações no magistério e na gestão do CA-UERJ, nem sempre o asseio com o ambiente escolar fica garantido, acarretando sobrecarga para as equipes de limpeza da escola. Este fenômeno se assemelha ao que vemos nas ruas das cidades, quando assistimos os dias de votação, nas eleições reguladas pelos tribunais eleitorais oficiais.

O sexto sentido do polo de valores **Educação Física** que aduzimos foi o de **campo de formativo da Educação Física**.

De acordo com a entrevista, as Olimpíadas são um campo voltado também para a formação profissional do licenciando de Educação física, no qual o estudante do Instituto de Educação Física da UERJ (IEFD-UERJ) aprende na prática a docência, de forma sistemática. O que podemos observar no texto abaixo retirado da entrevista.

O Colégio de Aplicação foi a maior base de conhecimento dos alunos da formação de Educação física da UERJ. O Instituto tinha aqui um celeiro do aprendizado de crescimento; sempre teve isso. (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p.19)



Logo, quando ele se refere ao Colégio de Aplicação, como maior base de formação do acadêmico do IEFD-UERJ, reforça a questão da prática científica e a olimpíada como campo de conhecimento. Portanto, podemos nos arriscar a dizer que também é uma forma de autoafirmação da Educação física como disciplina de conteúdo. Na verdade o CAp-UERJ foi criado para servir de suporte formação das licenciaturas, no qual o licenciando dos diferentes cursos de licenciatura da Universidade pudesse fazer seus estágios de forma supervisionada e, como disse anteriormente, pudessem ter sua formação docente na prática.

Como segundo polo agregador de sentidos/valores sobre a prática pedagógica das Olimpíadas Desportivas do CAp-UERJ, conforme a entrevista da revista *MOSAICOS*, de 2013, pelo qual, mais uma vez, poderemos verificar a presença de pluralidades de visões, inferimos a **Participação**.

Neste polo agregamos a **Comunidade/envolvimento de toda escola** e aqui, destacamos que os entrevistados consideram que esta prática pedagógica é um processo de integração da escola, que até hoje a escola toda vive (no que podemos ter um discurso bastante idealizado). A integração neste caso, possui para nós o sentido de participação, pelo qual os alunos se conhecem, se falam, conversam e se articulam. Conforme podemos observar no texto abaixo.

(...) Então era uma integração que até hoje a escola toda vive. Então você vê um aluno do 3º ano do Ensino Médio que conhece o aluno do 1º ano do Ensino Fundamental. Eles se falam, conversam. (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p.6)

Eles se falam e conversam por causa desta prática pedagógica? Só se falam por causa disso? Isso pode ser um fator que estreite as relações, mas não o único, o espaço escolar tem muitas outras atividades que aproxima os estudantes, tais como as ações do grêmio, as olimpíadas de matemática, o Sarau entre outras. Todavia, talvez nesta prática eles se articulem de forma mais coletiva, em vários momentos consecutivos, em prol de objetivos comuns.

Além disso, esta é uma prática pedagógica de longa duração que requer um processo de preparação que envolve o colégio como um todo. Os responsáveis têm que autorizar seus filhos para que os mesmos possam se candidatar à chefes de bandeira. Os funcionários técnicos administrativos são responsáveis por toda a infraestrutura de suporte. O colégio se tingem de verde, amarelo, azul e vermelho, cores das quatro bandeiras das Olimpíadas, mudando a dinâmica do dia-a-dia da escola. Os professores das outras disciplinas começam a identificar os chefes de

bandeira e a conviver com os problemas pedagógicos e muitas vezes disciplinares por eles trazidos.

Esta ideia de participação/integração também pode ter o sentido de inclusão, pois para que todos participem necessita-se incluir os menos habilitados, os deficientes físicos e os que por estes ou outros motivos não gostam de participar de atividades físicas.

A **inclusão** é o próximo sentido observado por nós atribuído ao polo **PARTICIPAÇÃO**. Neste caso, a inclusão como o intuito de participação, conforme podemos observar no texto a seguir.

Quando eu fui aluno das séries iniciais, 3ª e 4ª séries, a gente tinha apenas a participação no atletismo. Obviamente os alunos, é..., vamos dizer assim (risos) “um pouco mais fortes” como eu (risos), a gente não tinha a oportunidade de participar. (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p.9)

Podemos observar que há uma preocupação para que seja viabilizada a oportunidade para que todos os estudantes sejam considerados aptos a participar, o que demonstra outra ponta da questão relacional.

A forma encontrada, como nos revela a entrevista, é o que chamamos aqui do sentido/valor da **Construção coletiva**. Conforme o texto.

(...) Então eles desenhavam, com o material disponível, colchões, bottons. E eles desenhavam, cada um fazia a sua estafeta. Se algum deles tinha dificuldade de fazer algum ponto, eles trocavam ou refaziam (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p,21)

Esta parte, retirada da entrevista, mostra a preocupação com a construção de uma atividade pedagógica, na qual o maior número de estudantes tivesse condições de participar. Esta construção, conforme observado, era feita de forma coletiva, sempre levando em consideração as necessidades diferentes e os limites daqueles que participariam daquela atividade que estava sendo organizada. Portanto, a importância e a preocupação com a participação, o respeito aos diversos em seus limites e aos dos outros é sempre uma constante. Isso nos leva a mais uma atribuição de sentidos/valores neste polo agregador que é o sentido da **Democracia/cidadania**.

Neste polo agregador de sentidos, denominado por nós de Participação, aglutinamos o envolvimento de toda a comunidade escolar; a inclusão e percebemos que o sentido da democracia e cidadania sempre esteve presente.

Entretanto, não só observamos o sentido de democracia/cidadania nos relatos que visam descrever as ações voltadas para a construção coletiva e ou para o

respeito aos limites dos diferentes sujeitos. Há indícios deste sentido também nas formas de condução do processo pedagógico, como destacamos no texto a seguir.

A equipe toda apresentou a proposta para a gente, que a partir do ano seguinte, 1986, haveria uma eleição para chefe de bandeira. Eu acho que é aquela retomada de democracia, do direito de votar, escolher o presidente. (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p.23)

Este trecho retirado da entrevista demonstra uma preocupação com um processo pedagógico, objetivando ensinamentos políticos democráticos. Valor importante para a formação política cidadã. Também se nota uma proximidade com a realidade política do país, pós-regime ditatorial.

Resumindo a **Comunhão, a relação e a socialização** foram valores que se fizeram presentes no polo **PARTICIPAÇÃO**.

No texto em sequência percebemos a comunhão da escola entorno da prática pedagógica das olimpíadas, a relação da escola com as famílias, participação de todos os segmentos durante o processo pedagógico e a socialização que brota desta mobilização.

E uma coisa interessante, os professores de outras disciplinas se integraram com esse trabalho. (...) Então é uma integração geral dentro do colégio, com os funcionários. Você vê esse ano, o funcionário que já saiu daqui do CAP e que hoje está na faculdade, dentro da prefeitura da universidade, o André, vai lá e participa. Como os ex-alunos, ex-professores que voltam pra cá. (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; 2013; p.10)

Outro polo agregador de sentidos por nós inferido é o da **INCLUSÃO**, que passa pela inclusão de segmentos escolares; deficiências físicas, motoras ou intelectuais; inclusão através do desenvolvimento e a forma democrática de incluir.

Neste polo começamos pela atribuição de valores a inclusão dos **Anos iniciais**. Percebemos por meio do texto, a seguir, a valorização da educação física escolar, no primeiro segmento.

É a partir da entrada do Raul, ali no atletismo, que conseguiram participar da estafeta, e além da parte do 4º e 5º ano, do Ensino Fundamental, todos os outros anos também: 3º, 2º e 1º ano. (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p.12)

Aqui temos um sentido que se articula às ideias de resistência e de participação. Resistência quando, pois se consegue a inclusão de um número maior de atividades para o primeiro segmento, aumentando assim a participação. Esta resistência pode ser vista como necessidade de afirmação do primeiro segmento, no campo da educação física escolar ao mesmo tempo em que esta passa a ter a mesma importância dada à Educação Física para o resto da escola. A hipótese da

necessidade de educação física escolar no primeiro segmento é comprovada pela diferença entre os alunos que foram do 1º segmento no CAP-UERJ desde os anos iniciais e os que entraram no 6ª Ano. O que voltaremos a ver quando falarmos sobre o desenvolvimento infantil.

Como falamos anteriormente, também temos o valor dado à inclusão de **Pessoas com deficiências**, que podemos perceber no texto a seguir.

O Thomás com o 3º ano, que não tinha os membros (aponta para os braços) quando entrou aqui, nós tínhamos uma estafeta que tinha que carregar um boneco, feito na aula de teatro. Todo mundo sabia o que ia acontecer. Thomás foi, correu, botou o boneco aqui debaixo do queixo e o ginásio da UERJ todo aplaudiu. Essa criança sempre nos surpreendeu (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p.14)

Esta parte do texto mostra a preocupação e a importância de criar categorias para que estudantes com necessidades educacionais especiais pudessem participar, em condições de igualdade, com os outros estudantes. Esta preocupação é socializante e democrática e, fundamentalmente, inclusiva.

Ao falarmos em forma democrática de incluir, temos o sentido da **Democracia**, também percebido no trecho retirado da entrevista citado a seguir.

Fortalecia-nos muito. Porque todo trabalho, todo material que a gente ia produzindo era junto com o aluno. (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p. 20)

A escola democrática é aquela em que as ações são decididas também pelo grupo. Toda democracia é fortalecedora, pois quando o grupo toma as decisões de forma coletiva, todos são responsáveis. Na fala da professora Denise demonstra-se que a democracia era e é uma realidade, inclusive quando se diz que o material produzido para as Olimpíadas era fruto de uma forma democrática de construção. Quando o grupo conhece as limitações físicas, motoras ou intelectuais de seus membros, ele vai trabalhar a fim de criar condições que “igualem” os diferentes sujeitos.

O **Desenvolvimento infantil**, observado como um sentido atribuído a **INCLUSÃO**, pode ser notado no texto abaixo.

A gente sempre teve aqui, eu digo isso como professor, nitidamente, a gente via o aluno de 5ª série, 6º ano agora, que tinha sido do CAP desde os anos iniciais. A diferença dos que não tinham tido Educação física nos anos iniciais, a diferença de coordenação motora, de agilidade, de noção de tempo e espaço, era absurda (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p.14)

A importância da Educação Física para o primeiro segmento do Ensino Fundamental pode ser percebida quando na 6ª série chegam ao CAP-UERJ estudantes que prestam concurso e são aprovados e vêm a se misturar aos que já

estavam no colégio e tiveram educação física desde o 1º Ano do Ensino Fundamental. Pode-se perceber, ao longo das aulas de educação física, que os estudantes que estavam no colégio desde o início da escolaridade têm coordenação motora fina e grossa, agilidade, noção de tempo e espaço, coordenação óculo motora e ritmo, mais apurados. Isso demonstra, na prática, a importância da Educação Física escolar nos anos iniciais do ensino fundamental, colaborando para o desenvolvimento da criança de forma harmoniosa. A criança que tem este desenvolvimento tem mais facilidade de participar da proposta pedagógica das Olimpíadas.

Uma criança com menor habilidade motora ou menor desenvolvimento físico ou intelectual vai apresentar mais/diferentes dificuldades de se incluir e participar da proposta pedagógica. Porém, o sentido de **Menor habilidade motora** pode agregar valores inferidos sobre inclusão, mas não diminui a importância e o compromisso que o estudante, se bem trabalhado, tem com a prática pedagógica, segundo o texto a seguir.

Porque a gente viu que, com esse trabalho, mesmo que o aluno não tivesse tanta habilidade física, tinha aquele envolvimento, o compromisso (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p.15)

O último polo aglutinador de sentidos/valores, que emergiu da entrevista analisada por nós, é o de **TRANSFORMAÇÕES/PERMANÊNCIAS**. Nele indicamos sentidos atribuídos à **Resistência, a Mudanças, a Contextualização com a realidade do país e a Contradições**.

Vamos começar falando dos sentidos conferidos por nós à **Resistência**. A olimpíada com o sentido de resistência foi algo que inicialmente não havíamos percebido, mas numa segunda leitura este valor veio a nossa cabeça, o que para nós passou a fazer muito significado, principalmente quando lemos o texto abaixo.

Mas eu tinha que lutar, sabe... (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p.11)

Quando o Professor Raul se utiliza da expressão **“LUTAR”**, podemos perceber que este, está se referindo a luta como resistência. Outra expressão também utilizada com o mesmo sentido na entrevista, pelo mesmo professor é **“BRIGAR”**.

Podemos observar que algumas mudanças, igualmente, abonaram a necessidade de se adaptar para não morrer, o que é um ato de resistência.

Em alguns dos trechos do texto percebemos que a resistência não só se refere a uma prática pedagógica vista como de menor importância, mas sim à disputas internas. A resistência é ainda percebida quando os entrevistados acenam para a necessidade de busca de novos espaços com o significado de sobrevivência. A importância da união do grupo é uma forma também de resistência, pois grupo unido tem mais força.

O CAp sempre esteve num local onde não era possível realizar as olimpíadas. Estas, em seu maior grau, sempre foram realizadas fora do espaço capiano. Nunca se pensou em fazer uma olimpíada totalmente dentro da estrutura do CAp. As atividades pensadas para a prática pedagógica das Olimpíadas não cabiam dentro da estrutura do colégio. Podemos pensar que esta é uma maneira de chamar a atenção para a necessidade de instalações adequadas para a prática pedagógica da Educação Física. A olimpíada como foco de resistência, pois não é fácil fazer as olimpíadas dentro da nossa realidade. Com todas as contradições que ela possa ter, ela demarca resistência.

Atribuímos sentido/valores referentes à **Mudanças**, sendo este pertencente ao polo aglutinador de valores inferido por nós como sendo o de **TRANSFORMAÇÕES/PERMANÊNCIAS**. Quando Celby Santos nos traz o significado de mudança como coisa natural e necessária para a sobrevivência da atividade, refere-se a estas mudanças com uma metáfora de grande significado, como podemos perceber no texto abaixo.

(...) pois mudanças naturalmente têm que existir, mas isso não significa que se perde a essência. Então é o grande jacarandá que deu certo. (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p.8)

Podemos perceber, com as imagens abaixo, que o Jacarandá é uma árvore frondosa, grande, firme e enraizada, que se torna grandiosa. É também uma árvore que tem diversas cores de flor, branca, amarela, avermelhada e azul/lilás, como as Olimpíadas.



Figura 01: Variedades de jacarandás para a metáfora empregada pelo prof. Celby Santos

Fonte: [Ressaltamos que na metáfora utilizada, “este é o grande jacarandá que deu certo”, ele faz uso do jacarandá por este ter uma essência, por ser uma madeira socialmente reconhecida como nobre, diferente das outras madeiras. Pode-se perceber aí a importância que é dada a prática pedagógica das Olimpíadas, referindo-se a ela como uma atividade pedagógica nobre, de igual importância quando comparada as de outras disciplinas, embora diferenciada das outras atividades pedagógicas da escola.](https://www.google.com.br/?gws_rd=cr&ei=LUuzWLHfAcOgwgTJhKegCQ#q=arvore+jacaranda+branco&*>https://www.google.com.br/?gws_rd=cr&ei=LUuzWLHfAcOgwgTJhKegCQ#q=arvore+jacaranda+branco&*</a></p>
</div>
<div data-bbox=)

Podemos ainda fazer a analogia com o jacarandá madeira que foi tão explorado que foi colocado sob ameaça de extinção, pois não houve com ela a preocupação em se mudar a forma de explorar. Por isso, mudanças têm que existir sem se perder a essência. Será que a essência das olimpíadas realmente se

manteve? É isto que pretendemos descobrir, ao associarmos e analisarmos os questionários que serão aplicados a diferentes gerações de ex-estudantes, com as contribuições que ora mapeamos das entrevistas de seus precursores e organizadores diretos.

Agora por exemplo temos a política de cotas. Será que isto vai levar a necessidade de mudança? Este não é o objeto de minha pesquisa, mas a pergunta fica com o intuito de alertar a outros pesquisadores que esta política pode causar impactos que não foram objeto deste trabalho e, ao nosso ver podem ser pesquisados.

Todas as mudanças relatadas no texto da entrevista são muito importantes, porque demonstram uma dinâmica da própria Olimpíada. Ela se repensa. Por vezes, outros processos da escola não se repensam. O repensar, no nosso entendimento, serve para as demais práticas pedagógicas que se querem contextualizadas.

Muitas mudanças aconteceram buscando justamente a **Contextualização com a realidade do país**, que é um sentido por nós inferido e que pode ser percebido na fala do professor Aristônio: "Saímos da ditadura, as "diretas já". (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p,23)

Mudanças baseadas na contextualização com a realidade do país são a comprovação de que o "grande Jacarandá que deu certo", pois se estas mudanças não acontecessem este Jacarandá já estaria morto.

A influência da política mais ampla às regras e orientação do processo olímpico serviu como balizador para formação cidadã/democrática e social dos diferentes sujeitos. Durante o texto da entrevista notamos que a prática pedagógica das Olimpíadas foi fortemente marcada pelo processo de democratização do Brasil. Antes haviam os nomeados e escolhidos pelos docentes e, depois, ao longo do tempo, seguindo regras democraticamente compartilhadas e divulgadas, passamos a ter os eleitos, passíveis de críticas e responsabilizações, na organização de coletivos plurais.

Em todo texto da entrevista podemos notar falas que se contradizem o que denominamos de sentidos e valores de **Contradições**, vamos citar aqui um trecho do texto de entrevista onde esta contradição fica evidenciada. Estas demonstram que as Olimpíadas não são um fenômeno ou prática perfeita, e fazem uma crítica dos praticantes ao extremismo de sua idealização. O que podemos constatar na fala



do professor Raul: “E para a minha frustração não apareceu ninguém.” (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p.11)

A contradição aqui está no sentido da participação, pois em toda a entrevista o sentido da participação é muito forte. Como poderia o professor Raul ficar sozinho sem que houvesse a participação dos outros professores e dos chefes de bandeira? Todavia, isto chegou a ocorrer, demonstrando que as Olimpíadas também perpassaram por momento críticos, com ausências, críticas de responsáveis, estudantes, crises estruturais da Unidade e da UERJ, entre outras questões.

Conforme apontamos anteriormente, esta análise serviu para busca e captação, na entrevista, dos polos agregadores de sentidos desta prática pedagógica, evidenciados por meio de elementos discursivos presentes, que nos servirão de base para análise das informações provindas dos questionários, que foram aplicados a outros respondentes, a fim de encontrarmos polos de sentidos correlatos, contrapostos ou até mesmo novos polos de sentidos e valores para esta prática de longa duração.

## 4. CARROSSEL DE EMOÇÕES: ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS E DOS SUJEITOS ENTREVISTADOS

### 4.1 O que nos trazem os questionários

O Quadro 7 que se segue, representa a síntese dos polos aglutinadores de sentidos mapeados por nós na entrevista, a partir da leitura flutuante e exaustiva da mesma. Nele encontramos valores observados que cercam esta prática pedagógica, sob o olhar dos entrevistados pela revista *e-Mosaicos* e, partindo dele, vamos analisar, a partir dos questionários aplicados aos ex-estudantes de diferentes décadas, se estas concepções se preservam ou não e, também se há a presença de contradições e coerências, assim como se aparecerão outros polos que possam congregam novos valores relacionados à prática pedagógica das Olimpíadas.

**QUADRO 7: EXISTÊNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DAS OLIMPIADAS e ELEMENTOS DA ENTREVISTA.**

<b>POLOS</b>	<b>SENTIDOS E VALORES ATRIBUIDOS</b>
EDUCAÇÃO FÍSICA	Prática científica
	Campo de conhecimento
	Reconhecida/articulada com outros conhecimentos
	Profissão
	Campo de formação do indivíduo
	Campo formativo da educação física
PARTICIPAÇÃO	Comunidade/envolvimento de toda a escola
	Inclusão
	Construção coletiva
	Democracia/cidadania
	Comunhão/relação/socialização
INCLUSÃO	Anos iniciais/início de escolarização
	Pessoas com deficiência
	Democracia
	Desenvolvimento infantil
	Menor habilidade motora
TRANSFORMAÇÕES	Resistência

/PERMANÊNCIAS	Mudanças
	Contextualização com a realidade do país
	Contradições

Portanto, partindo do que ressaltamos na entrevista, também realizamos a leitura flutuante dos questionários em busca de significados que possam confirmar a existência destes polos de sentidos, observando se outros polos se manifestam, considerando as possíveis transformações pontuadas. Não temos a intenção de forçar a existência dos polos da entrevista na interpretação dos registros obtidos nos questionários que vêm do campo. Como já dissemos não nos restringiremos a esta base porque outros sentidos e outros polos podem surgir, se aglutinar e se somar aos da entrevista analisada, apontando a não permanência desses no processo.

Recebemos questionários respondidos de ex-estudantes do CAp-UERJ nos seguintes períodos: dois de 1970 à 1976, um de 1977 à 1988, um de 1984 à 1997, dois de 1989 à 2001, dois de 1994 à 2001, um de 2003 à 2009 e dois de 2008 à 2015, perfazendo um total de onze questionários respondidos. Utilizaremos as décadas como referencia para localizar nas falas dos diferentes sujeitos, aproximações e afastamentos de sentidos. Sendo assim, não estaremos nos prendendo aos valores referentes às décadas como necessariamente representativos de um tempo (cronologia).

Na entrevista visualizamos como primeiro polo unificador de sentidos a **EDUCAÇÃO FÍSICA**, e nele evidenciamos a educação física como **prática científica**. Nas respostas aos questionários identificamos na fala do ex-estudante M.B. (1994/2001)<sup>32</sup>, “porque além da superação inerente à prática de qualquer modalidade, tinha o ambiente acadêmico envolvido”. Quando se refere ao ambiente acadêmico está objetivando o saber acadêmico, a prática científica e o conhecimento. Reforça o fato dessa prática pedagógica ser uma afirmação da educação física como campo de conhecimento científico e como prática pedagógica. Reafirma a imagem das Olimpíadas como edificadora de princípios da cientificidade do saber, de campo de experimentação, de reconhecimento da disciplina em relação às outras.

---

<sup>32</sup> Adotamos a data em que o ex-estudante fez sua matrícula no colégio e data de saída deste do CAp-UERJ. Também adotamos as duas primeiras letras iniciais dos nomes dos respondentes, como forma de codificação identificadora.

Aparece também uma contradição nas respostas dos questionários, quando observamos a fala da ex-estudante M.C. (1970/1976), que participou da primeira olimpíada, “para quem gostava de esporte, como eu, era a oportunidade de fazer algo diferente, num colégio que predominantemente valorizava o estudo, sempre em primeiro lugar.” Porém, podemos chamar a atenção em função desta fala de que na época da criação das Olimpíadas a educação física era pouco valorizada e necessitava mostrar que era uma disciplina de conteúdo científico igual às demais disciplinas da escola. Como visualizamos na entrevista, isto fica evidenciado na fala do professor Celby Santos, pela qual constatamos o valor intrínseco de igualar a educação física às demais disciplinas. Portanto, equiparando-a, em importância e cientificidade às demais disciplinas, provando desta forma que ela, assim como as outras disciplinas, tem conteúdo, para ser vista, desta forma, como prática científica.

A **EDUCAÇÃO FÍSICA** como **campo de conhecimento** está presente na contextualização do ex-estudante P.A. (2009/2015) “uma semana de relaxamento sem grandes preocupações advindas de uma sala de aula demonstra que podemos aprender muito fora da mesma”. Esta fala demonstra que o aprendizado e as práticas científicas podem ser ensinadas em espaços não formais de aprendizado, neste caso o espaço não formal a que nos referimos, são as quadras poliesportivas, a pista de atletismo e todos os outros espaços utilizados para a prática desportiva.

Os ex-estudantes ao responderem o questionário estavam muito mais preocupados com demonstrar as questões formativas, afetivas, sociais e cidadãs, desta forma não pudemos identificar o polo da **EDUCAÇÃO FÍSICA** com sentido da mesma estar **articulada com outros conhecimentos** da grade curricular e de seu reconhecimento por estas áreas. Desta maneira podemos inferir que este deixou de existir ao longo do tempo, pelas subsequentes mudanças de espaço, que o CAP-UERJ foi forçado a fazer, e ainda podemos nos arriscar a dizer que a modificação na forma de ingresso para a carreira docente e técnica administrativa, alterando a forte proximidade formativa que existia entre os profissionais da instituição, foi também responsável pelo desaparecimento deste valor.

Quanto ao sentido de influência na escolha de uma **profissão** na fala do ex-estudante F.V. (1989 /2000), “Sou professor de educação física, acho que a minha escolha tem forte ligação com a minha participação nas Olimpíadas,” podemos encontrar forte evidência de que o estudante acredita que sua escolha pela profissão de professor de educação física ter sido influenciada por sua participação na prática

pedagógica das Olimpíadas. O que encontramos em muitos outros questionários, demonstrando ser esta uma prática que contribui com variadas vivências, para que os estudantes tenham subsídios para fazer sua escolha profissional.

Visualizamos igualmente nos questionários inferências ao valor atribuído **Campo de formação do indivíduo**, a ex-estudante K.K. (1984/1997) relata que aprendeu “regras, a gerir conflitos, a trabalhar em grupo, a respeitar os adversários, conhecer e superar meus limites e aprendi ética” o ex-estudante F.V. (1989/2000) contribui e complementa com a fala, “Acho que a formação de um cidadão só se dá por completo quando aprendemos a lidar com sentimentos, e acho que as Olimpíadas é um momento propício para isso.” Estas duas ponderações referem-se à formação moral, social e cidadã dos sujeitos, além de demonstrar estarem sempre preocupados com o aprendizado das mesmas através do prazer e da alegria.

Entretanto, temos a fala do ex-estudante F.L. (1989/2001), “Além do incentivo à prática desportiva, possibilita equilíbrio, estimula o respeito aos ‘adversários’ e à superação de desafios.” Este depoimento nos mostra a preocupação com o desenvolvimento corporal e sistêmico por meio da prática desportiva.

Porém, na fala de F.V (1989/2000) e F.L. (1989/2001) temos a complementação da formação chamada na entrevista de trinômio Biopsicossocial, quando falam das emoções e equilíbrio se referindo a questões psicológicas. Na parte psicológica o indivíduo deve conhecer seus limites, saber vencer e perder, respeitar os limites dos outros para poder se ajustar socialmente. Isso se dá através do processo que é vivido ao longo do ano que visa o desenvolvimento do indivíduo de forma global.

O **Campo formativo da educação física** pode ser identificado no relato da ex-estudante K.K. (1984/1997), “Atleta, chefe de bandeira, estagiária, árbitra e professora.” Quando faz esta menção está acenando para o fato de que sua formação acadêmica foi desenvolvida no CAP-UERJ e especialmente, durante o processo da prática pedagógica das Olimpíadas. Este é um campo voltado e criado pelo Colégio de Aplicação, no qual os conhecimentos foram apreendidos em seu curso de origem e são necessários para a formação profissional do licenciando de educação física. Sendo assim, aquele colégio/instituto é o local onde o estudante do Instituto de Educação Física e Desporto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ aprende na prática a docência.

Os valores presentes no polo agregador de sentidos **PARTICIPAÇÃO**, retirados da entrevista, puderam ser comprovados em todos os questionários

respondidos. Portanto, percebemos na fala do ex-estudante F.V. (1989/2000) a participação com significado de confraternização de evento que envolve a escola toda, a comunidade escolar, como evidenciado neste trecho em destaque: “É um momento de confraternização entre os alunos da escola, quando você consegue torcer e ter contato com os alunos de todas as bandeiras e faixa etárias.” Ainda dentro deste polo visualizamos os sentidos de **Comunhão/relação/socialização** na fala do aluno F. L. (1989/2001) quando fala “A cerimônia de abertura, a convivência com diferentes colegas...”. Tal convivência nos leva a pensar em sentido de comunhão, relação entre pessoas, na qual os sujeitos comungam procurando atingir objetivos em comum através das relações interpessoais e desta forma vão se socializando.

Encontramos também no sentido **incluir** o maior número de pessoas quando a ex-aluna k.K. (1984/1997) diz “Porque é um único momento em que todos os alunos participam de um mesmo evento, ajudando-se mutuamente...”. Ela se refere ao fato de haver uma inserção de todos os diferentes sujeitos, inclusão no sentido de inserção de sujeitos, pode-se observar também nesta fala o valor da comunhão da relação entre os sujeitos e a socialização.

Na fala do ex-estudante R. D. (1977/1988) “Lembro que os convites eram feitos nas aulas de artes” fica evidenciado que esta atividade pedagógica é uma **construção coletiva**, pela qual diferentes segmentos da escola se envolvem em torno de um único objetivo, participar da prática pedagógica das Olimpíadas, por meio de seu processo. Destacamos aqui duas falas, que se completam ao responderem sobre o tipo de interferência que as Olimpíadas tiveram na **formação cidadã** de ambos, nelas identificamos os valores **democráticos** necessários para de construção da cidadania. Na fala do ex-estudante M.B. (1994/2001) “A disciplina e respeito às regras que a olimpíada e o próprio aprendizado sobre o tema que começa com a campanha dos chefes de bandeira” e a fala do ex-estudante D. A. (2003/2009) “Do ponto de vista da cidadania, exacerbou minha capacidade de admirar e criticar, o que na nossa opinião é muito bom, pois são dois elementos fundamentais em uma sociedade baseada na existência da diferença subjetiva.”

O somatório de todos os exemplos anteriores demonstra o sentido de **comunhão /relação /socialização** que esta prática pedagógica engloba.

Vamos finalizar a descrição de valores relacionados à **PARTICIPAÇÃO** destacando uma referência feita pelo ex-estudante R.D. (1977/1988), “minha

lembrança não era de uma Olimpíada só de competição, mas principalmente de participação. Havia uma disputa saudável, parte do caráter formativo dos alunos que reforçavam os laços entre os estudantes, inclusive de séries diferentes”.

Outro polo agregador de sentidos por nós inferido na entrevista é o da **INCLUSÃO**, que incidiu pela inclusão **dos anos iniciais**; por inclusão de **pessoas portadoras de deficiências físicas, motoras ou intelectuais**; inclusão por meio do **desenvolvimento infantil** e a **forma democrática** de incluir, de levar diferentes sujeitos a participarem pela preocupação em se criar atividades voltadas para todos. Preocupação vinda dos organizados e dos participantes.

Nos questionários não comprovamos falas que atribuíssem valor a inclusão dos **anos iniciais**, consideramos que este valor estava presente somente em seus idealizadores e profissionais da área de educação física por entenderem a importância do desenvolvimento infantil. Encontramos uma pequena menção feita pelo ex-estudante F.L (1989/2001) de que esta prática pedagógica confere “Ao aluno possibilidade de conviver com vitórias e derrotas desde a infância.” Podemos levantar a hipótese que o valor da inclusão nas atividades olímpicas para os anos iniciais, não está representada nos questionários da mesma forma que se apresentou na entrevista, nos questionários esta inclusão pode ser evidenciada pela importância de se lidar com vitórias e derrotas, alegrias e frustrações. Esta é uma transformação da representação.

Vamos ainda fazer uso da fala anterior do ex-estudante F.L. (1989/2001) para identificar **Desenvolvimento infantil**, voltado ao alargamento de habilidades emocionais e psíquicas ligadas ao fato de se saber lidar com emoções vinculadas a sentimentos de derrotas e vitórias, alegria/prazer e frustração, que são fundamentais para o desenvolvimento harmonioso do ser humano. Este aprendizado feito quando ainda criança fará desse sujeito um adulto equilibrado.

A inclusão de **Pessoas com deficiências**, na resposta ao questionário aparece de forma sutil como podemos ver na fala do ex-estudante F.V. (1989/2000) “... aprender a lidar com as diferenças...” e também na fala de F.L (1989/2001) “Além da inclusão...”. Tais falas são ambíguas podem estar se referindo a pessoas deficientes e/ou a pessoas com **menor habilidade motora**. De qualquer maneira demonstra uma preocupação em estar incluindo qualquer um dos dois, pois um sujeito com menor habilidade motora, menor desenvolvimento físico ou intelectual não pode/deve ser preterido por sua dificuldade. Mostra a importância de se lidar

com a diferença dando condições de igualdade para que o diferente possa participar da prática pedagógica. Isto demonstra uma inquietação, como o aprendizado da cidadania, da socialização e da democracia.

Destacamos que nos questionários encontramos uma contradição na fala do ex-estudante D.A. (2003/2009).

Eu diria que havia certo constrangimento com os esportistas de fraco desempenho, especialmente após os jogos. Também tenho más lembranças de conviver com “aquele aluno” que eu não gostava e que as Olimpíadas me traziam mais para perto do que a rotina. Eu acho que isso é o elemento que mais fazia meus colegas desistirem de participar. Realmente às vezes, essa “interação” não era fácil, com certos colegas da escola. Não vejo que houvesse compreensão por parte dos professores para essa dificuldade. De forma geral, me transmitiam que achavam ‘que estávamos de frescura’.

Dando prosseguimento à análise do polo unificador de valores **INCLUSÃO** destacamos a forma democrática de incluir. O sentido da **democracia** inclusiva está presente desde o início do processo, como percebemos na fala do ex-estudante R.D. (1977/1988): “Sejam os sorteios para as bandeiras, as escolhas dos chefes, os treinos e os jogos. Mesmo sendo uma atividade em que a competição estava presente não era só isso que estava em pauta”.

A fala anterior mostra as formas alternativas utilizadas pela escola, sorteios e escolhas. Estas são formas inclusivas e democráticas de se trabalhar. Uma escola democrática é aquela que coloca os diferentes sujeitos no mesmo nível, mudança de sentido habilidades emocionais e psíquicas ligadas ao fato de saber lidar com emoções. Como já afirmamos anteriormente na análise da entrevista toda democracia é fortalecedora, encorajadora, robusta, pois a decisão tomada num processo democrático é garantida pela maioria.

Evidenciamos, além desses já citados, o polo que reúne sentidos/valores denominado por nós de **TRANSFORMAÇÃO/ PERMANÊNCIAS**. Nele podemos encontrar sentidos conferidos à **Resistência, à Mudanças, à Contextualização com a realidade do país e à Contradições**.

O sentido de **Resistência** ainda é fortemente percebido nos questionários, principalmente naqueles dos ex-estudantes da primeira Olimpíada como podemos notar na fala de M.C. (1970/1976),

Não acho que o colégio dava qualquer importância a educação física, já que só existia a aula porque havia obrigação (época dos governos militares). Não havia qualquer estrutura para prática de esportes. Não tinha quadras, nem vestiários.



O depoimento de anterior de M. C. (1970/1976) é um discurso muito marcante do ponto de vista da desvalorização da educação física e da falta de estrutura do colégio para com as atividades pedagógicas da disciplina de educação física. Diante desse discurso, o mais lógico seria pensar em fazer o menos possível, com a justificativa da falta de estrutura, porém os docentes que pensaram e pensam as Olimpíadas agiram e agem de forma oposta e grandiosa, afirmando a importância da educação física e chamando atenção para a falta de estrutura. O sentido da resistência talvez tenha sido o último a ser percebido por nós, mas com toda certeza ele está presente e é um dos significados mais marcantes até os dias de hoje. Ao analisarmos a entrevista destacamos o trecho do texto mencionado pelo professor Raul no qual ele usava a expressão “LUTAR”, esta expressão ainda é uma referência, pois o que a ex-estudante diz se resume em luta por reconhecimento e espaços adequados.

Os sentidos de **mudanças** não puderam ser visualizados nas respostas dos questionários, isto nos faz pensar que tal sentido não é percebido pelos ex-estudantes.

Observamos que **contextualizar as Olimpíadas com a realidade do País** sempre esteve presente por meio das campanhas para chefe e processos de escolha dos mesmos, campanhas políticas. Duas falas que destacaremos poderão reforçar o que estamos dizendo, o ex-estudante M.B. (1994/2001) faz referência ao fato de nunca ter se candidatado à chefia de bandeira, pois não tinha “perfil comportamental e disciplinar adequado...” e P.A (2009/2015) refere-se à mesma questão dizendo: “Muito trabalho que não me daria o tipo de satisfação que eu gosto, além disso não creio que gostaria (nem teria sido capaz de sustentar) uma campanha de tamanho porte para candidatar-me.” Estas são falas que denotam a preocupação com campanhas políticas do cenário nacional.

Nas respostas aos questionários pudemos identificar contradições, principalmente quando se pergunta que tipo de influência/contribuição as Olimpíadas trouxeram, conforme o exemplo abaixo retirado da resposta que a ex-estudante M.C. (1970/1976) deu a esta pergunta: “Tirando aqueles que já praticavam esporte fora da escola, não acho que tenha influenciado mais ninguém.” Esta é uma fala que contradiz o que denominamos **Contribuições**, pois os questionários citam reforços como formação de caráter, valores, respeito ao próximo, aprender a trabalhar em grupo, chefiar equipes, equilíbrio, disciplina entre outras.

Por meio dos questionários inferimos mais um polo agregador de sentidos, que não havíamos pensado anteriormente, denominamos de **LÚDICO**.

**QUADRO 8: EXISTÊNCIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DAS OLIMPIADAS e ELEMENTOS DA ENTREVISTA.**

<b>POLOS</b>	<b>SENTIDOS E VALORES ATRIBUIDOS</b>
<b>LÚDICO</b>	alegria/diversão/emoções
	recreio/relaxamento/descanso/lazer
	jogos/competição

Neste polo unificador de sentidos o Lúdico, para exemplificar o valor atribuído a **alegria/diversão/emoções**, citamos B. V. (2008/2015) que se refere às Olimpíadas como um momento no qual se pode experimentar a “Vitórias, alegrias, emoções! E muitas outras coisas que não consigo descrever.” A alegria e a emoção estão muito presentes nos questionários, valor muito evidenciado. Destacamos aqui a metáfora usada por este mesmo ex-estudante quando se refere a esta prática pedagógica “carrossel de emoções”, dá a ideia de roda que vai deixando a mostra as emoções, pois nas Olimpíadas se experimenta a alegria, o prazer, a frustração, o peso da vitória e da derrota, tristeza, ansiedade, exibicionismo, amor, ódio e muitas outras emoções, como ele mesmo descreve.

Outro valor que evidenciamos nos questionários quando os ex-estudantes referem-se às Olimpíadas é que esta é um momento de **recreio/relaxamento/descanso/lazer**, o que pode ser comprovado na fala do ex-estudante P. A. (2009/2015),

Uma semana de descanso das aulas acompanhada de um momento de forte competição esportiva (o que para mim é um fator saudável) para os que se interessam pela mesma, sendo então uma pausa que no final agrada a todos.

Quando aludem às Olimpíadas como uma forma de descanso, recreio e/ou relaxamento, não estão empregando estas expressões com o sentido de ócio, mas sim, como uma maneira de alterar a rotina da escola que leva os alunos a um relaxamento, oferece alegria, promove o descanso, pois a rotina é desgastante. Com a rotina da escola modificada, os diferentes espaços utilizados para se realizar as Olimpíadas, o movimento de vai e volta para estes espaços, a torcida por suas bandeiras de preferência, todo um carrossel de emoções vivido nas Olimpíadas são um referencial de alegria e lazer, uma forma de descanso da rotina e assim, uma forma de relaxamento, como afirmado anteriormente.

O valor da **competição/jogo** observado na fala de F.L. (1989/2001) “Pela convivência com os colegas em um espaço diferente da sala de aula; pela superação de colegas, professores e colaboradores durante os jogos; e pelo clima de competição nas diferentes modalidades.” E complementado pela fala de K.K. (1984/1997) “me ensinou a entender que a competição não precisa ser agressiva...”, nos mostra que a competição/jogo pode ser sadia, ensina muitos valores importantes para a socialização do sujeito, faz com que o indivíduo entre em contato com diversas emoções – carrossel de emoções... Portanto, essa experiência de vida leva ao amadurecimento emocional e social. O dia a dia é uma competição que não precisa e nem deve ser agressiva, competimos quando disputamos uma vaga de emprego, competimos por vaga no trânsito etc.

Por último, intuímos o polo agregador de valor de **IDENTIDADE** que aglutina **sentidos de pertencimento e valorização de instituição**. O sentido de pertencimento pode ser encontrado na fala de D.A. (2003/2009), “... dessa forma, sempre me estimulou a ‘pertencer’ a um lugar, a um grupo. Uma faculdade subjetiva que pode ser proveitosa para o sujeito, se não for exagerada”. Edificamos nosso sentido de pertencimento por meio da edificação e do enredamento do social em que estamos inseridos. Nossa identidade tem fatores psicológicos e sociológicos que interagem, são notados arcaibouços, as bases estruturadas na inter-relação indivíduo e social. Esta construção da identidade, do sentido de pertencimento de acordo com o que podemos notar na fala de P.A. (2009/2015) traz “Um senso de importância da instituição (Olimpíada)...”.

Neste item partimos do objeto olimpíada, que é uma prática pedagógica, para inferimos na entrevista polos de sentidos, a partir desses, verificarmos por meio dos atores que dela participaram a existência delas ou não dos mesmos. Esta verificação se deu por meio dos polos unificadores de sentidos/valores e fatores constituintes do estímulo e modeladores da resposta, dominando todo o processo por meio dos questionários, a fim de verificarmos se estes polos agregadores de sentidos/valores estão presentes, ou não, e se outros polos podem aparecer. Constatamos por meio dos questionários que os polos inferidos na entrevista são partes que compõem e produzem de realidade, motivando a maneira como os atores interpretam o objeto.

## **DO FRONDOSO JACARANDÁ QUE IMPULSIONA O CARROSSEL DE EMOÇÕES DAS OLIMPÍADAS DO CAp-UERJ ... OU APENAS, DAS CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesta pesquisa partimos da leitura, interpretação e categorização da entrevista “**OLIMPÍADA DO CAp-UERJ – 40 anos de história e memórias**”, publicada na *revista e-MOSAICOS*, em 2013. Ao investigarmos e interpretarmos a entrevista observamos polos de sentidos e valores. Em seguida, por meio dos questionários aplicados a diferentes gerações de ex-estudantes do CAp-UERJ, analisamos a permanência ou inexistência desses polos nos diferentes depoimentos dos questionários, assim como a existência de outros polos agregadores de sentidos.

Como metodologia, como já foi abordado em todo o trabalho, utilizamos a Teoria das Representações Sociais como ancoradouro para compreender os sentidos atribuídos pelos sujeitos pesquisados, sem com isso desprezar a questão da memória e da identidade.

Esta dissertação tem introdução e quatro momentos, seguidos das considerações finais, além das referências bibliográficas e anexo. No primeiro capítulo apresentamos a Teoria das Representações Sociais como base teórica de nossa investigação, além das relações desta com os conceitos de formação humana e educação, memória e identidade. O capítulo dois abordou a história do CAp-UERJ e das suas Olimpíadas Internas, focando em suas permanências e mudanças ao longo das décadas. No capítulo três descrevemos a metodologia de trabalho desenvolvida. Já no capítulo quatro analisamos os questionários, fazendo relações e correlações com a Teoria das Representações Sociais. Seguido das considerações finais a respeito de nosso trabalho, além de frisarmos os silenciamentos encontrados em nossa investigação.

Um apanhado de toda a trajetória das Olimpíadas foi feito ao longo da entrevista da Revista e-Mosaicos, de 2013, alusões a polos de referência de sentidos/valores foram inferidos por nós. Posteriormente, no utilizamos de questionários com a finalidade de compreender se esses polos de sentidos se mantinham, deixaram de existir ou se modificaram. Desta forma, na entrevista, identificamos o polo de sentidos **EDUCAÇÃO FÍSICA** que se encontra da mesma forma nos questionários.

Também percebemos uma contradição no sentido de educação física como prática científica, pois na entrevista é dito que a Olimpíada era valorizada e na resposta dos questionários encontramos, também, a contradição de que a educação física não era valorizada por toda a escola e nem por todos os estudantes, podendo esta contradição ser considerada como resistência. É uma contradição, pois encontramos o sentido de campo de conhecimento como sendo uma disciplina com conteúdo, uma prática pedagógica de igual valor científico comparada às outras práticas. No sentido de ser reconhecida e articulada com outros conhecimentos percebemos que o sentido se modificou, pois o que se infere nos questionários é uma preocupação muito incisiva dos ex-estudantes com a formação ético/afetivo/social/moral, vamos destacar uma figura de linguagem utilizada pelo ex-estudante J.J (entrou em 1994 e saiu em 2000): “Se a Olimpíada fosse uma coisa seria um espelho”. Metáfora muito significativa que demonstra que nela refletimos nossos valores éticos/afetivos/morais /sociais e por outro lado, ao demonstrarmos tais valores, esses podem ser moldados, trabalhados. O sentido de que a educação física escolar ajudou na escolha da profissão a seguir - sentido campo de formação do indivíduo e sentido campo de formação para os futuros profissionais de educação física - foram confirmados no questionário.

Na análise e interpretação da entrevista vimos que o polo agregador de sentidos que denominamos de **PARTICIPAÇÃO** está presente nos questionários e, em alguns momentos, com o sentido de confraternização, mas sem perder sua essência de conhecimento, compartilhamento, comunicação, atividade que agrega pessoas. Desta forma identificamos que o sentido de comunidade/envolvimento de toda a escola, inclusão, construção coletiva, encontra ancoragem e se objetiva nas referências feitas pelos ex-alunos, a partir dos questionários.

O sentido de democracia/cidadania também está presente, mesmo com uma ligeira mudança na referência, pois na entrevista o sentido democracia está ligado à construção de uma escola democrática e nos questionários aparece como formação democrática e cidadã, o que na verdade podemos afirmar que é similar, pois uma escola democrática leva à formação de indivíduos com princípios democráticos. O sentido de Comunhão/relação/socialização que aparece na entrevista, nos questionários, surge do resultado, somatório final destas práticas democráticas.

Outro polo agregador de sentidos por nós inferido na entrevista foi o da **INCLUSÃO**, que deu início pela inclusão de segmentos escolares, por inclusão de

peças portadoras de deficiências físicas, motoras ou intelectuais, inclusão por meio do desenvolvimento infantil e a forma democrática de incluir, de fazer com que diferentes sujeitos possam participar e com isto, surge a preocupação de cunhar atividades que tenham como objetivo a comunhão do maior número de pessoas. Todavia, neste polo não comprovamos a permanência do sentido de inclusão dos anos iniciais, como dissemos anteriormente avaliamos que este sentido encontra-se marcado simplesmente nos docentes da área de educação física por terem a dimensão da importância do desenvolvimento físico/motor/social durante os anos iniciais do ensino fundamental. Avançando um pouco mais nesta reflexão, talvez esse desenvolvimento deve ser uma preocupação maior da Educação Infantil.

Ao compararmos o sentido de inclusão de pessoas com deficiências entre a entrevista e os questionários, percebemos que tal sentido tem mais força na entrevista do que nos questionários. Podemos visualizar isso nos questionários, porém, o sentido de incluir pessoas com deficiências está voltado para a aceitação dessas pessoas, para o aprendizado de se saber lidar e respeitar os limites de cada sujeito. Já o sentido de inclusão de pessoas com menor habilidade motora se confunde, se mistura. Isto não faz com que estes valores inexistam, apenas dão outro sentido.

Por outro lado, o sentido Democrático de incluir pode ser percebido nos questionários na prática democrática de votar, na prática democrática de se fazer uso de sorteios como forma de escolha e ainda no que acabamos de ver acima, ou seja, na forma de incluir o diferente.

Outro polo em que encontramos correlação entre a entrevista e os questionários é o denominado por nós de polo agregador de **TRANSFORMAÇÃO/PERMANÊNCIAS**. Neste, pudemos identificar sentidos conferidos à **Resistência, a Mudanças, a Contextualização com a realidade do país e a Contradições**. O sentido de mudança não foi observado nos questionários. Entretanto, o sentido de resistência é percebido com grande intensidade nos mesmos questionários. Este último sentido que de início não foi visualizado, mostrou ter muita força nessa relação de sentidos atribuídos à prática pedagógica das Olimpíadas. Os dois outros sentidos agregadores deste polo, contextualização com a realidade do país e contradições também estão presentes no questionário.

Nos questionários identificamos outros polos agregadores de sentido que não foram evidenciados na entrevista, um deles é o que adiciona valores relacionados

ao **LÚDICO**. É um polo no qual encontramos sentidos relacionados à alegria, diversão, lazer, descanso, relaxamento, receio, jogos e competição. Todos esses estão relacionados a emoções, como frustração, alegria, tristeza, prazer, saber ganhar e perder. Este polo se relaciona também com os sentidos que são a quebra da rotina no ambiente escolar e na forma de aprender. Neste polo, pode-se perceber o sentido dado à competição/jogo e como estes dois elementos são importantes para a formação profissional e cidadã dos sujeitos.

Como último polo de sentidos, por nós observado, temos o que agrega sentimento de identidade e valorização da instituição. A identidade representada pelo papel social do sujeito representa o efeito da edificação social e da complexidade social em que o sujeito está inserido. Portanto, a identidade emerge das transformações vividas pelo sujeito no conjunto social, incriminado pela ilimitada fabricação de valores. Logo, o sentimento de pertencimento leva à valorização da instituição.

Sendo assim, esta pesquisa mostra que não é só o campo de conhecimento que importa, mas também, a prática pedagógica de longa duração, ou melhor, o processo pedagógico construído coletivamente ao longo do tempo.

Nossa pesquisa foi baseada numa prática pedagógica de longa duração - as Olimpíadas, que são apenas o grande mote para a realização desta pesquisa. Essa prática pedagógica de longa duração permite que o sujeito que dela tenha participado possa se moldar, se transformar a partir de suas vivências advindas dessa prática e dos valores que norteiam a vida dos sujeitos. Esses valores ficam tatuados nos indivíduos mesmo que estes sigam outros caminhos na vida.

Portanto, após identificarmos os sentidos existentes nas Olimpíadas - prática pedagógica de longa duração, podemos afirmar que todos esses polos de sentidos são representações socialmente referenciadas pela comunidade capiana, pois foram atribuídos significados por esse grupo social. A representação ajuda a moldar as pessoas, molda a vida do sujeito, ajuda a formar os processos construindo coletivos e por isso mesmo, ela é social.

Vamos nos arriscar a dizer que esta prática pedagógica de longa duração, aqui estudada, nos mostra que práticas educativas de longa duração são capazes de perpassar gerações, sendo, por isso, processuais. As Olimpíadas mantém a escola mais unida, ajudam na articulação da escola.

Todos esses valores encontrados na nossa investigação poderiam estar presentes em qualquer prática educativa, seja no campo da educação física, seja em qualquer outra área, por ser um campo formativo.

Portanto, podemos nos arriscar a dizer que a despeito de toda a situação crítica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e de todo o Estado, o CAP-UERJ continua sendo o Jacarandá que impulsiona a Olimpíada do CAP dentre outras práticas pedagógicas de longa duração, gerando um metafórico carrossel de emoções...



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIC, J. C. A abordagem estrutural em representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. de (Orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2.ed. Goiânia: AB, 2000. p. 27-37.

ALONSO, M. Transformações necessárias na escola e na formação dos educadores. In: FAZENDA, Ivani et al. **Interdisciplinaridade e novas tecnologias**. Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 1999.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. et al. Os sentidos do ser professor. **Revista Educação e Cultura contemporânea**, [S.l.], v.1, n. 1, jan/jun 2004.

ANDRADE, M.A.A. A identidade como representação e a representação de identidade. In: MOREIRA, A. S.P.; OLIVEIRA, D. C. de (Orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2.ed. Goiânia: AB, 2000. p.147.

ARAÚJO; H. M. M. **Museu da maré: entre educação, memórias e identidades**. 2012. 238 f. Tese (Doutorado em Educação) — Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994. p.16.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CARVALHO, J. S. F. Sobre o conceito de formação. **Revista Educação**, [S.l.], 10 set. 2011. Disponível em: < <http://www.revistaeducacao.com.br/sobre-o-conceito-de-formacao/>>. Acesso em: 21 set. 2008.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. São Paulo: EDUSC, 1999.

DESCHAMPS, J. C.; PASCAL, M. **A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DOISE, W. **Les représentations sociales: définition d'un concept**. In: L'étude des Représentations Sociales. Neuchâtel. Paris: Delachaux & Niestlé, 1986. p. 90 - 98.

\_\_\_\_\_. Representations et relations entre groups. In: S. Moscovici (Ed.). **Introduction à la psychologie sociale**. Paris: Larouse, 1973, p. 194-213.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p. 139-154, mar. 2002.

OLIVEIRA, E. R.; SILVA, L. T.; WANDERLEY, S. OLIMPÍADA DO CAP-UERJ – 40 anos de história e memórias. **e-Mosaicos**, [S.l.], v. 2, n. 3, p. 2 - 37, jun. 2013. ISSN 2316-9303. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/e-mosaicos/article/view/8829>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

FERRY, G. El trayecto de la formación. In: **Los enseñantes entre la teoría y la práctica**. Barcelona: Paidós, 1991.

FRANCO, M.L.P.B. **Análise de conteúdo**. 2.ed. Brasília, DF: Liber Livro, 2007.

\_\_\_\_\_. Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. **Cadernos de pesquisa**, v.34, n. 121, p. 169-186, jan/abr. 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança: Um encontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARCÍA CANCLINI, N. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 1999.

HABERMAS, J. **Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

HALBWACHS, M. **Memória Coletiva**. São Paulo, Vertice/Revista dos Tribunais São Paulo: 1990.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. São Paulo: Cortez, 2001.

JACQUES, M. G. C. Identidade. In.: JACQUES, M. G. C., et al. **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 159-167.

JODELET, D. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. In: **Sociedade e Estado**, Brasília, DF, v.24, n.3, set/dez. 2009, p. 679-712.

\_\_\_\_\_. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.), **As representações sociais** (pp. 17-44). Rio de Janeiro: UERJ.

\_\_\_\_\_. Les Représentations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, D. (org.). Les représentations sociales. Paris: Press University de France. 1989, p. 36-37.

MADEIRA, M. C. Representação social e processo discursivo. In: MOREIRA, A S. P. et al. (Orgs.). **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**. João Pessoa: UFPB/Editora Universitária, 2001; p.462.

MANCIBO, D.; SILVA JÚNIOR, J. R.; OLIVEIRA, J. F. (Orgs.). **Reformas e políticas: educação superior e pós-graduação no Brasil**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2008.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

PERRENOUD, P. **A prática reflexiva do ofício de professor: profissionalização e razão pedagógicas**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

PIMENTA, S. G. e GHEDIN, E. **Professor reflexivo no Brasil: Gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002.

SÁ, C. P. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SCHERER-WARREN, I. **Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização**. São Paulo: Hucitec., 1997.

SCHMIDT, M. L. S; MAHFOUD, M. Halbwachs. **Memória Coletiva e Experiência. Psicologia**. USS, São Paulo, 4 (1/2),1993. p.285-298.

SEIDMANN, S.; THOMÉ, S.; DI LORIO, J.; AZZOLLINI, S. **Construção Identitária Docente: reflexões a partir da teoria das representações sociais**. In.: PLACCO, V. M. N. S.; VILLAS BÔAS, L. P. S.; SOUZA, C. P. Representações sociais: diálogos com a educação. Curitiba: Champagnat, 2012. p. 43-56.

SILVA, T. T (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

VALA, J. **Representações sociais** - para uma psicologia social do pensamento social. Em J. Vala & M. 1993.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In:\_\_\_\_\_. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999.

## APÊNDICE A — Questionário



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
 INSTITUTO DE APLICAÇÃO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE EDUCAÇÃO BÁSICA  
 MESTRADO PROFISSIONAL

O presente questionário integra uma das fases do projeto de pesquisa do PPGEB, intitulado "**Vestindo a camisa**" do **CAP-UERJ: Sentidos das Olimpíadas Escolares no contexto da escola pública**" e pretende mostrar as representações que os ex-estudantes do CAP-UERJ fazem das Olimpíadas Desportivas do Instituto de Aplicação.

### QUESTIONÁRIO

- 1- Sexo: ( ) masculino ( ) feminino
- 2- Idade: \_\_\_\_\_
- 3- Em que ano você estudou no CAP-UERJ? \_\_\_\_\_
- 4- Você participou de alguma Olimpíadas Desportivas do CAP-UERJ?  
 ( ) Sim ( ) Não
- 5- Quantas? \_\_\_\_\_
- 6- Qual foi sua participação? \_\_\_\_\_
- 7- A Olimpíada é um momento de \_\_\_\_\_
- 8- Por quê? \_\_\_\_\_
- 9- Você avalia que as Olimpíadas do CAP-UERJ interferiram na sua formação como cidadão?  
 ( ) Sim ( ) Não ( ) Parcialmente
- 10- No caso afirmativo, como? \_\_\_\_\_
- 11- Se a Olimpíada fosse uma coisa que coisa seria? \_\_\_\_\_
- 12- E quais suas piores lembranças das Olimpíadas? \_\_\_\_\_
- 13- E suas melhores lembranças? \_\_\_\_\_

14-O que você pensa sobre o chefe de Bandeira? \_\_\_\_\_

15- Já foi um chefe ou gostaria de ter sido?

Sim                       Não

16-Por quê? \_\_\_\_\_

17- Aponte três palavras que vêm a sua mente quando ouve falar das Olimpíadas do CAp-UERJ.

1 \_\_\_\_\_

2 \_\_\_\_\_

3 \_\_\_\_\_

18-Qual delas mais influenciou a sua formação? \_\_\_\_\_

19-Por quê? \_\_\_\_\_

20- As Olimpíadas do CAp trouxeram contribuições para além de sua vida escolar?

Sim                       Não                       Parcialmente

21-Em caso afirmativo ou parcial, quais seriam estas contribuições?

\_\_\_\_\_

22- Você considera as Olimpíadas Desportivas um processo formativo?

Sim                       Não                       Parcialmente

23-Por quê? \_\_\_\_\_

24- As Olimpíadas do CAp-UERJ de alguma forma interferiram ou interferem na sua vida profissional?

Sim                       Não                       Parcialmente

25- Por quê? \_\_\_\_\_

26-Se pudesse voltar no tempo, o que faria diferente em relação às Olimpíadas do CAp-UERJ? \_\_\_\_\_

27-Por quê? \_\_\_\_\_

APÊNDICE B — Produto

## O Jacarandá que deu certo produzindo um carrossel de emoções.



**Lícia Maria Vieira Vasconcellos**

Orientador: Prof. Dr. Lincoln Tavares Silva

Rio de Janeiro

2017

## **1- Apresentação**

Este trabalho tem como um dos objetivos contar um pouco da história da prática pedagógica das Olimpíadas do CAp/UERJ, além da intenção de formular um material didático sobre produção de Olimpíadas Escolares Desportivas, com similaridade adaptativa aos moldes da do CAp/UERJ.. Pretendemos também contribuir para formação inicial de licenciandos em Educação Física, assim como daquela realizada de forma continuada para professores de educação física.



## 2- A História do Jacarandá e suas emoções

As Olimpíadas Internas do CAp-UERJ começaram a ser promovidas na década de 1970 em meio ao chamado “milagre” econômico brasileiro e ao regime da ditadura militar, então sob a escudo do AI-5<sup>33</sup>, que cerceou os direitos políticos e democráticos dos cidadãos brasileiros.

A Educação Física, instituída como disciplina obrigatória nas escolas do Rio de Janeiro desde 1856, foi reafirmada na Lei 5692/71, refletindo o momento vivenciado pelo país, com uma proposta que contemplava a formação do indivíduo disciplinado, cumpridor de ordens a serviço do Brasil e a afirmação da ideia de que a escola seria o celeiro para os grandes eventos esportivos internacionais, em busca da edificação da nação olímpica.

Nesse contexto, o patriotismo esportivo é reforçado, inclusive como estratégia social e educacional, direcionado para a massificação do profissionalismo no esporte, formando atletas de alto nível, levando o nome do Brasil mundo afora, sob a forma de propaganda governamental. Dá-se um movimento que alcança as atividades físicas e busca a interação das massas por meio do “Esporte para todos”<sup>34</sup>, pelo qual se dilui o atrativo do espetáculo e da competição, em favor da maior participação das populações nas atividades físicas, com objetivos que valorizavam, predominantemente, a imagem do regime militar.

Eu estava no Instituto de Educação Física da UERJ, onde o professor Ivair Machado ordenou que houvesse um estudo e uma mudança sistêmica na atividade de Educação Física, buscando um entrelaçamento cada vez maior com todas as outras disciplinas. Nós, os professores, comporíamos um grupo novo. Eu, Jorginho, Ernani e o saudoso professor Mascarello, viemos para cá, para montar uma estrutura. Era exatamente algo como deveria ser o desenvolvimento da atividade de Educação Física no Colégio de Aplicação. E aí surgiu a conversa com os professores Paulo Sérgio, Moisés, Farias, com o professor Miragaya, a possibilidade da realização de um evento chamado Olimpíada, mesmo sabendo, na época, que o comitê

<sup>33</sup> AI-5, Ato Institucional número 5 foi o quinto de uma **série de decretos emitidos pelo regime militar brasileiro nos anos seguintes ao Golpe Militar de 1964 no Brasil**.

<sup>34</sup> ORIGEM E DESENVOLVIMENTO: A primeira campanha de Esporte para Todos (EPT) que, sem dúvida, pode ser considerada é o início do Movimento que surge na Noruega, sob a denominação de TRIM e foi elaborado por Per Hauge-Moe (1965). OBJETIVO: O objetivo dessa campanha era promover atividades que reunissem esporte, publicidade e comunicação de massa, que deveriam atrair o maior número possível de pessoas participantes do evento EPT.

olímpico brasileiro proibia, por determinação, a realização de qualquer evento esportivo que tivesse o nome “Olimpíada”. Graças a Deus, o Colégio de Aplicação foi autorizado a ter Olimpíada, que é uma situação importante a ser observada. (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p. 5)

Neste cenário, o então professor de Educação Física da UERJ Celby Rodrigues Vieira dos Santos<sup>35</sup> planejou a realização de um evento de atividade física que envolvesse somente os estudantes do antigo ginásial da escola. Propôs, em 1972, ao então Diretor do CAp-UERJ, Professor Fernando Miragaya<sup>36</sup>, que três dias dentro da Feira de Ciências do Colégio fossem dedicados à criação das Olimpíadas Internas, cuja primeira realização foi na Escola de Educação Física do Exército.

Aqui estavam o professor Paulo Fonseca, a professora Maria José, o professor Carlos Alberto e o professor Eduardo Viana. Esses quatro eram professores cedidos ao Colégio de Aplicação. O professor Ivair Machado, ao montar o Instituto, que foi formado por um grupo de professores da universidade, olhou para o Colégio de Aplicação, com uma obrigação que aproximava o Colégio de Aplicação da formação superior, na qual os futuros professores viriam para cá. Então eu vim como o primeiro, desenvolvendo trabalho com respeitabilidade, juntando com mais professores na área de Educação Física. Isso não quer dizer que havia uma nova proposta. Era apenas uma proposta pedagógica diferenciada. Mas uma proposta pedagógica com necessidade de aproximação da família, do alunado e do corpo docente, tornando-se, então, um campo de pesquisa muito mais aprofundado. Essa foi a nova proposta. Por isso, o surgimento da questão na Feira de Ciência. Uma magnífica Feira de Ciência que já existia, incentivada pelo professor de Matemática, o professor Paulo Sergio, pelo professor Moisés, pelo professor Miragaya, ele era efetivamente o homem da ciência. Que era de Biologia (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p. 6).

Todo ensino ginásial do Colégio foi organizado em cores que foram chamadas de bandeiras

O símbolo da UERJ foi o que motivou as primeiras bandeiras, as primeiras cores de bandeiras. Notem o seguinte: o vermelho, que sempre teve, é a chama da tocha que é vermelha e preta na UERJ. Então surgiu a bandeira preta. Azul são as letras que a UERJ tem em seu símbolo. E branca, é o seu fundo. Então essas foram as quatro primeiras bandeiras colocadas na história das Olimpíadas. A antiga 3ª série do Ensino Médio, o 3º ano, não participava, porque tinha uma carga horária pesada na escola, que não permitia que ela

---

<sup>35</sup> Professor do Colégio de aplicação Fernando Rodrigues da Silveira e professor do Instituto de Educação Física e Desporto da Universidade do Estado da Guanabara e, posteriormente, do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>36</sup> Diretor no período de 1970 a 1974

formasse, treinasse e se organizasse. Mas, eles eram os organizadores. (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p.18-19)

Nesta época os chefes de bandeira não eram eleitos e sim escolhidos pelos professores, conforme observamos no diálogo em destaque, retirado da entrevista

Na minha época de aluno, os chefes de bandeiras eram alunos do 1º ano do segundo grau. Normalmente, dois de cada ano, normalmente dois meninos e duas meninas. Os alunos que passavam do 2º ano para o 3º ano deixavam de ser chefes de bandeira, e os que passavam do 1º para o 2º ano, continuavam e, teoricamente, esses quatro escolhiam mais dois. Quando você subia da 8ª série para o 1º ano, já existia essa expectativa de você ser chamado, ser escolhido para ser chefe de bandeira. O que não foi, exatamente, o que aconteceu no início, né? O meu ano de chefe, 1985, me lembro por conta disso: foi o último ano em que a escolha foi desse jeito. O professor, se não me engano, Mascarello, entrou no processo de Educação Física desse ano. A equipe toda apresentou a proposta para a gente, que a partir do ano seguinte, 1986, haveria uma eleição para chefe de bandeira. Eu acho que é aquela retomada de democracia, do direito de votar, escolher o presidente (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p.22-23).

Antigamente, era o chamado “tudo amigo nosso”, “agora você... você”, é “só falar, só falar” (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p.23).

Era só chamar, que o outro virava chefe. Normalmente não era uma escolha, não só por alguma amizade, mas por alguma liderança, ou porque o cara era um bom atleta em alguma modalidade (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p.23).

Findo o período ditatorial, as Olimpíadas continuam sob o novo pano da democracia brasileira e são marcadas por outro contexto histórico.

Conforme consta no Regimento das Olimpíadas do CAP-UERJ, escrito pelos docentes da equipe de Educação Física do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, arquivado no Centro de Preservação da Memória Prof. Fernando Sgarbi Lima, a Olimpíada é um componente do Projeto Pedagógico, não possuindo a intenção de ser encarada como um evento isolado, ou ainda, como culminância das atividades realizadas nos meses que antecedem a realização dos jogos.

A Olimpíada sempre foi valorizada, tá? Todo trabalho relacionado a ela é feito durante o ano. Desenvolvimento do corpo, desenvolvimento físico, é... Psicológico, né...? O trinômio biopsicossocial. Então é uma culminância em que os alunos eram motivados também por serem divididos em bandeiras, como se fossem países, e dentro desses países havia os dirigentes, que são os chefes de bandeira, que se organizavam em equipes. Então era

uma integração que até hoje a escola toda vive. Então você vê um aluno do 3º ano do Ensino Médio que conhece o aluno do 1º ano do Ensino Fundamental. Eles se falam, conversam. (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p.6)

A Equipe de Educação Física do CAp-UERJ insere-a estrategicamente em seu planejamento pedagógico. O primeiro passo da Olimpíada Desportiva Interna do CAp-UERJ é dado muitos meses antes da semana Olímpica propriamente dita, em geral, no final do mês de março e início do mês de Abril com a divisão do colégio em bandeiras. Nesse momento todas as turmas, compreendendo alunos do 1º ano do Ensino Fundamental (E.F) - que acabaram de ser incorporados ao corpo discente do Instituto - aos alunos do 3º ano do Ensino Médio (E.M) são organizados em quatro bandeiras por meio de sorteio. Nessa dinâmica, primeiro se sorteia a ordem das cores das bandeiras e em seguida ocorre o sorteio dos números que representam os alunos nos diários de classe, possibilitando, por exemplo, que todos os alunos que se fazem representar nos diários de classe pelo número sorteado sejam de uma mesma bandeira, respeitando-se a ordem das cores definidas anteriormente por sorteio. Atualmente, as quatro cores que representam as bandeiras são: amarela, azul, verde e vermelha. Esta transformação se deu como pode nos esclarecer ao seguinte diálogo.

Entendida uma questão de identidade, transforma-se a bandeira preta em amarela, e introduz-se a bandeira verde, no lugar da vermelha. Mas, em algumas épocas, a bandeira vermelha continuou, continua a bandeira vermelha, a preta sai de vez. (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p.19).

A branca também. (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p.19).

A branca sai porque a camisa da escola é branca, identificava como uniforme da própria escola. Aí entra a bandeira verde, a azul continua e fica a vermelha. (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p. 19).

Novo sorteio poderá ser realizado, exclusivamente com o objetivo de permitir a participação, em igualdade de condições quantitativas, de todas as equipes. Este recurso é muito utilizado nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois este não se compõe em categorias e sim, em ano de escolaridade, uma vez que o CAp-UERJ tem três turmas, por ano de escolaridade, com média de 60 alunos. Estes deverão ser sorteados em quatro cores de bandeiras diferentes. Mas isso não foi sempre assim, como nos conta o professor Aristônio Leite na entrevista da revista *e-Mosaicos*.

Antigamente as categorias eram feitas por série, né? Uma categoria era o primeiro segmento; a outra categoria era a 3ª categoria, que eram os alunos de, na época eram de 5ª e 6ª séries; a 2ª categoria era 7ª e 8ª séries. E a 1ª categoria era alunos do Ensino Médio. Hoje – e já há alguns anos – a gente já faz por idade, independente da série em que ele está. Porque às vezes tem um garoto que repetiu alguns anos. E já tem 17 anos, na 6ª série. Ele não vai jogar junto com o aluno de 11 e 12 anos, então a gente faz por data/ano de nascimento. (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p.13).

O segundo passo é a inscrição, seguido da campanha e das eleições para chefes de bandeira, por parte dos alunos. Cada uma das bandeiras deverá ter quatro chefes eleitos, dois meninos e duas meninas, sendo estes alunos do 1º ano ou 2º ano do Ensino Médio (E.M.). Votam os alunos desde o 3º ano do E.F até os 3º ano do E.M. As campanhas, inscrições e eleições são individuais, não havendo portanto, formação de chapas coletivas.

Na eleição existe um processo todo, que a gente depois, como aluno, tem que vivenciar e participar. Então essa questão pedagógica é muito importante. O aluno tem o período para lançar a candidatura dele, quer dizer, para inscrever a candidatura dele, depois aquela candidatura é avaliada em cima de conceitos e critérios: o fato de ser repetente, educação, comportamento, coisas que eles sabem, eles estão cientes de tudo desde o início, eles não são pegos de surpresa em nenhum momento. Então, enfim, eles lançam a candidatura, ela é aprovada, os pais assinam, porque eles são menores. Existe um período de campanha, então eles fazem campanha tipo “ficha limpa”. Eles obviamente se autoavaliam. A campanha não pode ser burlada, nem ter trocas escusas. Tem que ser uma campanha pelas ideias dos chefes de bandeira. E, ao final dessa semana, desse período de campanha, existe o dia da eleição (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p.23).

O “chefe de bandeira” eleito atua como organizador das equipes e tem *status* de líder legítimo dos alunos participantes<sup>37</sup>. É o responsável pela organização e orientação dos alunos de sua bandeira, devendo incentivar e garantir a oportunidade de todos participarem durante os treinamentos e jogos.

Como te disse, é legal porque parece uma eleição para deputados estaduais. Chega às vésperas, a gente tira toda propaganda, não pode ter boca de urna durante a votação e, com os vencedores decididos, começa a primeira reunião com os chefes de bandeira. A gente passa o que é Olimpíada para aqueles que querem. O que são os chefes de bandeira? O que é e qual vai ser a participação deles. A gente passa isso tudo. A gente está sempre do lado deles! A gente está presente nos treinamentos de bandeira para dar orientação. Por

<sup>37</sup> Os alunos se candidatam, mas antes do processo eleitoral estes tem sua ficha disciplinar escolar levantada e avaliada pelos professores de Educação Física do CAP. Sendo assim, cada aluno é avaliado não só na dimensão pedagógica quanto ética.

isso não ficam sozinhos. A gente está aqui, o professor sempre está. Dois ou três professores que acompanham os treinos de bandeira, aqui ou no Célio de Barros, com o treinamento de atletismo, durante o período todo. Aí chega outra fase de inscrição para selecionar os alunos, os atletas de cada modalidade (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p. 22).

Porém houve uma época em que a escolha não era democrática como nos mostra o Professor Miragaya dos Santos.

Na minha época de aluno, os chefes de bandeiras eram alunos do 1º ano do segundo grau. Normalmente, dois de cada ano, normalmente dois meninos e duas meninas. Os alunos que passavam do 2º ano para o 3º ano deixavam de ser chefes de bandeira, e os que passavam do 1º para o 2º ano, continuavam e, teoricamente, esses quatro escolhiam mais dois. Quando você subia da 8ª série para o 1º ano, já existia essa expectativa de você ser chamado, ser escolhido para ser chefe de bandeira. O que não foi, exatamente, o que aconteceu no início, né? O meu ano de chefe, 1985, me lembro por conta disso: foi o último ano em que a escolha foi desse jeito. O professor, se não me engano, Mascarello, entrou no processo de Educação Física desse ano. A equipe toda apresentou a proposta para a gente, que a partir do ano seguinte, 1986, haveria uma eleição para chefe de bandeira. Eu acho que é aquela retomada de democracia, do direito de votar, escolher o presidente (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p .22-23).

Hoje como já observamos acima, para que não haja desequilíbrio no bio-tipo-físico e cronológico, não criamos mais categorias por ano de escolaridade, sendo tal necessidade de dividirmos o CAP-UERJ em categorias realizada levando em consideração a data de nascimento. Como temos a preocupação em possibilitar que o maior número de estudantes venha a participar, estamos sempre disponibilizando o mais amplo leque de modalidades desportivas possíveis, desta forma há uma preocupação com a inclusão de todos os estudantes e não só com os de maior habilidade motora. É importante destacar que muito antes de ouvir falar em INCLUSÃO, o CAP-UERJ já o fazia, através de suas Olimpíadas Desportivas, antes mesmo da criação da coordenação de Ações inclusivas. Desde o primeiro ano de Ensino Fundamental, os alunos com necessidades especiais, são incluídos nas atividades desportivas, fazendo-se adaptações nas atividades, para que estes estudantes possam participar e não se sintirem depreciadamente diferentes. Conforme dissemos, não se trata somente da inclusão do deficiente físico/motor, mas da inclusão no mais amplo sentido da palavra, inclusão social, intelectual, de

gênero, dos sujeitos com menores habilidades motoras. Outra ação importante é a promoção do respeito e da aceitação ao diferente.

Exemplificaremos aqui uma divisão de categorias e modalidades que foi referência na 40ª Olimpíada Interna Desportiva do CAP-UERJ, realizada no ano de 2012.

### QUADRO DE DISTRIBUIÇÃO DE CATEGORIAS E MODALIDADES DESPORTIVAS QUE CADA CATEGORIA PARTICIPOU

#### 1ª CATEGORIA – Nascidos até 1996

#### MODALIDADES

2ª	<b>MASCULINAS</b>		<b>FEMININAS</b>	
	<b>INDIVIDUAIS</b>	<b>COLETIVAS</b>	<b>INDIVIDUAIS</b>	<b>COLETIVAS</b>
	ATLETISMO	FUTEBOL SOCIETY	ATLETISMO	HANDEBOL
	XADREZ	HANDEBOL	XADREZ	VOLEIBOL
	<del>MASCULINAS</del> TÊNIS DE MESA	BASQUETE	<del>FEMININAS</del> TÊNIS DE MESA	BASQUETE
		HANDEBOL		
<b>2ª CATEGORIA B – Nascidos em 1997/ 1998 / 1999</b>				
<b>MODALIDADES</b>				
<b>MASCULINAS</b>		<b>FEMININAS</b>		
<b>INDIVIDUAIS</b>	<b>COLETIVAS</b>	<b>INDIVIDUAIS</b>	<b>COLETIVAS</b>	
ATLETISMO	FUTSAL	ATLETISMO	HANDEBOL	
XADREZ	HANDEBOL	XADREZ	VOLEIBOL	
TÊNIS DE MESA	BASQUETE	TÊNIS DE MESA	BASQUETE	
	VOLEI			

#### CATEGORIA A – Nascidos em 1999

#### MODALIDADES

Na 2ª categoria, por termos um maior número de alunos compreendidos dentro dessa faixa etária no Colégio (do 6º ao 9º ano), muitas vezes temos que

dividir as categorias em A e B para que haja a participação de um número expressivo de alunos.

### 1º AO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

SÉRIE	MODALIDADES		GÊNERO	
1º,2ºe 3º ANO	JOGOS RECREATIVOS		EQUIPES MISTAS	
	ESTAFETA		EQUIPES MISTAS	
4º e 5º ANO	MASCULINAS		FEMININAS	
	<b>INDIVIDUAIS</b>	<b>COLETIVAS</b>	<b>INDIVIDUAIS</b>	<b>COLETIVAS</b>
	ATLETISMO	FUTSAL	ATLETISMO	HANDEBOL
	CÂMBIO		EQUIPES MISTAS	
5º ANO	GINÁSTICA OLÍMPICA		MASC E FEM	

As provas de atletismo são realizadas conforme o quadro abaixo:

1ª CATEGORIA		2ª CATEGORIA		3ª CATEGORIA		1º AO 5º ANO	
MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM
1500 m	_____	800 m	_____	_____	_____	_____	_____
100 m	100 m	100 m	100 m	50 m	50 m	50 m	50 m
REVEZ. 4X100 m	REVEZ. 4X100 m	REVEZ 4x100m	REVEZ. 4X100m	REVEZ 4X50m	REVEZ. 4X50 m	REVEZ. 4X50 m	REVEZ. 4X50 m
SALTO EM DISTÂNCIA	SALTO EM DISTÂNCIA	SALTO EM DISTÂNCIA	SALTO EM DISTÂNCIA	SALTO EM DISTÂNCIA	SALTO EM DISTÂNCIA	SALTO EM DISTÂNCIA	SALTO EM DISTÂNCIA
SALTO EM ALTURA (1,40m)	SALTO EM ALTURA (1,20m)	SALTO EM ALTURA (1,20m)	SALTO EM ALTURA (1,10m)				



Cada aluno só poderá participar da Olimpíada em uma categoria, não podendo desta forma, por exemplo, o aluno da 2ª categoria A jogar o mesmo desporto na 2ª categoria B; e cada aluno só poderá ser inscrito em, no máximo, 02 (duas) modalidades desportivas coletivas (futebol, basquete, vôlei) e 01 (uma) individual (atletismo, xadrez ou tênis de mesa). A Ginástica Olímpica não é considerada como modalidade individual, existindo apenas como apresentação na Olimpíada Interna.

As inscrições deverão ser realizadas de acordo com a tabela abaixo devido às exigências da natureza de cada desporto.

<b>MODALIDADE</b>	<b>Nº. MÁXIMO DE INSCRIÇÕES</b>	<b>SUPLENTES</b>
BASQUETE	10	-
CÂMBIO	12	-
FUTEBOL SOCIETY	12	-
FUTSAL	10	-
GINÁSTICA OLÍMPICA	LIVRE	-
HANDEBOL	12	-
TÊNIS DE MESA	02	01
VOLEIBOL	12	-
XADREZ	02	01

Para as competições de Atletismo, que não estão contempladas nas tabelas acima, cada bandeira poderá inscrever, no máximo, 03 (três) alunos por prova individual, sendo dois titulares e 01 (um) suplente e 05 (cinco) alunos por revezamento, sendo 04 (quatro) titulares e 01 (um) suplente. Tanto nas provas individuais, como nos revezamentos, somente é permitida a substituição pelo aluno

suplente devidamente inscrito. Cada estudante só poderá ser inscrito em uma prova individual podendo, também, participar do revezamento. Hoje, para se evitar que uma equipe não possa jogar (perder o jogo) pela falta de um atleta, e não haja outro inscrito para substituí-lo, as inscrições são feitas momentos antes do jogo.

Do ano passado para cá nós mudamos, para não acontecer a perda de ponto por não comparecimento. Era uma tristeza, pois os chefes de bandeira se organizavam, montavam as equipes e, algumas vezes, na hora, os alunos não iam. Então, de dois anos pra cá nós estamos fazendo o seguinte: Eles têm uma relação. Nós temos uma relação de nomes e a que bandeira eles pertencem e nós vamos colocando, na hora do jogo, quem está participando. Se bater mais de duas coletivas, a gente sabe por que ele está anotado, e que ele já está participando. Então ele monta o time. Quando só tem cinco, se tiver que ter seis, ele chama um aluno que não está inscrito em nada. “Ó, você vai jogar aqui”. Aí a gente passa, ou não. Não tem mais ocorrido perda de pontos por não comparecimento. (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p.23).

Cada bandeira poderá inscrever, no máximo, 03 (três) alunos por prova individual, sendo dois titulares, 01 (um) suplente e 05 (cinco) alunos por revezamento, sendo 04 (quatro) titulares e 01 (um) suplente.

No desfile de abertura, inicialmente

Eu me lembro que, no início, as aberturas se davam às quintas-feiras à tarde. É, até hoje, o horário de reunião de professores da escola. Por conta disso, era mais um motivo para que os professores estivessem presentes. Alguns acompanhavam os alunos, até brincavam com a gente até o momento em que a gente terminava a Olimpíada (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p. 9).

O atletismo inicialmente era realizado na Escola de Educação Física do Exército, na Praia Vermelha, Urca, juntamente com as provas de atletismo. Depois passou a ser realizado no Estádio Célio de Barros. É importante destacar que o desfile de abertura é obrigatório para todos os alunos que participarão da Olimpíada do CAP-UERJ. Os estudantes que não comparecerem ao desfile de abertura não poderão participar das competições. Atualmente, o desfile não é mais na abertura das olimpíadas, pois o Estádio Célio de Barros foi destruído na época em que se reformou o Maracanã, Estádio de futebol construído para a Copa do Mundo de Futebol em 1950 e reformado para a Copa do Mundo de 2014. Desde então, as provas de Atletismo passaram a ser realizado no CEFAN, Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes, com sede na cidade do Rio de Janeiro, situado à

Avenida Brasil, onde em algumas vezes já havíamos realizado as provas de Atletismo. Com esta mudança de local, o desfile de abertura passou a ser desfile de encerramento e a ser realizado no Ginásio Poliesportivo da Faculdade de Educação física da UERJ, no campus da Universidade. O texto abaixo mostra que já foram realizadas em diversos espaços.

Nós já utilizamos vários espaços. Quando nós tínhamos natação, nós utilizamos o Júlio D’Lamare, o Parque Aquático da SUDERJ, o Clube Municipal, o Colégio Militar, o Grajaú Country Club, o Tijuca Tênis Clube. A gente sempre tem uma parceria com o Colégio Militar para o treinamento de atletismo (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p. 26).

As estafetas começaram em 1980, de acordo com a fala do Professor Raul Neto.

Esclarecimento: em 1980 começou a estafeta. Nós passamos a ter o 1º segmento com estafeta, totó, câmbio, handebol, futsal e todos os alunos participavam. Não ficava um aluno de fora. Todos participavam desse processo. Não havia separações. Fazíamos, no papel, as instruções e anotações e as professoras do primeiro segmento faziam a parte de sala de aula. (OLIVEIRA *et. al.*, 2013; p.12).

É importante destacar que o processo das Olimpíadas se insere num projeto de escola democrática e, portanto, as regras e estações das estafetas são construídas em conjunto com os alunos. Destacamos que além destas preocupações temos que nos preocupar com a prevenção da atendimento de saúde, o que necessita no dia do evento da presença de ambulância e de socorro a ser oferecido a qualquer urgência médica que por ventura possa surgir, além da preocupação constante em hidratar nossos estudantes. No passado a Companhia de Águas do Estado do Rio de Janeiro oferecia o serviço de “aguadeiros” que eram funcionários da própria companhia que iam ao local do evento para oferecer água potável aos presentes.

Sugerimos, ainda, que as instituições promotoras de Olimpíadas convidem pessoas que participaram de atividades semelhantes ou iguais, afim sedimentar o trabalho de construção de valores, que esta prática tão rica nos ofereça também a montagem de um livro de fotos de cada evento, o que servirá para ampliar a memória institucional, com fins de utilização pelos futuros participantes.

Sendo assim, percebemos o quanto a história da Universidade se conjuga com a própria criação e história do CAp-UERJ e, o surgimento e desenvolvimento das Olimpíadas Internas do Instituto veio a se caracterizar como elemento identitário dessa instituição educacional, cuja base se expressa na marca perpassada pelos ritos, tradições e valores perpetuados ao longo de 42 anos da existência das Olimpíadas.

### **3- Guia de procedimentos para organização de uma Olimpíada Escolar Desportiva nos moldes da realizada no CAp/UERJ**

1 – Incluir as olimpíadas no calendário da escolar, de preferência no último bimestre ou trimestre, em período no qual não sejam agendados provas e trabalhos.

2 - Escolher a ordem de sorteio das bandeiras - primeiro se sorteia a ordem das cores das bandeiras.

3 - Em seguida, ocorre o sorteio dos números que representam os alunos no diário de classe, possibilitando, por exemplo, que todos os alunos, que se fazem representar no diário de classe pelo número sorteado, sejam de uma mesma bandeira, respeitando-se a ordem das cores definidas anteriormente por sorteio.

Observação: Todo este processo ocorre entre o mês de março e o início do mês de Abril, com a divisão do Colégio em bandeiras. Nesse momento, todas as turmas, compreendendo alunos do 1º ano do Ensino Fundamental (E.F) aos alunos da 3ª série do Ensino Médio (E.M) são reorganizados em quatro bandeiras, por meio de sorteio.

4 - Inscrição dos candidatos a chefe de bandeira.

5 - Os alunos se candidatam, mas antes do processo eleitoral estes têm sua ficha disciplinar escolar levantada e avaliada pelos professores de Educação Física do CAp. Sendo assim, cada aluno é avaliado não só na dimensão pedagógica quanto ética.

6 – Os alunos referendados para se candidatarem à chefes de Bandeira poderão, a partir deste momento, iniciar a campanha. Esta campanha deverá ser feita em local pré-determinado pela equipe organizadora, que deverá se preocupar com a divisão igualitária do espaço. O período de campanha dura em média de uma a duas semanas.

7 – Com o período de eleições para chefes de bandeira por parte dos alunos, cada uma das bandeiras deverá eleger quatro chefes, dois meninos e duas meninas, sendo estes alunos da 1ª série ou 2ª série do Ensino Médio (E.M.). Votam os alunos desde o 3º ano do E.F até os da 3ª série do E.M.. As campanhas, inscrições e eleições são individuais, não havendo, portanto formação de chapas coletivas.

Observação: O “chefe de bandeira” eleito atua como organizador das equipes e tem *status* de líder legítimo dos alunos participantes. É o responsável pela organização e orientação dos alunos de sua bandeira, devendo incentivar e garantir a oportunidade de todos participarem durante os treinamentos e jogos.

8 - Para que um maior número de alunos participe e não somente os de maior habilidade motora, torna-se necessário também recompormos o CAP/UERJ em categorias, levando-se em consideração a data de nascimento e a disponibilização do mais amplo leque de modalidades desportivas possíveis. Desta distribuição podemos criar 1ª categoria, 2ª categoria, 3ª categoria e quantas forem necessárias, para dar conta de todos os alunos da escola. Recomendamos que os alunos do primeiro segmento sejam aglutinados por ano de escolaridade.

9 - As modalidades desportivas devem ser escolhidas e discutidas com a comunidade escolar.

10 - Cada aluno só poderá participar da Olimpíada em uma categoria, não podendo desta forma, por exemplo, o aluno da 2ª categoria A jogar o mesmo desporto na 2ª categoria B; e cada aluno só poderá ser inscrito em, no máximo, 02 (duas)

modalidades coletivas (futebol, basquete, volei) e 01 (uma) individual (atletismo, xadrez ou tênis de mesa).

11 - As inscrições deverão ser realizadas estabelecendo-se um número máximo e mínimo de alunos por desporto. Este número deverá ser o que está previsto nas regras do desporto ou estabelecido de acordo com as possibilidades/necessidades de na instituição, a partir de discussão com a comunidade escolar. Assim como as modalidades que deverão fazer parte das Olimpíadas.

12 - Deverá ser organizado um desfile cuja questão de existência não se importa com o que aconteça na abertura ou no encerramento. Este desfile é uma confraternização e serve também apresentação dos membros de todas as bandeiras.

#### 4- Memória imagética da prática pedagógica das Olimpíadas do CAp-UERJ

4.1 - Fotos colhidas do *Facebook*, no segundo semestre de 2016, demonstrando que esta chama permanece acesa. Há muitas outras fotos no Acervo de Memória citado e outras que poderão ser recolhidas por meio de atividade de pesquisa e extensão, com a participação de toda a comunidade escolar e dos licenciandos de graduação de diferentes áreas de conhecimentos. Neste guia, recolhemos apenas uma pequena amostra do que temos de potencial, o que pode suscitar projetos pedagógicos outros de longa duração.

##### A primeira olimpíada e seu mentor



### Desfile de abertura no Célio de Barros



### Pira olímpica no Célio de Barros





**Corrida do primeiro segmento do Ensino Fundamental na XXI Olimpíada –  
Célio de Barros**



**Campanha para chefes de Bandeira**



**Chefes da bandeira Amarela em ação no Ginásio Polidesportivo da Barrão deltapagipe. 1993**



**Torcida da Bandeira Azul no Ginásio da UERJ**





**Jogo de Handball na quadra externa da UERJ**

**Equipe de Educação e alunos mestre nos anos 80**



**Futebol de botão na Barão de Itapagipe**



**Jogo de Vôlei na quadra externa da Barão de Itapagipe**

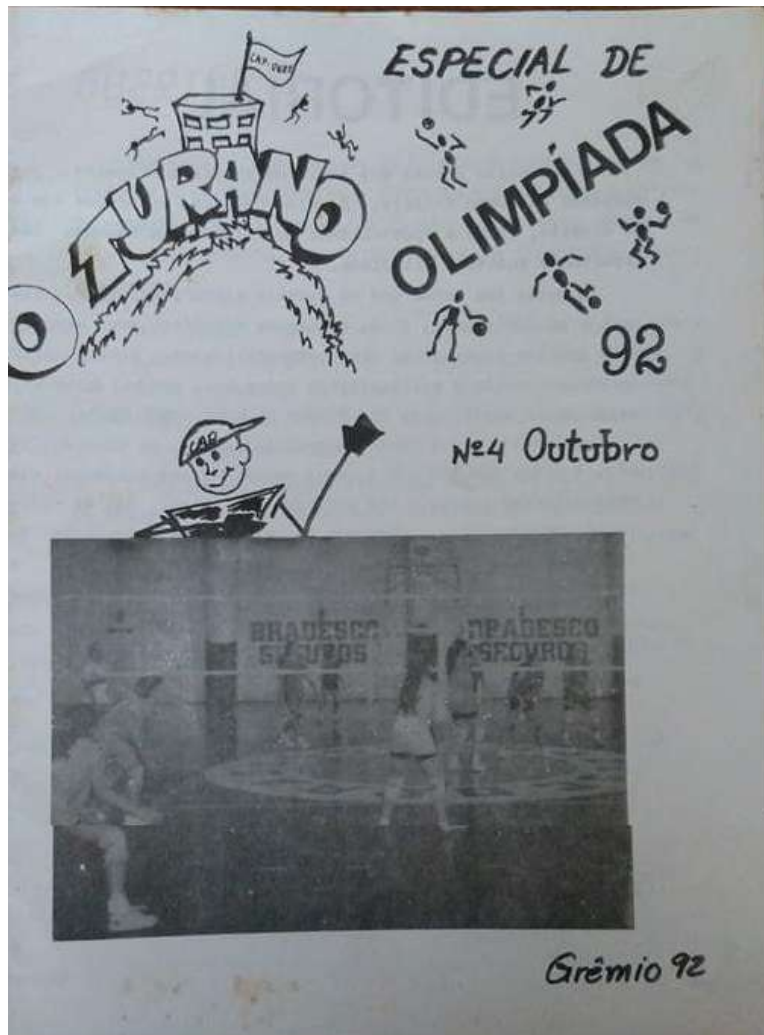
**Encerramento na Concha Acústica da UERJ – Ginástica no tempo da vovó**



**Salto em distância no Célio de Barros**



Totó do 1º Segmento  
na Rua do Bispo



# EDITORIAL

É um muito prazer que tenhamos no IAP o primeiro jornal mensal de nossa entidade. E, aqui por nós, desejamos um bom sucesso, tendo a oportunidade de falar de um assunto tão importante quanto a Olimpíada.

É muito bom saber que as pessoas ainda participam, vivem e se emocionam. Ainda conseguimos acreditar nos seus sonhos e nas suas realizações. Fica aqui também a convite e a incentivo a todos que, por ali estiverem, deixarem de participar. **SEM FICAR EM PÓS-SENTA POSTAL**

Aproveite a oportunidade para agradecer, em nome de Deus, a todos que têm nos ajudado desde a nossa criação. Das mais diversas formas e em diferentes níveis, não se esqueça de nós amigos... Obrigado principalmente a Comissão de Desportos, pela sua atenção e suas reportagens. Obrigado a todos que, de alguma forma, contribuíram para que este seja um sucesso (Valter Paulo, pelas fotos). E para quem não estiverem, ainda há tempo, venham ainda viver. Promovemos, estamos esperando vocês!!

Vinício Feres

# ABERTURA

Esta ano, a abertura da II Olimpíada começou com um grande show, devido a alguns fins que tivemos a entrada do estádio cheia de gente. Ainda assim, quando as pessoas se voltaram para trás, os atletas puderam reconhecer toda a sua força.

Vale ressaltar o fato que o técnico algarvio foi muito bem recebido e por sua volta de volta de Educação Física. É um sinal, a presença do técnico da Colégio para um melhor padrão foi lembrado pela falta de um dia, no campo de futebol "Precisamos nos sentir!"

Ainda assim, resta a esperança de manter vivo o espírito da Olimpíada, através dos alunos que acreditam na Olimpíada e que ela é, um evento, a maior festa de confraternização dentro do Colégio de Educação.

Vinício Feres  
Charles Freitas  
Leticia Rodrigues



# O COMEÇO

Assim como não faltou neste primeiro dia de Olimpíada. Houve grupos nos corredores, afim de fazer um show no futebol de 11 categorias. Logo depois, as lágrimas rolaram sobre os rostos das crianças de alguns atletas, mas elas foram parte deste momento especial. É uma pena que não possam gostar deste momento com vocês como este.

Conversamos com algumas pessoas e descobri que muitas delas não participam das Olimpíadas porque, embora gostem, dizem não saber jogar.

Então, se eu aprendo brincando! De todas maneiras suas, as Olimpíadas são melhores!!

Depois deste começo, que tal deixar de trabalhar e começar a brincar para as Olimpíadas de 77?

Cibela de Souza



# TÊNIS DE MESA

A decisão dos ganhadores do jogo de mesa se deu por 21 pontos no dia 27 de julho e pela de manhã. Tendo apenas um jogo, as partidas se passaram com relativa facilidade.

O jogo ficou com a Anli, a grata com a vencedora, a 1992

se também para a Anli e a que se tornou para a vencedora.

É importante destacar a falta de incentivo a esse esporte que se dá dentro do colégio nos dias em todo o país.

Parabéns às ganhadoras!!

Adriana Dedeira



### RED-TEAM

O time de Vermelha da 1ª Categoria Feminina estava realizando um torneio feminino reunindo atletas de várias equipes. O torneio foi realizado em uma quadra de futebol, e a Vermelha foi a vencedora.

No primeiro jogo da Vermelha, as jogadoras foram tiradas de campo, dando oportunidade a outras jogadoras da equipe. O jogo terminou com uma vitória da Vermelha por 2 a 0.

Africana Batista

### Que Furo!



A jornalista Arui havia sido chamada para fazer um reportagem sobre o futebol feminino. Ela foi para o estádio e ficou surpresa ao ver as jogadoras jogando em uma quadra de futebol.

A jornalista ficou muito feliz por ter visto as jogadoras jogando em uma quadra de futebol. Ela ficou muito feliz por ter visto as jogadoras jogando em uma quadra de futebol.

Katarina Bete




5.



6.

### No Bradesco




O jogo de futebol feminino da Vermelha foi realizado em uma quadra de futebol. O jogo terminou com uma vitória da Vermelha por 2 a 0.

Elton do Couto

### Cruzadinha

1		O						
2		L						
3		I						
4		M						
		5	P					
6		F						
7		A						
8		D						
9		A						



7.

- 1- Esporte no qual o Brasil levou o ouro (port.)
- 2- Uma jogadora agredida pelo juiz marroquino...
- 3- Local onde se realizaram os jogos do primeiro...
- 4- Bandeira do campeonato
- 5- Uma das chefes da ANACRA
- 6- Futebol
- 7- O coordenador técnico legal do CBPF, professor de Educação Física
- 8- Bandeira campeã
- 9- Será ela é responsável se jogar futebol, handebol, B.



## Informe Publicitário

SUCRIAS DOZ, DE DOCE E SALGADO FISCO LTDA, S/A.

Responsável pela cantina do Csp/UNJ, estamos recebendo apoio e supervisão do setor de Nutrição da UNJ.

Essas condições são feitas para você ter uma alimentação balanceada que possa favorecer seu crescimento e rendimento escolar.


Diariamente temos produções especiais:

FEIJÃO - SALSICHA E BIFEITO - SALGADO - DOCE DIVINHO -  
 ARTIGO DE CONVINHO - ESPRICHADO - BOCOS/VITAMINAS -  
 - ESPRICHADO -

Procure se informar.  
 Aprenda a economizar, economizando seu dinheiro.  
 VALORIZE A SUA SAÚDE!

### PERIGO:


AGRESSÃO



Lamentável é o que aconteceu durante o jogo de futebol da UNJ na UNJ. Das ações arbitrais justas com a atitude de um chefe que levada o campo no meio do jogo e agrediu o juiz, causando uma confusão geral no estádio.

No dia seguinte, a intromissão de equipe organizadora que alegou não poder integrar a arbitragem de jogos passados, gerou revolta com os jogadores da bandeira Amil, que jogaram com tarjas pretas nos braços.

Diana Vilas Boas





O jogo da Verde e Azul...  
 a teve um clima de muita...  
 petativa e tensão, pois...  
 a final da 2ª categoria...  
 lina no Voleibol. Tudo era...  
 tive de vibração, cada...  
 que era um sorriso, e cada...  
 to um momento de muita...  
 e alegria.

O primeiro set foi liber...  
 do pela Verde e tempo todo, e...  
 um jogador desta bandeira...  
 um cartão amarelo.

De segundo set continuou...  
 e clima de bastante tensão, e...  
 de se havia a preocupação...  
 de ter que levar a medalha de...  
 ou no peito. Neste set, a...  
 pela chegou a encostar no...  
 que com a Verde, mas esta...  
 outra conseguiu reverter e...  
 com a frente, ganhando o...  
 e levando a oitavo medalha...  
 de ouro.

Parabéns Verdão!  
 Tatianna Melo

**HAIÓVISK!**




**Capinho Argent**

As Olimpíadas foram...  
 No primeiro jogo as...  
 se estava com vontade de...  
 não era com medo de perder. O...  
 primeiro jogo Vermelho e Azul...  
 foi 2x1, foi um jogo muito...  
 vivo. O segundo jogo foi...  
 de 2x1, a Verde deu uma...  
 goleada de 4x1.

De outros jogos também...  
 mas difíceis, e a Azul e a...  
 Vermelha venceram de frente.

O outro jogo decisivo...  
 foi o jogo de ouro, a Azul...  
 a Vermelha. De a Verde...  
 perdeu, a Vermelha ganhou...  
 o ouro, mas se permitiu...  
 o ouro para a Azul. E a...  
 venceu de 2x1.

Parabéns 1º Lugar Azul,  
 2º Vermelha, 3º Verde e ao...  
 ao 1º lugar amarelo.

Guilherme de Almeida




**GHOST** O outro lado da OLIMPÍADA

O CAP queria agradecer e parabenizar a presença e a...  
 tenaz atenção e dedicação dos chefes de bandeira na...  
 chegada do colégio Tormentuária a cidade com a qual...  
 de um deles conquistou um excelente segundo lugar...  
 atletas.

Querido também, homenagear [ 24 que a que vive as Olimpí...  
 adas é o sentimento de união e participação), o chefe da...  
 desta Vermelha Antônio Vicente da turma II] pelo seu 1º...  
 de sempre conquistado no dia 30 de maio anterior.

Como quem sempre fala mais alto é o amor e tendo...  
 sua viva presença durante os outros dias de Olimpíada, sua...  
 participação e seu espírito de liderança, o CAP acha que...  
 houve cada dia mais no fato de ter abandonado seus...  
 atletas por um dia pela comemoração de seu aniversário de...  
 16, 24 que nos chefes retaram, e estamos mesmo, dispostos...  
 a mostrar seu apoio em toda liberdade e amizade que um...  
 chefe deveria ter!

Dafax! Dafax! Loto




**É JUSTO?**

Queremos primeiramente...  
 parabenizar os...  
 que tanto incentivaram...  
 atletas.

Mas é que o...  
 sentido, é um...  
 enquanto uma...  
 incentivaram os...  
 outros...  
 atletas, uma...  
 outra...  
 atletas, de...  
 seja

e não a...  
 de um...  
 e super...  
 gritava...  
 21º...  
 Para...  
 essa...  
 nos...  
 Verde e...  
 21º...  
 Olimpíada.

Presentes...  
 26



## ELA É SUA!

A cada ano que passa, cres-  
ce em nós a certeza de que a  
II Olimpíada do CAP nunca vai  
faltar, porque é a nossa e a de  
quem por parte do colégio que  
ela participa. Esta ano, com um  
brilho especial nos alunos que  
viveram essa II Olimpíada! Alg-  
uns trabalhos que fizeram  
sua parte e lembranças a que  
agora se despedem desta grande festa.

VALÉU!  
Diana Vilas Boas



\*Tudo que é bom no dia acaba!  
E a Olimpíada do CAP não foge a  
essa regra. No domingo, dia 4, o  
aluno esteve lotado. Muitos alunos  
para assistir a apresentação  
dos alunos do 1º segmento, e  
outros para ouvir a  
mensagem de sua família.

De alunos do Capicho foram um  
colégio todo especial no momento  
desta, conquistando a vitória com sua  
alegria e entusiasmo.

Outro, após esse momento de  
conquista, chegou o momento de  
parabenizar a vitória do vencedor da  
II Olimpíada do CAP. A vitória  
foi para o aluno de 1º segmento  
e o vencedor foi o Prof. Aristóteles de  
Siqueira de M. Fátima Fez. Aos  
alunos, pois que sempre a  
apresentação dos primeiros lugares  
na festa, em seguida após os  
alunos de 1º segmento chegou o  
momento de parabenizar a vitória  
e o vencedor!

Diana Vilas Boas



ENCERRAMENTO



### A EQUIPE:

- Adriana Batalha - 123
- Charles Freitas - 221
- Cibele de Aquino - 712
- Diana Vilas Boas - 223
- Ellen do Couto - 811
- Frederico Belline - 711
- Katarina Reis - 712
- Guilherme de Andrade - 412
- Luciana Rodrigues - 221
- Rafael Haddock Lobo - 223
- Simone Lugão - 223
- Viviane Pires - 221

### DATILOGRAFIA/DIAGRAMAÇÃO:

- Simone Lugão


### DESENHOS/LETRAS

- MARCOS VINÍCIUS FRANCO


### FOTOS:

- Frederico Belline  
(PAULO!)

VALEU!



Hoc 92



## 5 - Considerações finais

Este trabalho é o produto da dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós – Graduação em Ensino de Educação Básica, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Cotidiano e currículo no ensino fundamental, no ano de 2017, intitulada "Vestindo a camisa" do CAp-UERJ: Sentidos das Olimpíadas Escolares no contexto da escola pública.

No primeiro item desse trabalho é apresentado um breve histórico sobre a prática pedagógica das Olimpíadas do CAp-UERJ, no segundo item montamos um guia de procedimentos para organização de uma Olimpíada Escolar Desportiva nos moldes da do CAp-UERJ e o terceiro e último item apresenta modesto levantamento de exemplos captados da memória imagética da prática pedagógica das Olimpíadas do CAp-UERJ.

Temos como intuito contribuir com a formação inicial de futuros licenciandos de Educação Física e com a formação continuada de professores de Educação Física, mas diversas outras ações, incluindo todos os membros da comunidade escolar e dos formandos da Educação Superior (Graduação e Pós-Graduação) podem ser protagonistas destes projetos.

## 6 - Referências Bibliográficas

Centro de Memória Institucional Fernando Sgarbi Lima

OLIVEIRA, E. R. de; SILVA, L. T; WANDERLEY, S. In **Mosaicos**. Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa Extensão e Cultura. Rio de Janeiro: UERJ/Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp/ UERJ). v.2, n.3,p. 1-37 2013. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/emosaicos/issue/view/663>>. Acesso em: 15/08/2014

VASCONCELLOS, L. M. V. "**Vestindo a camisa**" do CAP/ UERJ: **Sentidos das Olimpíadas Escolares no contexto da escola pública**: Programa de Pós – Graduação em Ensino de Educação Básica, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Cotidiano e Currículo no Ensino Fundamental - CAP-UERJ, 2017.